UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
ÁREA DE FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

EDNALVO APÓSTOLO CAMPOS

O dativo de terceira pessoa no português culto falado em Belém

São Paulo
2010

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
ÁREA DE FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

O dativo de terceira pessoa no português culto falado em Belém

Ednalvo Apóstolo Campos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre na área de Filologia e Língua Portuguesa.

Orientador: Profa. Dra. Márcia Santos Duarte de Oliveira

São Paulo
2010

BANCA EXAMINADORA

_____
Orientadora: Profa. Dra. Márcia Santos Duarte de Oliveira (DLCV / USP)

_____
Profa. Dra. Maria Aparecida Torres-Morais (DLCV / USP)

_____
Profa. Dra. Rosane Andrade Berlinck (Unesp / Araraquara)

SUPLENTES

_____
Profa. Dr. Gabriel Antunes (DLCV / USP)

_____
Profa. Dra. Maria Clara Paixão de Souza (DLCV / USP)

_____
Prof. Dr. Tércio Campos Polli (Unicamp)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, especialmente, à minha orientadora, Profa. Dra. Márcia Oliveira pela convivência, amizade e parceria em muitos trabalhos. Esses vários meses em sua companhia na FFLCH foram sempre profícuos e de muita aprendizagem.

Agradeço à Banca que participou da qualificação pelas importantes contribuições: Profa. Dra. Iris Bachmann e Profa. Dra. Maria Aparecida Torres-Morais. À professora 'Cida', em especial, pelas trocas de e-mail e empréstimos de material, agradeço muitíssimo.

À minha Instituição Universidade do Estado do Pará (UEPA) que me concedeu licença e bolsa de estudos, o que me possibilitou tranquilidade e dedicação para os estudos.

À minha família: meus pais Maria de Lourdes e Otávio Campos pelas dificuldades por que passaram para que pudéssemos estudar; aos meus irmãos e irmãs Ana Célia e Iracilda sempre presentes, especialmente Iracilda e esposo Darlindo Veloso: o apoio de vocês em vários momentos foi crucial.

Aos amigos e amigas que ficaram distantes, em Belém, mas de algum modo sempre presentes e aos novos amigos, em São Paulo: Júlio, Fernando e Valtinho cuja amizade e companhia tem sido muito valiosas para humanizar o 'concreto da metrópole'.

R E S U M O

Esta dissertação faz um estudo do dativo de terceira pessoa no português culto falado em Belém. Os passos utilizados para se chegar a esse estudo foram dois: um levantamento criterioso da descrição do objeto indireto nas principais gramáticas de língua portuguesa e em vários estudos (artigos, dissertações, teses) com base em descrições lingüísticas. A literatura sobre a expressão do dativo na variedade brasileira do português, de modo geral, aponta importantes mudanças que vêm ocorrendo. Essas mudanças alteram a estrutura dativa prototípica (V+SN+aSP) e ocorrem em meio a diferentes estratégias: emprego da preposição 'para' em lugar 'a'; emprego das formas tônicas preposicionadas 'a/para ele(s)' / 'a/para ela(s)' na referência anafórica em lugar do clítico de terceira pessoa 'lhe'; emprego do objeto indireto nulo; emprego de SNs plenos. A análise do corpus, coletado em entrevistas televisivas, revelou variações no emprego das construções dativas em Belém, porém essas variações não corroboram categoricamente as mudanças apontadas pelos estudos implementados em outras regiões. Tanto o 'lhe' dativo quanto a preposição 'a' são ainda recursos bastante utilizados nas construções dativas no belenense culto.

Palavras-Chave: Português Brasileiro; Sintaxe; Objeto Indireto/Dativo.

A B S T R A C T

This dissertation makes a study analyzing the use of the third person dative in the formal Portuguese spoken in Belém. In order to arrive at this study, two steps were followed: a thorough survey of the descriptions of the indirect object found in the main grammars of Portuguese and in many other sorts of studies (such as: articles, dissertations and theses) based on linguistic analyses. The literature on the use of dative in the Brazilian Portuguese shows that significant changes in this usage are happening. These changes modify the prototypical dative structure (V + SN + aSP), and besides they occur in different contexts: the speaker uses the preposition "para" instead of using "a"; the usage of tonic prepositional forms "a/para ele(s)" / "a/para ela(s)" in anaphoric reference instead of the third person clitic "lhe"; the usage of null indirect object; the usage of full SNs. The analysis of the corpus collected in television interviews revealed variations in the usage of dative constructions in Belém, however these variations do not corroborate categorically to changes found by other studies in other regions of Brazil. Not only the dative pronoun "lhe", but also the preposition "a" are resources very used in dative constructions in the formal belenense.

Keywords: Brazilian Portuguese; Syntax; Indirect object/Dative.

SUMÁRIO

Apresentação 07

PARTE I 09

1. Introdução 09

1.1. O português brasileiro 10

1.2. Algumas considerações sobre o clítico lhe 12

2. O complemento objeto indireto no português: investigando a literatura 17

2.1. Os Gramáticos 20

2.1.1 O complemento verbal em Brandão (1963) 20

2.1.2. O complemento verbal em Almeida (1999) 25

2.1.3. O complemento em Cunha & Cintra (1985) 26

2.1.4. O complemento verbal em Bechara (2009) 27

2.1.5. O complemento em Rocha Lima (2007) 33

2.2. Os Linguistas 35

2.2.1. O objeto indireto em Câmara Jr. (1981) 36

2.2.2. O objeto indireto em Neves (2000) 37

2.2.3. O objeto indireto em Mateus et alii (2003) 39

2.2.4. A tipologia de dativo em Berlinck 91996) 41

2.2.5. Os estudos de Torres Morais & Berlinck (2006, 2007) 44

2.2.6. O estudo de Figueiredo e Silva (2007) 48

2.2.7. O estudo de Oliveira (2003) 49

2.2.8. O estudo de Iseke Bispo (2004) 51

2.2.9. A alternância dativa em português não culto falado no Brasil 50

3. A complementação dativa e oblíqua 55

PARTE II 61

1. O complemento verbal objeto indireto 61

2. A análise dos dados e a estrutura sintagmática 62

2.1. A noção de predicado na teoria sintática 63

2.2. A Teoria X-Barra 65

2.3. A Teoria X-Barra e o complemento objeto indireto 66
2.4. A projeção de verbos ditransitivos com base em vP e VP 69
2.5. A projeção de adjuntos.transitivos com base em vP e VP 72
2.6. A projeção de complementos oblíquos com base em VP 73

PARTE III 74
1. O complemento verbal objeto indireto no português oral culto em Belém..... 74
1.2. O corpus 75
1.3. O gênero entrevista televisiva 77
2. Análise do corpus 80
2.1. A construção ditransitiva preposicionada 80
2.1.1. Construção dativa preposicionada – preposição ‘a’ 82
2.1.2. Construção dativa preposicionada – preposição ‘para’ 91
2.2. Construções com lhe (dativo) 96
2.2.1. Construções com lhe (acusativo) 104
3. A construção oblíqua 108
4. Outros casos de complementação verbal 115
4.1 Objeto direto preposicionado 115
4.2. Construção sem a preposição ‘a’ 118
4.3. Análise quanto à mudança da preposição ‘a’ por ‘para’ 119
4.4. Quanto à caracterização semântica dos predicadores ditransitivos e dos seus argumentos 120
4.5. Quanto às estratégias de uso do complemento dativo no corpus 123
5. Conclusão 124
4. Referências Bibliográficas 126
5. Anexos 130

Apresentação

Os estudos recentes sobre o complemento verbal preposicionado em língua portuguesa têm apontado variações quanto à caracterização do objeto indireto nas variantes do português falado no Brasil e em Portugal. Em relação ao Brasil, essa caracterização também apresenta variações, quer no uso da preposição ‘a’ ou ‘para’, quer no emprego do clítico ‘lhe’ ou das formas tônicas preposicionadas ‘a/para ele(s)’ / ‘a/para ela(s)’ na referência anafórica, quer no emprego do objeto indireto nulo.

O principal objetivo desta dissertação é descrever e analisar, ao menos inicialmente, o dativo de terceira pessoa no português culto falado em Belém e, assim, ampliar o legue de investigação sobre os falares cultos brasileiros para a região Norte do país, somando-se ao conjunto de trabalhos que visam a apontar as diferenças entre o português falado no Brasil e em Portugal e entre outras variedades brasileiras.

Portanto, assume-se a posição defendida pelos estudos contemporâneos em linguística no Brasil – o estatuto de um português brasileiro (PB), *versus* português europeu (PE). Assume-se, também, o termo dativo como sinônimo de objeto indireto, ou seja, complemento preposicionado que apresenta a possibilidade de ser substituído pelo clítico ‘lhe’.

A dissertação está organizada e dividida em três partes: Partes I, II e III.

Na Parte I, apresentam-se, na introdução, algumas considerações sobre o surgimento dos estudos voltados à descrição do português brasileiro, bem como algumas diferenças entre as variantes brasileira e portuguesa – principalmente sobre o uso dos pronomes, com ênfase no clítico ‘lhe’. Além dessas considerações inicias, a Parte I centra-se em apresentar resenhas sobre o tratamento dado ao objeto indireto tanto pelos estudos de tradição normativa (as renomadas gramáticas), quanto pelos estudos de descrição com base em pressupostos linguísticos. No tópico 3, final da Parte I, apresenta-se uma síntese em forma de cotejo das diferentes características encontradas na literatura sobre o complemento dativo, resumida nas tabelas 1 e 2.

Na Parte II, apresenta-se a subteoria X-Barra, modelo sintagmático a ser utilizado para a descrição e análise dos dados em sua versão recente pré-minimalista/minimalista que contempla a ‘estrutura dativa’ por meio de vP/VP, bem como os pressupostos teóricos que englobam a escolha do modelo sintagmático. Define-se também, com base nas resenhas feitas na Parte I, a(s) estrutura(s) sintagmática(s) adequada(s) à descrição das sentenças selecionadas.

Por fim, na Parte III, procedem-se ainda a algumas considerações sobre a ‘natureza’ do corpus bem como o gênero a ser analisado e a descrição e análise do corpus com base nas seguintes estruturas: (i) construção dativa preposicionada, (ii) construção com o clítico ‘lhe’ e (iii) construção oblíqua. Além da descrição com base nas estruturas mencionadas, na análise das sentenças, faz-se uma comparação do complemento dativo em Belém com as análises já realizadas sobre o português culto falado no Brasil conforme a literatura resenhada na Parte I.

PARTE I

1. Introdução

Ao propor uma pesquisa sobre a realização do dativo no português oral culto de Belém, objetivo deste trabalho, percebeu-se que o caminho a percorrer teria de abarcar um estudo que levasse em conta: o emprego das preposições ‘a’ e ‘para’ (além de outras como ‘de’, ‘em’ e ‘com’); a questão da complementação verbal; a oposição dativo *versus* complemento oblíquo; o emprego do clítico ‘lhe’ como dativo anafórico e ainda um estudo referente aos traços gramaticais (funcional/lexical) das preposições que introduzem sintagmas complementos preposicionados.

Os estudos sobre complemento verbal distinguem o dativo (objeto indireto) dos demais complementos oblíquos (complemento relativo/circunstancial) em função da natureza da preposição que encabeça o sintagma preposicionado. O sintagma preposicionado será um complemento dativo quando o mesmo for de natureza [+ animado] e introduzido pela preposição funcional ‘a’ (cf. Bechara (2009), Mateus et alii (2003) e Rocha Lima (2007)); será um complemento oblíquo quando introduzido pelas preposições ‘a’, ‘de’, ‘em’, ‘com’ e ‘para’ com estatuto lexical, cumprindo papéis semânticos do tipo: *tempo, locativo, companhia,* etc. Nesses casos, o complemento oblíquo recebe também o rótulo de complemento relativo ou circunstancial (conf. Bechara 2009, p. 419 e Rocha Lima (2007)).

Esta pesquisa se justifica por juntar-se a outros estudos referentes ao português brasileiro. Esses estudos atestam significativas diferenças em relação ao português europeu: no quadro da pronominalização; na parametrização do sujeito; no emprego de complementos verbais preposicionados, etc. Logo, ratificando o que foi dito, analisar o uso do objeto indireto no português de Belém possibilitará uma contribuição nesse quadro de descrições do português brasileiro.

1.1. O português brasileiro

O debate sobre a variante de português falada no Brasil ocupa a ‘agenda de estudos’ há muitas décadas. Uma das primeiras hipóteses levantadas sobre o PB –

a hipótese da crioulização, defendida e contestada em vários momentos, já teve por várias vezes retorno à agenda. Segundo Pagotto (2007, p. 461) "[...] *a possibilidade de crioulização como uma das origens das mudanças linguísticas que redundaram no que hoje é o português – ou os portugueses – do Brasil é questão que deve continuar na ordem do dia*". Essa discussão está presente nos estudos de Adolpho Coelho (1880, 1882), Silva Neto (1950), além de trabalhos recentes que retomam o debate da crioulização do PB como Guy (1981, 1989) e Holm (1987).

As principais contestações sobre a hipótese da crioulização do PB vieram de pesquisadores como Naro & Scherre (1993; 2007) que defendem que o português popular do Brasil resultou de uma "confluência de motivos"; Tarallo (1996a, 1996b) contra-argumenta a hipótese da crioulização defendendo que o português não pode ter sua origem em um crioulo de base lexical portuguesa pois estaria agora se descrioulizando e seguindo na direção da língua-alvo, no entanto as pesquisas revelam o inverso, pois o PB está se distanciando do PE.

Atualmente, fala-se cada vez mais em português brasileiro no ambiente acadêmico e isso se deve aos recentes estudos que atestam diferenças bastante singulares no uso da língua portuguesa por falantes brasileiros. Esses estudos revelam: (i) mudanças no quadro pronominal; (ii) mudanças no complemento verbal preposicionado; (iii) mudança na parametrização do sujeito – sujeito não-nulo; (iv) mudança na parametrização do objeto (conforme Cyrino, Duarte & Kato (2000), Duarte (1996), Figueiredo e Silva (2007), Galves (1987, 1998, 2001), Kato (1999), Tarallo (1983), Torres Morais & Ribeiro (2005), entre outros.

Os estudos iniciais sobre o português brasileiro, desenvolveram-se a partir de projetos coletivos entre pesquisadores de diversas instituições nacionais. Um desses projetos, o NURC – Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta –, foi idealizado no final dos anos 60 e desenvolvido por pesquisadores de instituições das regiões Sul, Sudeste e Nordeste, resultando em outro grande Projeto – o Projeto Gramática do Português Falado no Brasil – PGPFB, conforme Castilho (2006, p. 12)[1].

Para desenvolver o PGPFB os pesquisadores foram distribuídos em GTs (grupos de trabalho) nas áreas de: Fonética e Fonologia; Morfologia Derivacional e

[1] Do PGPF já foi lançado o primeiro volume: Gramática do Português Culto falado no Brasil, e prevê o lançamento de mais 4 volumes, conforme Texto de Apresentação de Castilho in Jurban & Koch (2006, p. 24).

Flexional; Sintaxe das Classes de Palavras; Sintaxe das Relações Gramaticais; Organização Textual-Interativa – cf. Castilho (2006: 12). Em 2006, consolidou-se a publicação do 1º volume da "Gramática do Português Culto Falado no Brasil" e, em 2009, o segundo volume.

Estudos como esses, que desencadearam na publicação da 'Gramática do Português Culto Falado no Brasil', baseada no português 'tipicamente brasileiro', discutem um leque de motivos a serem entendidos como fundamentais para a compreensão das mudanças sistemáticas que ocorrem no português brasileiro – PB, e que distanciam esta língua de outras línguas românicas, incluindo o português de Portugal – PE.

Outros estudos como os de Teyssier (1984) e Nol (2008) sobre a história da língua portuguesa abordam um leque de características particulares à fonética, fonologia, morfologia e sintaxe do PB. Teyssier (1984) aponta a diversidade geográfica e cultural observadas hoje no Brasil e as mutações ocorridas com a forte urbanização e industrialização:

> *[...] as mutações rápidas ligadas à urbanização e à industrialização tornam a realidade atual particularmente instável. Mas é sem dúvida nas grandes cidades que se elabora hoje, nas camadas socioculturais superiores, uma norma brasileira.*
>
> (Teyssier, 2004, p. 98)

De modo geral, as análises e hipóteses sobre as mudanças sistemáticas que vêm ocorrendo no português brasileiro levam em conta[2]:

(i) processos importantes que o Brasil atravessou durante três séculos (alguns ainda em curso) como o crescimento demográfico do país, a urbanização e a ocupação do interior do país;

(ii) a complexidade linguística brasileira marcada em seus mais de 500 anos de história pela presença das línguas indígenas, pelas línguas faladas pelos escravos africanos e as línguas européias e asiáticas faladas pelos imigrantes;

[2] Conforme Oliveira (a sair: cap. 1; subseção 2).

(iii) a “deriva secular” – processos de mudança comuns a todas as línguas indo-européias.

Segundo Tarallo (1996), é na passagem do século XIX para o século XX que ocorrem grandes mudanças quantitativas no Brasil. Para o autor, essas mudanças já vinham ocorrendo há muito, no entanto, é somente nesse período que diversas circunstâncias sociais permitem o aflorar de uma gramática brasileira diferenciada da gramática do português europeu.

Na próxima seção apresentam-se algumas considerações sobre a variação em relação ao uso dos pronomes em PB e PE e sobre as mudanças que vêm sendo atestadas em relação ao pronome clítico de terceira pessoa ‘lhe’.

1.2. Algumas considerações sobre o clítico lhe

A utilização dos pronomes é um aspecto bastante interessante no português brasileiro porque atesta uma das mais significativas mudanças em relação ao português europeu. A tradição gramatical, no entanto, não dá muita ênfase a essas mudanças e, de modo geral, apresenta um quadro pronominal comum ao PE e PB, conforme quadro extraído de Bechara (2009, p. 164), abaixo:

PRONOMES PESSOAIS RETOS			PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
			Átonos	tônicos
	1ª.p.	*Eu*	*me*	*mim*
Singular	2ª. p.	*tu*	*te*	*ti*
	3ª.p.	*ele, ela*	*lhe, o, a, se*	*ele, ela, si*
	1ª. p.	*nós*	*nos*	*nós*
Plural	2ª. p.	*vós*	*vos*	*vós*
	3ª. p.	*eles, elas*	*lhes, os, as, se*	*eles, elas, si*

O quadro acima é, claramente, uma descrição do português padrão expressa nas gramáticas, com poucas variações. Curiosamente, são apresentadas formas menos usadas como ‘tu’ ou em total desuso no Brasil como ‘vós’ (e também no português

europeu contemporâneo), em detrimento a formas amplamente utilizadas como ‘você’ e ‘a gente’. Em respeito a essas formas, inclusive, são feitas observações à parte sobre o seu uso, apresentando ‘você’, geralmente, na sessão sobre pronomes de tratamento e ‘a gente’, normalmente, em notas que esclarecem o seu uso coloquial como pronome de primeira pessoa (conf. Neves, 2000, p. 469).

As diferenças na sintaxe pronominal entre o PE e o PB trazem revelações consideráveis, visto que é diferente o estatuto atribuído por falantes brasileiros e portugueses a enunciados aparentemente idênticos. O licenciamento das formas pronominais tônicas ‘a ele’ no PE são construções com redobro obrigatório do clítico, ao contrário do PB[3].

(01) a. Dei-lhe o livro a ela (PE/*PB)

b. Dei o livro a ela (PB / *PE)

Além de construções com o redobro do clítico obrigatório, o uso das formas pronominais tônicas no PE está condicionado a interpretações contrastivas ou enfáticas (conf. Torres Morais & Berlinck (2006, p. 9):

(02) Enviei o livro *a ele*, não a seu irmão

Quanto às formas pronominais átonas Freire (2005) menciona que no português padrão, estabeleceu-se uma distinção entre a terceira pessoa e as demais:

> *Na primeira e na segunda pessoas, os clíticos me, te, nos e vos desempenham as funções acusativa, dativa e reflexiva, enquanto há uma especialização na terceira pessoa: o e flexões para a função acusativa; lhe e flexão para a função dativa; se para a função reflexiva[4].*
>
> (Freire, 2005, p. 19)

O uso das formas pronominais observadas por Freire (2005) são referentes ao português padrão. Em PB, os clíticos de terceira pessoa na função acusativa (*o, a, os, as*) e dativa (*lhe, lhes*) são normalmente empregados na linguagem culta mais formal. Diversos estudos atestam que esses clíticos não fazem parte da gramática

[3] Torres Morais & Berlinck (2006, p. 6); dados renumerados.

[4] Grifo nosso.

das crianças e são aprendidos em contextos de escolarização (conf. Berlinck (2001a), Freire (2000), etc.).

O estudo de Freire (2005) sobre a modalidade escrita mostra que, no PB, o uso dos clíticos em função acusativa é expressivo somente em eventos de comunicação marcados com o traço [+letramento] e preferencialmente em contexto de ênclise ao infinitivo[5]:

(03) Mas ao mesmo tempo ela pode valorizar outras realidades ao mostrá-las.. (PB: Revista *Domingo* do *Jornal do Brasil*, 06.06.1999 - Entevista)

Em relação à função dativa também ocorre somente em contextos de letramento 'extremo' e a implementação de estratégias alternativas à variante prescrita pela tradição na escrita.

Freire (op. cit.) aponta o vasto emprego de 'lhe' tanto na função acusativa de 2ª. pessoa quanto dativa, concorrendo com a forma 'te', conforme os exemplos abaixo[6]:

(04) Então se inicia com o problema, você está se formando em Letras, se você vai ser professora hoje, começando a trabalhar, se você formasse agora e começasse esse mês a trabalhar e fosse trabalhar, Deus lhe ajude, quarenta horas por semana como qualquer trabalhador normal [...]

(05) Doc.: Vamos falar sobre jogos, o senhor assiste jogo?
Loc.: Olha eu, como eu lhe disse, assisto tudo, sou fã incondicional de futebol.

Freire (2005) argumenta que esse uso de 'lhe' em lugar de 'te' pode ter explicação com a entrada do pronome de segunda pessoa 'você' no quadro pronominal do PB:

> *Esse uso de lhe concorrendo com te deve-se muito provavelmente à introdução no PB da segunda pessoa indireta você que, por exigir a concordância verbal na terceira pessoa, admite os clíticos de terceira pessoa nas funções oblíquas, conforme já descrevia Rocha Lima (1998:317). Como o clítico acusativo o está em franco desaparecimento, passou a caber ao clítico lhe, por analogia com as*

[5] Freire (2005, p. 119); dado renumerado.
[6] Freire (2005, p. 27); dados renumerados.

> *demais formas pronominais átonas, representar tanto a função acusativa quanto a dativa na segunda pessoa [...]*[7]
>
> (Freire, 2005, p. 27-28)

Outros pesquisadores (conforme Kato (2001); Figueiredo e Silva (2007), entre outros) também argumentam que a ocorrência de 'lhe' em contextos onde normalmente se emprega 'te' constitui-se marca de formalidade, ou seja, o uso de 'te' denota uma grau de intimidade entre os interlocutores e, por conta disso, o falante, que já não tem muita intimidade com o clítico 'o' passa a empregar o 'lhe'.

Na cidade de Belém é muito produtivo o emprego do pronome 'lhe', mas é bem provável que esse uso não esteja ocorrendo conforme o português europeu, ou seja, não está restrito à terceira pessoa, conforme ocorre em outras regiões do Brasil. Esse é outro aspecto para o qual a pesquisa se voltará, pois o pronome 'lhe', como é sabido, está diretamente ligado à expressão do objeto indireto.

Nesta primeira parte do trabalho, antes de proceder à análise dos dados em questão fez-se uma busca nas gramáticas tradicionais sobre complementos dativos e também procurou-se resenhar significativos trabalhos linguísticos no PB sobre o tema. Pode-se observar que as noções de complemento indireto não são unânimes entre as gramáticas pesquisadas – e isso se deve basicamente a três fatores: (i) os complementos verbais preposicionados recebem rótulos distintos; (ii) não há unanimidade entre os estudos quanto à distinção entre objeto oblíquo e objeto indireto; (iii) algumas classificações carecem de esclarecimentos do que seja um complemento dativo e demais complementos preposicionados. Sobre a pesquisa feita da descrição dos linguistas, aponta-se a tipologia dativa de Berlinck (1996) que inclui as preposição 'a', 'para', 'em' e 'de' nas estruturas transitivas em PB, contrastando-se a Mateus et alii (2003) que inclui somente 'a', ficando limitada à expressão do OI no PE.

Além das resenhas, mencionadas acima, consta nesta Parte I do trabalho, uma síntese (no item 3) em que se apresenta, em forma de tabelas, as principais características do complemento dativo e do complemento oblíquo observadas nas resenhas.

---

[7] Grifo nosso.

2. O complemento verbal objeto indireto no português: investigando a literatura

A tradição gramatical classifica os termos da oração em essenciais, integrantes e acessórios. São termos integrantes os complementos verbais: objeto direto e objeto indireto e complemento relativo; e acessórios os adjuntos nominais e verbais[8]. Essa classificação está, quase sempre, baseada em critérios nocionais e ao priorizar esse critério, nem sempre é possível dar conta das 'múltiplas faces' da complementação. A título de exemplo, transcreve-se a definição aos termos integrantes e acessórios dada por Almeida (1999):

> *Enquanto os termos integrantes são exigidos na oração para que esta tenha sentido completo, os termos acessórios são acréscimos acidentais que nela aparecem com efeito meramente informativo.*
>
> (Almeida, 1999, p. 430).

A definição dada por Almeida (op. cit.), acima, sobre os termos acessórios, torna difícil aceitar que o sintagma 'a Belo Horizonte', classificado como adjunto adverbial, seja um mero acessório, ou 'acréscimo acidental' na sentença (6), abaixo[9]:

(6) Fui *a Belo Horizonte*

Almeida (1999) explica que o objeto indireto é exigido pelo verbo ao passo que o adjunto adverbial não o é. Assim, o verbo 'ir', por não ser verbo transitivo, terá como termo adjungido a ele – um adjunto adverbial. Essa explicação parece estar baseada em critério puramente nocional, pois considera 'ir' como verbo de predicação completa (intransitivo). No entanto, retomando o que já foi dito, conceber o sintagma preposicionado 'a Belo Horizonte' como um adjunto, em razão de sua 'natureza locativa', seria aceitar que esse adjunto, em particular, seja um acessório com caráter meramente informativo ou um 'acréscimo acidental', o que não parece ser o caso.

---

8 Conforme Cunha & Cintra (1985, ps. 119, 134), Almeida (1999, p. 410), Rocha Lima (2007), Brandão (1963, p. 28) – Brandão classifica os complementos em essenciais (o objetivo, o terminativo e o predicativo do sujeito e do objeto) e acidentais (o atributivo e o circunstancial).

9 Almeida (1999, p. 432), renumerado.

Uma explicação bem interessante para um complemento locativo do tipo ‘acessório’ é dada por Bechara (2009) ao exemplo abaixo[10]:

(07) o Policial acompanhou o idoso *ao banco* na hora do tumulto

Para Bechara (op. cit.), o termo indicativo de lugar ‘ao banco’ é inerente ao predicado, não podendo ser dispensado, como ocorre com ‘na hora do tumulto’. O autor (op. cit.) informa que significados gramaticais do tipo ‘agente’, ‘paciente’, ‘locativo’, ‘direcional’, etc. se manifestam mediante esquemas sintáticos muito variados. Com essa argumentação, Bechara corrobora que elementos tradicionalmente classificados como advérbios podem ser entendidos como elementos requeridos pelo núcleo verbal, conforme o exemplo em (06), em que ‘a Belo Horizonte’ pode ser entendido como um complemento do tipo ‘relativo’ e não um adjunto ‘dispensável’.

A complexidade dos termos adjunção *versus* complementação torna a classificação dos sintagmas preposicionados como complementos ou adjuntos uma difícil tarefa. Essa questão é observada por Oliveira (2009):

> *A abordagem de um sintagma preposicional como adjunto ou complemento é bastante ingênua se pressupõe que este pode ser dito complemento ou adjunto (de um nome ou de um verbo) facilmente*.
>
> (Oliveira, 2009, p. 142)

Para maior clareza sobre o assunto, utilizam-se os exemplos (08) e (09), abaixo[11]:

(08) José comprou presentes para as crianças [$_{SP}$com a mulher]
(09) O marido não concordou [$_{SP}$com a mulher]

em que Oliveira (op. cit.) argumenta que ao sintagma preposicionado [com a mulher] em (08), marcado com o papel temático ‘Acompanhamento’, não é difícil atribuir o caráter de adjunto do verbo ‘comprou’, uma vez que o verbo de três lugares – comprar – tem seus argumentos preenchidos (o argumento externo – ‘José’ e os dois argumentos internos – ‘presentes’ e ‘para as crianças’). No entanto, em (09) o mesmo sintagma preposicionado [com a mulher], com o mesmo traço semântico

10 Bechara (2009, p. 421); dado numerado.
11 Oliveira (2009, p. 142); dados renumerados.

‘Acompanhamento’ não pode ser um adjunto do verbo (de dois lugares) ‘comprar’ já que o argumento interno precisa ser preenchido. Logo, em (09) o sintagma [com a mulher] é um complemento do verbo comprar.

No sentido de reafirmar o que vem sendo dito, cita-se Rocha & Lopes (no prelo), que mencionam que o que está por trás da intuição da Gramática Tradicional quanto à classificação de termos acessórios é o fato de os adjuntos não serem selecionados pelo núcleo verbal, como são os complementos que se vêem nas sentenças em (10) abaixo[12]:

(10) a. A Rose deu os brinquedos para as crianças;

b. A Rose [provavelmente deu] os brinquedos para as crianças. (mas não os guardou depois);

c. A Rose deu [provavelmente os brinquedos] para as crianças. (mas não as roupas);

d. A Rose deu os brinquedos [provavelmente para as crianças]. (mas não para os adolescentes);

e. Provavelmente, a Rose deu os brinquedos para as crianças. (É provável que o tenha feito, mas também pode ter se esquecido de fazê-lo).

As autoras explicam que o advérbio ‘provavelmente’ que se vê nas sentenças em (10) acima, pode ocorrer em várias posições: juntando-se a um verbo (em *b*); a um sintagma nominal (em *c*); a um sintagma preposicionado (em *d*) e a toda a sentença (em *e*). Rocha & Lopes (op. cit.) chamam a atenção para a relevância da interpretação semântica das sentenças, pois, sob a perspectiva sintática, não são mesmo elementos selecionados, mas sob a perspectiva semântica é preciso considerá-los, pois se o falante os colocou na sentença é porque trazem algum tipo de informação que se quer veicular.

No tocante ao complemento preposicionado, a classificação corrente na literatura também não é unânime, pois alguns estudos limitam o complemento preposicionado (objeto indireto) à referência ao ser animado mediante uso da

[12] Rocha & Lopes (2008 – no prelo, p. 4); dados renumerados.

preposição ‘a; já outros não fazem essa restrição em relação ao uso da preposição, conforme os exemplos abaixo[13]:

(11) O diretor escreveu cartas *aos pais*
(12) Pedro depende *do pai*

Apresenta-se, nas seções seguintes, a descrição do objeto indireto constante nas gramáticas de língua portuguesa e em alguns estudos de base linguística. O que difere os estudos lingüísticos das gramáticas é o método de descrição e a “concepção de língua”. As gramáticas de Mateus et. alii (2003) e Neves (2000), por exemplo, mesmo sob o rótulo de ‘gramática’, serão mencionados na seção sobre os estudos linguísticos, pois constituem estudos que as distanciam das demais gramáticas (mencionados nesta seção como ‘os gramáticos’) e não são consideradas como estudos normativos. Os exemplos analisados por Neves (2000) – centrados no Funcionalismo – são transcrições da oralidade – a Linguística Funcional postula que é no uso que os diferentes itens assumem seu significado e definem sua função. Já a Gramática de Mateus et alii (2003) insere-se no quadro teórico da Línguística Gerativa. Portando, os textos linguísticos resenhados inserem-se dentro da Gramatica Gerativa ou dentro do Funcionalismo, pois são estes os quadros teóricos em que os linguistas brasileiros formalizam seus trabalhos morfossintáticos.

2.1. Os Gramáticos

2.1.1. O complemento verbal em Brandão (1963)

A gramática Sintaxe Clássica Portuguesa (Brandão 1963) apresenta um conceito amplo de complemento, relacionando-o tanto ao nome quanto ao verbo. Nas palavras no autor o complemento: “é a palavra ou o grupo de palavras que integram, modificam ou determinam a significação de outra” (op. cit. p. 29); e classifica-os em dois tipos distintos: essenciais (ou necessários) e acidentais. São essenciais o complemento verbal objetivo (objeto direto) e o “terminativo” (objeto indireto). A classificação de Brandão não distingue o complemento verbal argumento

[13] Bechara (2009, p. 421); Almeida (1999, p. 166). Dados numerados.

interno (objeto do verbo) do argumento externo (sujeito), considerando-os termos essenciais – o que é singular frente às classificações tradicionais, conforme exemplo abaixo[14]:

(13) *O soldado* capturou *o criminoso* e o entregou *à autoridade*

em que tanto o sintagma [*o soldado*] quanto [*o criminoso*] e [*à autoridade*] são considerados complementos essenciais.

É interessante observar em Brandão (1963) considerações referentes à expressão da modalidade oral do português popular do Brasil.

> *[...] há um grupo de verbos que, sem mudança de sentido, variam de regência: ora ocorrem como transitivos puros e têm por isso o, a, os, as por complementos objetivos; ora aparecem como relativos, regidos da preposição* ***a****, admitindo* ***lhe*** *para complemento pronominal.*
>
> (Brandão, 1963 p.51)

Os termos 'transitivo' e 'relativo' utilizados por Brandão referem-se, respectivamente, a complemento sem preposição (objeto direto) e complemento preposicionado. 'Relativo' é sinônimo de oblíquo, refere-se a verbos e/ou palavras cujo sentido requer um complemento ligado por preposição. O autor considera ainda o 'lhe' em seu uso como segunda pessoa e explica o fato como o resultado de confusão entre os pronomes *o, a, os, as* e *lhe, lhes,* com verbos normalmente transitivos, e aponta um exemplo[15]:

(14) Há muito que não *lhe* vejo

onde, 'lhe', nas palavras de Brandão (1963, p. 51) é "injustificável e errôneo". Mesmo chamando de injustificável, o autor observa fenômenos parecidos no castelhano e atribui que a "confusão reinante no castelhano" atingiu o português – "dadas as íntimas afinidades e o contato dos dois idiomas" (op. cit. p. 52), e busca explicar que a hesitação regencial que se manifesta nos melhores clássicos da língua, influenciados pela sintaxe latina, não raro se aplicam ao vernáculo, ratificando com

[14] Brandão (1963, p. 29); dado numerado.
[15] Brandão (1963, p.51); dado numerado.

exemplos retirados de vários textos antigos, dos autores Gil Vicente e Castilho, conforme exemplos (15) e (16), abaixo[16]:

(15) mas quem há-de estar no céu / aborrece-*lhe* o sermão
(16) os seus iguais lhe aborreciam

Nesses exemplos, emprega-se 'lhe' (objeto indireto), em vez do pronome clítico (objeto direto) 'o'. Dada essa imprecisão, Brandão (op. cit.) elenca uma lista de verbos que admitem como certas tanto a regência transitiva quanto a relativa. São eles: *aborrecer*, *acudir*, *agradar, ajudar, anelar, anteceder, atalhar, atender, atingir, chamar, contentar, deferir*, etc. e ainda observa que: "*no dialeto brasileiro usa-se amiúde ele, ele, eles, elas como complementos objetivos*" (Brandão, 1963 p. 65).

Em relação ao objeto indireto, tratado por Brandão (op. cit.) como 'complemento terminativo', o autor observa que o terminativo é o complemento, em geral regido de preposição e serve para inteirar os substantivos e adjetivos, verbos e advérbios de significação relativa e complementa: "*por palavras de significação relativa se entendem aquelas que, na linguagem normal, reclamam outra ou outras que as completam*" (op. cit., p. 68).

A seguir procede-se a uma síntese da classificação do objeto indireto por Brandão (1963), observando-se os critérios utilizados por ele, pois é interessante notar que o autor, apesar de proceder a uma classificação prescritiva, utilizando exemplos literários, vez ou outra lança mão de exemplos que fogem à norma padrão, classificados como "equívocos" do vernáculo brasileiro, ainda que atestado em textos de séculos anteriores, como é o caso do exemplo (9) "Há muito que não *lhe* vejo", já discutido anteriormente.

Brandão (op. cit.) sinaliza que o objeto indireto exprime o ser (pessoa ou coisa) em cujo 'proveito ou desproveito' a ação ou fato se realiza, conforme exemplos abaixo[17]:

(17) Dar esmolas *aos necessitados*

[16] Brandão (1963, p. 52); dados numerados.
[17] Brandão (1963, ps. 69, 70); dados numerados.

(18) Falta-*lhe* dinheiro para a viagem

(19) Irar-se *com* ou *contra alguém* / zangar-se *com os criados*

(20) Congratular-se *com o vencedor* pela vitória

Quanto ao acompanhamento da preposição, Brandão (op. cit.) não define a preposição 'a' como preposição que introduz o complemento 'terminativo', mas vale ressaltar que a grande maioria dos exemplos apresentados ocorre com a preposição 'a'; vez ou outra são apresentados exemplos com outras preposições, conforme as sentenças (19) e (20). O autor considera como múltiplas as relações expressas pelo complemento terminativo (complemento preposicionado), as quais correspondem às que eram denotadas em latim pelo dativo e, em muitos casos, pelo acusativo preposicionado, ablativo e pelo genitivo[18]:

Bandão ainda aborda outras noções referentes ao objeto indireto, como:

a) direção real ou figurada

Os exemplos apresentados por Brandão, (21), (22) e (23) a seguir, são interessantes porque muitos deles ocorrem não somente com a preposição 'a', mas também com 'em'[19]:

(21) O padre Antônio vieira não partiu *para o Maranhão* logo à sua volta de Roma

(22) Pelas duas horas da tarde entramos *em Rachiche*

(23) [...] o invejoso nunca entrou *em tais batalhas*

b) Noção de aproximação, de união, semelhança ou igualdade

Brandão (op. cit.) elenca os verbos que expressam a noção apontada em (b), acima: *agregar, ligar, anexar, associar-(se), aproximar-(se), abordar, avizinhar-(se), aplicar, aderir, colar, casar-(se)*, etc.

c) Relação de fim, com os verbos: *escolher, designar, habilitar, adaptar, preparar-(se), chamar, desafiar, concorrer*, etc.

---

[18] Brandão (1963) refere-se aos casos morfológicos do latim, correspondentes em português ao objeto indireto, objeto direto preposicionado, ao locativo/instrumental e ao possessivo, respectivamente.

[19] Brandão (1963, p. 71); dados numerados.

d) A expressão de posse ou ‘pertença’, expressa pelos verbos de ação realizada, seja numa parte do corpo ou da alma de uma pessoa ou coisa, conforme os exemplos abaixo[20]:

(24) [...] a Madalena ungiu a cabeça *ao* senhor
(25) [...] a justiça é tão poderosa que ata as mãos *aos* reis algumas vezes

São ainda citados por Brandão, complementos (objeto indireto) de verbos que expressam ponto de partida, origem, separação, aversão, etc., tais como: *vir, partir, proceder, prover, surgir, sair, nascer, originar(-se), ausentar(-se),ausentar(-se), fugir, evadir(-se), afastar(-se), desviar(-se),* etc.; verbos que expressam falta, carência, precisão, como: *carecer, precisar, necessitar, desprover, esvaziar, esgotar,* etc.; verbos que expressam a idéia de abundância e plenitude, como: *abundar, encher, carregar, cumular, fartar, saciar, saturar, impregnar, prover,* etc.; verbos de movimento real ou figurado, tais como: *meter(-se),entranhar(-se), cravar, penetrar, embrenhar(-se), internar(-se), influir, incutir, gravar, inserir,* etc.

Por fim, no tocante às noções de objeto indireto abordadas por Brandão, percebe-se que em alguns pontos são similares ou corroboram as noções expressas pela literatura com base em pressupostos linguísticos, conforme Mateus et alii (2003), (possuidor de traço + animado) ou quanto à caracterização do objeto indireto como o ser (pessoa ou coisa) em cujo proveito ou desproveito a ação ou fato se realiza (noções semânticas de benefactivo e malefactivo). Em outros pontos distancia-se bastante da literatura, por não considerar certas relações, como a de complemento oblíquo, por exemplo, como um complemento distinto da noção de objeto indireto (exemplos (19) e (20)). Todavia, é importante destacar que o autor toma como objeto indireto não apenas o dativo latino, mas também o ablativo, o genitivo e o acusativo preposicionado (Brandão, 1963 p. 69).

[20] Brandão (1963, p. 77); dados numerados. Esses fragmentos dos exemplos (19) e (20) são visivelmente literários. Os predicadores são verbos do tipo causativos/incoativos; no português brasileiro, possivelmente, ocorrem com o emprego da preposição ‘de’ (caso a ser checado em ocorrências do corpus).

2.1.2. O complemento verbal em Almeida (1999)

Almeida (1999, p. 165) ao referir-se à complementação verbal, nomeada como predicação, em termos de agente (sujeito) e paciente ou efeito (pessoa ou coisa a qual recai a predicação/ recipiente da ação verbal) não o faz diferente de Brandão (1963), pois não classifica o objeto indireto conforme a preposição; ao contrário, atribui ao objeto indireto todo complemento introduzido pelas preposições *de, por, com, a, para* e *em*, etc., conforme exemplo (26), abaixo[21]:

(26) Pedro depende *do pai*

Para maior clareza, transcreve-se a definição de objeto indireto encontrada em Almeida (1999, p. 428):

> *[...] é assim chamado o complemento do verbo transitivo indireto, pelo fato de vir unido ao verbo indiretamente, isto é, mediante preposição.*

O autor cita os seguintes exemplos[22]:

(27) Não obedeço *a ninguém*
(28) Depende *do câmbio*
(29) Acredito *nele*

Conforme mencionado, Almeida (1999) não define a preposição 'a' como a que introduz o objeto indireto. A classificação de Almeida, portanto, não distingue o complemento objeto indireto dos demais complementos oblíquos.

Quanto ao objeto indireto constituído de pronome oblíquo, como o emprego de 'lhe', Almeida não faz referência direta ao seu uso como função de objeto indireto, mas chama a atenção para ao fato de o falante usar excessivamente o possessivo em detrimento do pronome oblíquo, conforme exemplos abaixo[23]:

(30) machucaram a cabeça *dele* / machucaram-*lhe* a cabeça.
(31) captei a *sua* confiança / captei-*lhe* a confiança.
(32) Pedro abusou de *minha* confiança / Pedro abusou-*me* a confiança

---

[21] Almeida (1999, p. 166);dado renumerado.
[22] Almeida (1999, p. 428); dados numerados.
[23] Almeida (1999, p. 182); dados numerados.

em que os pronomes ‘lhe’ e ‘me’ são objetos indiretos, e usá-los em lugar dos possessivos é, para o autor, uma questão de estilo.

Finalmente, Almeida (op. cit.) aborda o objeto indireto constituído de pronome oblíquo e correspondente ao ‘dativo de interesse latino’ – também mencionado na literatura como dativo pleonástico ou dativo ético, conforme os exemplos (33 e 34)[24]:

(33) Não *me* aperte o braço
(34) Não *me* entre com os pés sujos

2.1.3. O complemento verbal em Cunha & Cintra (1985)

Cunha & Cintra (1985) classificam o objeto indireto conforme os autores já mencionados anteriormente (Brandão (1963) e Almeida (1999)), ou seja, o objeto indireto é o complemento que se liga ao verbo por meio de preposição (qualquer uma). Logo, também não farão diferença entre objeto indireto e demais complementos oblíquos, conforme exemplos[25]:

(35) duvidava *da riqueza da terra*
(36) que ela afaste *de ti* aquelas dores

Em nota, Cunha & Cintra (1985) observam a oposição entre objeto indireto e adjunto adverbial, atribuindo-a aos traços (funcionais e lexicais) das preposições:

> *[...] enquanto a preposição que encabeça um adjunto adverbial possui claro valor significativo, a que introduz um objeto indireto apresenta acentuado esvaziamento de sentido.*
>
> (Cunha & Cintra, 1985, p. 141).

Com base no valor significativo das preposições, Cunha e Cintra (op. cit.) informam que as preposições que introduzem objetos indiretos são simples elos sintáticos (cf. sentenças 37, 38, abaixo) e as preposições que introduzem adjuntos (sentenças 39 e 40) servem para indicar o lugar ‘para onde e donde’[26]:

---

[24] Almeida (1999, p. 432); dados numerados.
[25] Cunha & Cintra (1985, p. 139);dados numerados.
[26] Cunha & Cintra (1985, pg. 141); dados numerados.

(37) cantava para os amigos

(38) não duvides de mim

(39) viajou para São Paulo

(40) não saias de casa

A questão sobre adjuntos encabeçados por preposições, mencionada por Cunha e Cintra (op. cit.), nos exemplos (39) e (40) acima, foi discutida no início do capítulo com o exemplo (06) "fui a Belo Horizonte". Essa questão será retomada mais adiante.

Os autores chamam a atenção para o pronome oblíquo 'lhe' – essencialmente objeto indireto – e para o 'objeto indireto pleonástico' (classificado por Almeida como 'dativo de interesse', (ver exemplos 33 e 34), conforme abaixo[27]:

(41) *A mim* ensinou-*me tudo*

No tocante à abordagem do objeto indireto em Cunha & Cintra nada há que a difira do que vem sendo visto até o presente momento nos autores citados anteriormente.

2.1.4. O complemento verbal em Bechara (2009)

Bechara (2009), numa classificação bastante singular, destoa-se das classificações vistas até o momento por duas razões: afasta o objeto indireto da classificação tradicional como termo essencial da oração:

> *[...] assim, o complemento indireto é um termo que se distancia mais da delimitação semântica do predicado complexo e parece melhor um elemento adicional na intenção comunicativa que fica, no esquema sintático, a meio caminho entre os verdadeiros complementos verbais e os adjuntos circunstanciais.*
>
> (Bechara, 2009 p. 422).

Bechara (op. cit.) corrobora essa argumentação, ao lançar mão aos exemplos abaixo[28]:

---

[27] Cunha & Cintra (1985, pg. 141); dado numerado.

[28] Bechara (2009, p. 422); dados renumerados.

(42) Vi o acidente / *Vi

(43) Escrevi carta aos pais / Escrevi cartas

Já que em (42) o objeto direto não pode ser eliminado (contexto sob condições normais sem elipse evidente) dada a relação *imediata* estabelecida com o predicador verbal – e que ocorre com os complementos diretos ou relativos; em (43) o objeto indireto integra uma relação *mediata* ao predicador verbal e pode não ser anunciado.

O segundo aspecto que torna a classificação de Bechara singular: utiliza de critério formal e semântico para distinguir o objeto indireto, apontando as seguintes características:

a) é introduzido apenas pela preposição *a* (raramente *para*), conforme exemplo (44), abaixo:

b) o signo léxico denota um ser animado ou concebido como tal;

c) expressa o significado gramatical “beneficiário”, “destinatário”;

d) é comutável pelo pronome pessoal objetivo ‘lhe / lhes’ ou

Em consoante às características mencionadas acima, Bechara (op. cit.), apresenta os exemplos (44 a, b)[29]:

(44) a. Enviaram o presente *à aniversariante* / Enviaram-*lhe* o presente
b. O diretor escreveu cartas *aos pais* / O diretor escreveu-*lhes* cartas

e) a possibilidade de, o pronome ‘lhe’, poder duplicar o complemento indireto na mesma oração, sem a obrigatoriedade de topicalização do OI.

(45) a. Sempre *lhe* dei *ao aluno* muita atenção
b. *Ao aluno* sempre *lhe dei* muita atenção

[29] Bechara (2009, p. 422); dados renumerados.

As características apresentadas (cf. *a, b, c, d e, f*) irão distinguir, para o autor, o objeto indireto do complemento relativo, cuja preposição "constitui uma extensão do signo léxico verbal" e expressam noções ligadas a sintagmas preposicionais locativos, situacionais e direcionais.

Bechara (2009) reforça a argumentação a favor da preposição 'a' como introdutora do objeto indireto ao considerar os seguintes exemplos[30]:

(46) Alguns alunos compraram flores *para a professora*
(47) Alguns alunos compraram flores *ao florista* para a professora

em (46), nas palavras de Bechara, o sintagma [*para a professora*] não introduz o termo que funcionaria como objeto indireto, e a prova disso está na possibilidade de aparecer um outro SP na sentença que funciona como objeto indireto 'ao florista' – conforme (47). A pronominalização do SP (substituição por 'lhe') só pode ocorrer com o sintagma [*ao florista*], conforme (48); por esta razão, (49) seria agramatical:

(48) Alguns alunos compraram-*lhe* flores para a professora.
(49) *Alguns alunos compraram-*lhe* ao florista.

A argumentação de Bechara (2009) sobre o fato de o SP [para a professora] não ser o objeto indireto da sentença (46) é satisfatória, pois como se pode ver em (47), o verbo de 'três lugares' 'comprar' tem seus três argumentos preenchidos (o argumento externo (sujeito) e os dois argumentos internos (objetos direto e indireto)), sobrando para o sintagma [para a professora] (em 47) somente a função de adjunto adverbial. No entanto, para falantes de português brasileiro, essa é uma construção hermética, visto que no PB a preposição 'a' está em franco desaparecimento, como vem sendo constatado em vários dialetos, como o paulista (cf. Figueiredo Silva, 2007)[31].

30 Bechara (2009, p. 423); dados numerados.
31 Figueiredo e Silva (2007, p. 85) cita os seguintes exemplos: "A Maria deu o livro ao João - okPE/*?PB" e "A Maria deu o livro pro João – okPB/*?PE" ; "A Maria enviou o livro ao João – okPE/*?PB" e "A Maria enviou o livro pro João – okPB/*?PE". As siglas PE e PB referem-se a Português Europeu e Português Brasileiro, respectivamente).

Bechara (op. cit.) adota como 'princípio geral' que a integração da relação predicativa se faz *imediatamente* via complemento direto e complemento relativo e só *mediatamente* com o complemento indireto, conforme abaixo:

> *[...] em condições normais (isto é, quando não se trate de evidente elipse ou auxílio de entorno), não se pode eliminar o complemento direto ou o complemento relativo mas é possível não anunciar o complemento relativo.*
>
> (Bechara, 2009, p. 422)

Os exemplos utilizados por Bechara (2009.) são aqueles já vistos anteriormente (42) e (43) – "Vi o acidente / *Vi' e "Escrevi carta aos pais / Escrevi cartas". Um pequeno número de verbos opõe-se ao princípio geral apresentado por Bechara: são aqueles tradicionalmente descritos como transitivos indiretos, tratados por Bechara (2009, p. 422) de "construção especial com objeto indireto", tais quais: *agradar, desagradar, pertencer, ocorrer acontecer, cheirar (=sentir cheiro), interessar, parecer, sorrir, etc.,* conforme exemplos em (50)[32]:

(50) a. O imóvel pertence aos herdeiros (pertence-*lhes*).

b. Esses fatos lhe aconteceram repentinamente.

c. O café lhe cheira bem.

d. A sorte lhe sorriu esta semana.

Quanto ao complemento relativo (ou complemento oblíquo), Bechara (op. cit.) considera que:

> *O predicado complexo também pode conter verbo cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica, que exige outro tipo de signo léxico que delimite e especifique a experiência comunicada [...]. A diferença é que neste segundo caso o determinante do predicado complexo vem introduzido por preposição, a tal termo preposicionado chamamos complemento relativo.*
>
> (Bechara, 2009, p. 419)

Bechara (op. cit.) fornece seguintes exemplos[33]:

(51) Todos nós *gostamos de cinema*.

(52) O marido não *concordou com a mulher*.

---

32 Bechara (2009, p. 423); dados numerados.

33 Bechara (2009, p. 419); dados numerados.

(53) Poucos *assistiram ao concerto*.

(54) O comerciante não *confiou no empregado*.

No tocante ao adjunto adverbial, Bechara (2009) destaca adjuntos de *fim*, de *causa*, de *instrumento* e de *companhia,* conforme exemplos[34]:

(55) a. Ele estudou para médico (*fim*).

b. Tremiam de frio (causa).

c. Fechou a porta com a chave (*instrumento*).

d. Saiu com a Maria (*companhia*).

Bechara (2009) chama a atenção para o fato de que a realidade designada pelos adjuntos adverbiais que expressam relações semânticas de *fim, causa, instrumento, companhia*, etc., pode ser equivalente àquela expressa por meio de complementos relativos, conforme abaixo[35]:

(56) a. O vizinho casou-se *com a prima*.

b. O garçom encheu o copo *de vinho*.

Como foi visto nas seções anteriores a despeito do 'objeto indireto pleonástico' (Cunha & Cintra, 1985) ou 'dativo de interesse' (Almeida, 1999), Bechara (2009) menciona os chamados 'dativos livres', representados por diferentes tipos dativos (*de interesse, ético, de posse* e *de opinião*) e remanescentes de algumas construções da sintaxe latina. Eles aparecem sob a forma nominal ou pronominal e são termos que não estão ligados nem direta, nem indiretamente à esfera do predicado:

(i) dativo de interesse (*dativus commodi et incommodi*).

Segundo Bechara (2009) o dativo de interesse é aquele mediante o qual se indica de maneira secundária a quem aproveita ou prejudica a ação verbal, conforme exemplos abaixo[36]:

(57) a. Ele só trabalha *para os seus*

[34] Bechara (2009, p. 443); dados numerados.
[35] Bechara (2009, p. 443); dados numerados.
[36] Bechara (2009, p. 424); dados numerados

b. Ele ligou-*me* amavelmente a luz

(ii) dativo ético

Bechara (op. cit.) considera o ‘dativo ético’ uma ‘variedade’ do anterior (dativo de interesse) e, nas palavras do autor, representa aquele pelo qual o falante tenta captar a benevolência do seu interlocutor na execução de um desejo. Assim como o ‘dativo de interesse’, ocorre na primeira e segunda pessoas, conforme exemplos abaixo[37]:

(58) a. Não *me* reprovem estas idéias!
b. Não *me* mexam nos papéis!
c. Ele sempre *te* saiu um grande mentiroso.

(iii) dativo de posse

O dativo de posse ocorre com verbos intransitivos e transitivos diretos (que não projetam complementos dativos), equivalendo-se a um pronome possessivo. Bechara (2009) explica que o ‘dativo de posse’ exprime o possuidor, conforme exemplos, abaixo[38]:

(59) a. O médico tomou o pulso *ao doente*
b. Doem-*me* as costas
c. Ontem nasceu o segundo filho à jovem mãe
d. as fãs eufóricas rasgaram a camisa ao cantor

(iv) dativo de opinião

Segundo Bechara (2009) o ‘dativo de opinião’ exprime a opinião de uma pessoa, conforme exemplos abaixo[39]:

(60) a. *Para ele* a vida deve ser intensamente vivida
b. *Para nós* ela é culpada

[37] Bechara (2009, p. 424); dados renumerados.
[38] Bechara (2009, p. 424); dados ‘a’ e ‘b’ numerados e FREIRE (2005, p. 17); dados ‘c’ e ‘d’ renumerados.
[39] Bechara (2009, p. 424); dados renumerados.

Em relação aos ‘dativos livres’ apresentados acima, Bechara (2009) argumenta que as funções desempenhadas pelos pronomes átonos nessas construções são ‘funções adverbiais’ e nelas, esses pronomes, especialmente ‘lhe’ (símbolo formal do objeto indireto) cobrem outras funções além daquela de complementação verbal.

Um outro fator a ser mencionado na classificação de objeto indireto em Bechara (2009) diz respeito à oposição objeto oblíquo *versus* objeto indireto. Essa classificação é distinta da que foi vista até o momento, pois o objeto indireto, conforme já mencionado, é classificado por Bechara sob o enfoque semântico e formal e assume traços bastante singulares: (i) é introduzido pela preposição *a*; (ii) trata-se de signo que denota *ser animado*; (iii) expressa significado gramatical *beneficiário*, *destinatário*; (iii) é comutável pelo pronome pessoal objetivo *lhe/lhes*; (iv) apresenta a possibilidade do redobro do clítico. Essas características do objeto indireto opõem-se ao complemento oblíquo, chamado por Bechara (op. cit.) de complemento relativo.

2.1.5. O complemento verbal em Rocha Lima (2007)

Rocha Lima (2007) em sua Gramática Normativa da Língua Portuguesa descreve o objeto indireto como “ser animado a que se dirige ou destina a ação ou estado que o processo verbal expressa” e, igualmente a Bechara (2009), caracteriza o objeto indireto morfologicamente pelo emprego da preposição ‘a’ (às vezes ‘para’) e pela correspondência às formas nominas átonas ‘lhe’/‘lhes’ na terceira pessoa.

Rocha Lima (2007) aponta os seguintes casos aos quais chama de casos incontroversos de objeto indireto:

a) serve de complemento a verbos acompanhados de objeto indireto, representando o elemento onde termina a ação, casos chamados bitransitivos representados pelos verbos ‘dandi’, ‘dicendi’ e ‘rogandi’ e seus correlatos, como: dar, oferecer, entregar, doar, dedicar, negar, recusar, dizer, perguntar, contar, narrar, pedir, rogar, pagar, dever.

b) Junta-se à unidade formada de verbo + ‘objeto direto’, indicando o possuidor de alguma coisa, conforme exemplo[40]:

(61) a. Mandou cortar a cabeça *a Adonis*.
b. Beijou a mão *a el-rei* e saiu.

c) Liga-se a verbos intransitivos unipessoais, designando a pessoa em quem se manifesta a ação:

(62) Pareceu *a el-rei e aos seus* que lhes acudia o céu com socorro.

Os exemplos acima são bons para o português europeu; o português brasileiro, no entanto afasta-se cada vez mais da construção de objeto indireto com a preposição ‘a’. Os estudos mais recentes apontam os traços semânticos Meta e Fonte aos exemplos acima como principal maneira de identificação do objeto indireto.

Além do objeto indireto, Rocha Lima (op. cit.) introduz ao estudo do complemento verbal os complementos ‘relativo’ e ‘circunstancial’.

O complemento relativo liga-se ao verbo por uma preposição determinada (*a*, *com*, *de*, *em*, etc.) e distingue-se do objeto indireto “*por não representar a pessoa ou coisa a que se destina a ação, ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza*” e por não corresponder na terceira pessoa às formas pronominais átonas *lhe/lhes,* mas às formas tônicas *ele*, *ela*, *eles*, *elas*. Em outras palavras, Rocha Lima (2007) distingue o complemento relativo do objeto indireto pelo traço [+ animado].

Já o complemento circunstancial é de natureza adverbial, indispensável tanto quanto o objeto indireto e o complemento relativo. Os exemplos (63) e (64) abaixo, referem-se respectivamente a complementos relativos e circunstanciais[41]:

(63) a. assistir *a um baile* – assistir *a ele*
b. depender *de despacho* – depender *dele*
c. precisar *de conselho* – precisar *deles*

[40] Rocha Lima (2007, p. 250; 251); dados renumerados.
[41] Rocha Lima (2007, p. 252); dado numerado.

(64) a. Morar *em Paraná*

b. Estar *à janela*

c. Ter alguém *ao colo*

A definição de ‘complemento circunstancial’ dada por Rocha Lima (2007) aos termos de natureza adverbial, grifados nas sentenças acima, chama a atenção para outra definição apresentada no início deste capítulo, na sentença (6), renumerada abaixo:

(65) Fui *a Belo Horizonte*

Explicou-se anteriormente que Almeida (1999), tomando como base apenas o critério nocional classifica ‘ir’ na sentença acima como verbo intransitivo e o sintagma ‘a Belo Horizonte’, como adjunto ou ‘termo acessório’. No entanto, se se tomar como base a classificação de Rocha Lima (2007) para complementos preposicionados, o sintagma ‘a Belo Horizonte’ pode ser classificado como um complemento do tipo circunstancial – indispensável à sentença tal qual o complemento relativo e o objeto indireto.

2.2. Os lingüistas

Os estudos sobre o objeto indireto apresentados nesta seção diferem daqueles apresentados na seção anterior (os gramáticos), pelo fato de buscarem a descrição de um fenômeno linguístico pautado em critérios relacionados aos diversos usos e aos diferentes registros da língua: na modalidade oral culta e não culta, na modalidade escrita mais formal e menos formal. Esses estudos não envolvem nenhum tipo de prescrição, ao contrário, visam à descrição do fenômeno lingüístico tanto em suas possibilidades referentes ao uso e funções na língua portuguesa, quanto às possibilidades de manifestação nas línguas naturais.

Os estudos que serão apresentados desenvolvem suas análises e pressupostos dentro de várias correntes da lingüística: (i) Câmara Jr. (1980) desenvolve um estudo dentro do arcabouço teórico do Estruturalismo; (ii) a Gramática da Língua Portuguesa (Mateus et alii, 2003) que compõe-se de pesquisas

sobre os vários fenômenos da gramática do português com base nos métodos da Gramática Gerativa. Dentro do quadro teórico gerativista encontram-se também os estudos de Figueiredo e Silva (2007), Oliveira (2003), Iseke Bispo (2004); (iii) a Gramática de Usos do Português (Neves, 2000) apresenta estudo com base nos pressupostos do Funcionalismo; (iv) o estudo de Berlinck (1996) sobre tipologia de dativo; (v) os estudos de Berlinck & Torres Moraes (2006, 2007, 2009) e Torres Moraes (2007) em que as autoras desenvolvem suas análises nos moldes da teoria de Princípios e Parâmetros e, ao mesmo tempo, utilizam métodos de análise da Sociolinguística (Sociolinguística Paramétrica), assim como Gomes (2003) Lucchesi & Mello (2009) que também se desenvolvem dentro do quadro teórico da Sociolinguística.

2.2.1. O complemento verbal em Câmara Jr. (1981)

O estudos de Câmara Jr. são pioneiros em linguística no Brasil e constituem um quadro teórico de referência, pois representam estudos inovadores que em muito contribuíram ao desenvolvimento da descrição lingüística brasileira. No que se refere ao objeto indireto, Câmara Jr. (1981) traz uma interessante contribuição ao propor a noção de objeto indireto ‘lato sensu’ e objeto indireto ‘stricto sensu’.

O objeto indireto ‘lato sensu’ engloba dois casos diferentes: (i) o objeto direto preposicionado em que a preposição ‘a’ introduz um complemento [+ animado], podendo ser substituído pelos clíticos acusativos ‘o’, ‘a’, ‘os’, ‘as’ (conf.: amar *aos pais*: amá-los (Câmara Jr, 1981, p. 180)); (ii) os complementos nocionalmente diretos de verbos como ‘tratar’ e ‘assistir’ que exigem por ‘servidão gramatical’ uma preposição para reger seu objeto (conf.: tratar *de alguma coisa*; assistir *a um espetáculo* (op. cit., p. 180)), mas, diferentemente dos primeiros, já não admitem a transformação nos clíticos *o*, *a*, *os*, *as.* Já o objeto indireto ‘stricto sensu’ é o prototípico, ou seja, aquele que admite a possibilidade de transformação no clítico ‘lhe/lhes’.

Retomando a distinção entre objeto indireto e complemento relativo vistas anteriormente em Bechara (2009) e Rocha Lima (2007) e comparando-a à distinção feita por Câmara Jr (1981), observa-se que o objeto indireto está para o objeto

indireto stricto sensu assim como o complemento relativo está para o objeto indireto lato sensu.

2.2.2. O complemento em Neves (2000)

A Gramática de Usos do Português (Neves, 2000) esclarece em seu texto de apresentação que se objetiva constituir uma obra que mostre como está sendo usada a língua portuguesa atualmente no Brasil, tomando como análise uma variada gama de textos e de gêneros. A obra segue as descrições linguísticas no âmbito do Funcionalismo.

Diferentemente de algumas gramáticas mencionadas na seção anterior, Neves (op. cit.) não adota a tríplice divisão dos termos da oração. Define como base de análise da língua a predicação composta pelos constituintes exigidos pela semântica do predicado (argumentos) e os que apenas trazem informações suplementares (satélites) e informa que as categorias e propriedades ou relações dos predicados se distinguem segundo suas propriedades formais e funcionais.

Neves (2000) descreve o objeto indireto semelhante às descrições já vistas em Almeida (1999) e Cunha & Cintra (1985), opondo-se a Bechara (2009), Rocha Lima (2007) e Mateus et alii (2003). Neves (op. cit.) não imprime status morfológico à preposição 'a', ao contrário, são considerados complementos indiretos sintagmas acompanhadas de preposições como 'de' e 'em', conforme abaixo[42]:

(66) a. Eu gosto *de omeletes*

b. Para defender-se [Chico pereira] descarregou *nele* a cartucheira que trazia consigo.

Ao tratar da transitividade, Neves (2000, p. 28) classifica os predicados verbais (verbos) com base na especificação do papel de seus complementos. Menciona os 'transitivos prototípicos': aqueles cujo complemento ou objeto é paciente de mudanças e aponta quatro classes principais de verbos segundo a transitividade: (i) verbos cujo objeto sofre mudança no seu estado; (ii) verbos cujo objeto não sofre mudança física, isto é, não é um paciente afetado; (iii) verbos que possuem um

[42] Neves (2000, p. 72, 672); dados numerados.

complemento não preposicionado (objeto direto) e um complemento preposicionado e (iv) verbos que têm complementos oracionais.

Para o presente estudo, interessa particularmente, as classificações do tipo (iii): verbos que possuem um complemento não preposicionado (objeto direto) e um complemento preposicionado, mencionada acima. Neves (2000) informa que nessas construções o complemento preposicionado pode ser de vários tipos, conforme abaixo:

(i) de lugar (a mudança do objeto direto é espacial, relacionada com o complemento (lugar onde ou para onde), conforme exemplo abaixo[43]:

(67) a irmã colocou o roupão no cabide.

(ii) beneficiário (o sujeito mais comum é agente e o objeto indireto mais corrente é um 'dativo humano' representado por aquele que se beneficia da transação)[44]:

(68) deu *ao genro* um engenho com setenta escravos

(iii) instrumental (o sujeito é agente e o instrumental vem como complemento preposicionado)[45]:

(69) Você encheu a bexiga *de sangue*

Neves (2000) apresenta a classificação dos complementos a partir da grade de relações semânticas estabelecidas via predicador (*lugar*, *beneficiário* e *instrumental*) mencionados acima, sem fazer alusão à oposição complemento dativo versus complemento oblíquo (conf. Bechara (2009), Rocha Lima (2007 e Mateus et alii (2003)).

2.2.3. O complemento verbal em Mateus et alii (2003)

A Gramática da Língua Portuguesa de Mateus et alii é um estudo descritivo da língua portuguesa falada em Portugal e segue trabalhos inseridos dentro do âmbito

[43] Neves (2000, p. 30); dado renumerado.
[44] Neves (2000, p. 31); dado renumerado.
[45] Neves (200, p. 31); dado renumerado.

da Gramática Gerativa. O estudo de Mateus et alii (2003) não visa à prescrição da norma culta, mas à descrição dos 'fenômenos lingüísticos'. É direcionada ao público universitário e contém um quadro de investigação do complemento verbal baseado no português europeu, caracterizando-se como uma referência ao português europeu em oposição ao português brasileiro.

Segundo Mateus et alii (2003, p. 289), o objeto indireto caracteriza-se por exercer relação gramatical central e explica que "O constituinte com esta relação gramatical é tipicamente o argumento interno de verbos de dois ou três lugares com papel semântico de Alvo ou Fonte" (op. cit. p. 289), conforme exemplos abaixo [46]:

(70) a. O João ofereceu um CD [*ao Pedro*]$_{OI}$

b. João comprou esse livro raro [*a um alfarrabista do Porto*]$_{OI}$

As propriedades típicas do objeto indireto são definidas por Mateus et alii (2003), conforme os itens (i), (II) e (iii), abaixo:

(i) ser um argumento [+ animado]

o que se pode verificar nos complementos [*ao Pedro*] e [*a um alfarrabista do Porto*] dos exemplos (70a,b) mencionados acima.

(ii) apresentar a forma dativa da flexão casual, quando for um pronome pessoal, conforme exemplo (71), abaixo[47]:

(71) a. O miúdo deu [o brinquedo]$_{OD}$ [*ao amigo*]$_{OI}$

b. O miúdo deu-[*lhe*]$_{OI}$ [o brinquedo]$_{OD}$

(iii) ocorrer imediatamente à direita do objeto direto (em frases básicas); estar em adjacência ao verbo quando pronome clítico; imediatamente à direita do verbo, se o objeto indireto for um SN pesado ou uma frase, conforme exemplos abaixo[48]:

(72) a. O miúdo deu o caramelo [*ao amigo imediatamente*]$_{OI}$

[46] Mateus et alli (2003, p. 289); dados renumerados.
[47] Mateus et alii (2003, p. 289); dados renumerados.
[48] Mateus et alii (2003, p. 287); dados renumerados.

b. A Ana comprou [*ao Gonçalo*]$_{OI}$ [*o quadro do vencedor da 2ª. Bienal de Artes Plásticas de Cerveira*]$_{OD}$

c. O João deu-[*lhe*]$_{OI}$ [*um livro*] $_{OD}$

As autoras (op. cit.) mencionam que pode ocorrer objeto indireto [– animado] em casos com certos predicadores de dois lugares como acontece com *obedecer*, *sobreviver* (*obedecer ao regulamento*, *sobreviver ao massacre*) ou com *dar* e *fazer,* seguido de objeto direto cujo núcleo seja um nome deverbal[49]:

(73) a. A Maria deu [uma pintura] $_{OD}$ [às *estantes*]$_{OI}$

b. Eles fizeram [uma enorme limpeza]$_{OD}$ [à casa] $_{OI}$

Mateus et alii (2003) apresentam os seguintes testes para a identificação do objeto indireto:

(i) a substituição do constituinte com a relação gramatical de objeto indireto pela forma dativa do pronome pessoal, conforme abaixo[50]:

(74) a. O miúdo deu o brinquedo [*ao amigo*]$_{OI}$

b. O miúdo deu-[*lhe*]$_{OI}$ o brinquedo

(ii) A formulação de uma interrogativa sobre o constituinte objeto indireto segundo o esquema *a quem / a que é que SU V (OD)*?, caso se trate de um argumento [+ humano] ou [- humano], constituindo objeto indireto a resposta mínima não redundante, conforme exemplos abaixo[51]:

(75) P: *A quem* é que o miúdo deu o brinquedo?

R: [A*o* amigo]$_{OI}$

2.2.4. A tipologia de dativo em Berlinck (1996)

Nesta seção, apresenta-se de modo bastante resumido a tipologia proposta por Berlinck (1996) para a descrição de argumentos dativos. Nesse estudo, a autora

[49] Mateus et alii (2003, p. 289); dados renumerados.

[50] Mateus et. alii (2003, p. 290); dados renumerados.

[51] Mateus et. alii (2003, p. 231); dados renumerados.

defende ser mais apropriado o uso do rótulo ‘dativo’ em vez de ‘indireto’ uma vez que o termo ‘indireto’ na classificação usual engloba valores diferenciados tanto do ponto de vista semântico (benefactivo, locativo, temporal, etc.) quanto morfossintático (a possibilidade de substituição por um clítico versus a impossibilidade; argumentos versus adjuntos). Em outras palavras, ao discutir a melhor adequação do termo ‘dativo’ em vez de ‘indireto’ a autora chama a atenção para a distinção entre complementos preposicionados do tipo dativo e oblíquo – discussão também levantada por Bechara (2009) e Rocha Lima (2007) ao propor a distinção entre objeto indireto e complemento relativo (ver seções 2.1.4 e 2.1.5).

Berlinck (1996) apresenta uma tipologia baseada em vários critérios para identificação do dativo, incluindo os diferentes tipos verbais e construções sintáticas. Abaixo, apresenta-se o ‘esquema’ de representação da organização sintática da estrutura dativa em língua portuguesa, segunda a autora:

N_0 + V + N_1 + {a, para, em} N_2

em que N_0 corresponde ao sintagma nominal sujeito; *V* ao verbo; N_1 ao sintagma nominal objeto direto e N_2 ao sintagma nominal dativo antecedido das preposições *a*, *para* e *em.* É interessante observar que Berlinck (op. cit.) inclui as preposições ‘para’ e ‘em’ além de ‘a’, na composição do dativo.

Berlinck (1996) discute a caracterização semântica dos predicadores ditransitivos e os distribui em quatro tipos: (i) *transferência material*; (ii) *transferência verbal e perceptual*; (iii) *movimento físico* e (iv) *movimento abstrato*. A seguir, apresenta-se uma síntese desses quatro tipos de predicadores:

(i) Transferência material:

Segundo Berlinck (1996), o conceito de transferência material prototípica é expresso pelo verbo ‘dar’, seguido de: *alugar, atribuir, confiar, devolver, distribuir, emprestar, entregar, fornecer, legar, mandar, oferecer, pagar, passar, restituir, transferir,* conforme exemplos abaixo:

(76) Maria$_{N0}$ *deu* o livro$_{N1}$ *ao João*$_{N2}$

No exemplo acima, o argumento dativo segue o seguinte esquema: N_0 provoca a transferência de N_1 para N_2 (o sujeito (Agente)) e possuidor de N_1 (Tema) transfere N_1 para N_2 (Meta)).

Berlinck (op. cit.) explica que a transferência material pode ainda ter outra construção (contrária à apresentada no exemplo (76)) onde N_1 em vez de entrar no domínio de posse de N_2, é retirado desse domínio. Os predicadores dessa composição são: *arrebatar, arrancar, comprar, confiscar, cortar, emprestar, evitar, pedir, furtar, roubar, subtrair, suprimir, tirar, tomar,* conforme exemplos abaixo[52]:

(77) a. Felipe$_{N0}$ *pediu* um chocolate$_{N1}$ *para o avô*$_{N2}$
b. Maria$_{N0}$ *tomou-lhes*$_{N2}$ tudo que tinham$_{N1}$
c. Pedro$_{N0}$ *tirou* os livros$_{N1}$ *das mãos de Joana*$_{N2}$

Em (77a) ocorre a transferência (material) do domínio da posse de N_1 (Tema) por N_2 para a posse de N_0 (Agente). É interessante observar que as preposições utilizadas são ‘para’ e ‘de’‘. A preposição ‘para’ seleciona complemento do tipo Meta e ‘de’ seleciona um complemento do tipo Fonte.

Berlinck (1996) destaca que as propriedades da construção de transferência material podem ser descritas como: N_o [+/- animado] + V + N_1 [(+)/ - animado] + {a, para, de} N2 [+/- animado] ou seja, um argumento externo (sujeito) [+/- animado] mais o verbo e seus argumentos internos que são o objeto direto [+/- animado] e o dativo [+/- animado] antecedido das preposição ‘a’, ‘para’ ou ‘de’.

(ii) Transferência verbal e perceptual

Berlinck (1996) informa que esse grupo de verbos não envolve transferência de entidades concretas, mas somente a transferência abstrata ou o efeito de um ato de comunicação em que N_0 transfere para N_2 a posse de algo conhecido: uma certa idéia ou uma certa percepção – N_1; por outro lado, o sentido expresso nessas construções requer N_2 [+ animado], conforme exemplo abaixo[53]:

(78) Pedro$_{N0}$ *disse para seus colegas*$_{N2}$ que o diretor estava doente$_{N1}$

[52] Berlinck (1996); dados renumerados.

[53] Berlinck (1996, p. 131); dado renumerado.

O verbo prototípico desse grupo é ‘dizer’, seguido por *aconselhar; anunciar; assegurar; augurar; confessar; cantar; ensinar; escrever; falar; jurar; narrar; ordenar; perguntar; prometer; protestar; provar; repetir; responder; sugerir; telefonar,* conforme exemplos renumerados:

(iii) Movimento físico

Os verbos que compõem esse grupo, segundo Berlicnk (op. cit.), representam uma extensão da idéia de transferência porque complementam esta noção com um movimento físico. O sentido prototípico dessas construções é um movimento físico de transferência em direção a uma meta/alvo – transferência de N_1 para N_2. Quando expresso por uma entidade [- animada], o objeto Meta/Alvo tem um significado de ‘locativo’; quando expresso por uma entidade [+ animada] tem conotação ‘beneficiário’ em vez da leitura locativa.

O verbo que expressa prototipicamente esse movimento é ‘levar’, seguido de: *acrescentar; atirar; conduzir; dirigir; encaminhar; instilar; lançar; pôr*; *trazer*, conforme exemplos abaixo[54]:

(79) a. No aniversário do amigo levou-*lhe* um livro.
b. Elas *me* trazem esse material todo para ser discutido em aula.

(iv) Movimento abstrato

Os verbos transitivos deste grupo expressam a idéia de movimento, mas em sentido abstrato. Assim como o grupo de verbos vistos anteriormente, este grupo implica um certo tipo de ‘movimento’ mas não há transferência. Ocorre, em vez disso, uma aproximação abstrata entre uma entidade e um estado, um sentimento, uma idéia ou outra entidade.

O verbo prototípico deste grupo é ‘submeter’, seguido de: *acrescentar; adaptar; anexar; atribuir; conferir; consagrar; dedicar; destinar; filiar; imputar; incorporar;*

[54] Berlinck (1996, p. 132); dados renumerados.

juntar; pôr; sensibilizar; submeter; subordinar; trazer, conforme exemplos renumerados:

(80) a. Os trabalhos *lhe* foram submetidos ontem.
b. A reputação dos astros foi prejudicada pelo amor que os nazis *lhes* dedicaram.

Berlinck (1996) ainda menciona o 'dativus commodi/incomodi'; o dativo possessivo e o 'dativus ethicus'.

2.2.5. Os estudos de Torres Morais & Berlinck (2006, 2007)

Em estudo sobre a caracterização do objeto indireto, Torres Morais & Berlinck (2006, 2007), fazem um levantamento das propriedades dessa categoria gramatical no contexto dos verbos ditransitivos (semanticamente interpretados como verbos de movimento e transferência). As autoras assumem a delimitação da preposição 'a' como fator fundamental para a descrição do dativo em português, bem como os sintagmas introduzidos por essa preposição (*a ele(s)*/ *a ela(s)*). Outro fator discutido é a 'alternância dativa', em que o argumento dativo apresenta uma marcação especial de caso (a-DP/SD)[55]. As autoras reiteram duas possibilidades de ocorrência dativa no contexto de alternância: (i) construção ditransitiva preposicionada, em que 'a' é uma preposição plena que proporciona um sentido direcional, locativo e, nesse caso, o objeto indireto é um SP; e (ii) construção de objeto duplo em que o objeto indireto não é um SP, mas um SD marcado morfologicamente como expressão dativa, conforme exemplos abaixo[56].

(81) a. O José enviou uma carta *ao Pedro*/ enviou-*lhe* uma carta
b. O José enviou uma carta *para o Pedro/para Lisboa*

(82) a. O José roubou o relógio ao Pedro/ roubou-*lhe* o relógio
b. O José roubou o relógio do Pedro.

[55] 'a-DP' refere-se à preposição funcional 'a' seguida do sintagma determinante (derminer phrase). Torres Morais & Berlinck (2007) utilizam as siglas dos sintagmas em inglês.
[56] Torres Moraes & Berlinck (2007, p. 73); dados renumerados.

As sentenças em (81/82 a) são exemplos da construção de objeto duplo e (81/82b) são exemplos da construção ditransitiva preposicionada. Nas construções em (a) o argumento dativo expressa-se morfologicamente por meio do argumento pleno *a*-DP ou do clítico 'lhe'. A preposição 'a' nesse caso não carrega nenhum conteúdo semântico (direcional, beneficiário, etc.), é um marcador casual. Já nas sentenças de (b), são exemplos de construção ditransitiva preposicionada, o sintagma preposicionado é introduzido por uma preposição lexical.

Torres Morais & Berlinck (2007) explicam que a distinção morfológica que caracteriza a alternância dativa tem um efeito semântico, tornando-se preciso atentar para a relação que se estabelece entre os argumentos internos de predicadores ditransitivos do tipo 'enviar', 'roubar' (exemplos 81 e 82, acima). No processo de transferência ou movimento expresso pelo predicador, estabelece-se um tipo de *relação dinâmica* entre os argumentos internos Tema (objeto direto) e 'recipiente' (objeto indireto), responsável pela distinção entre as construções de objeto duplo e a construção ditransitiva.

Voltando aos exemplos (81/82b), Torres Morais & Berlinck (op. cit.) esclarecem que nessas construções (ditransitiva preposicionada) com verbos como *enviar, levar* e PP (sintagma preposicionado) com traço [+ animado], só são possíveis nos casos em que se pode obter a seguinte interpretação: *O José enviou/entregou ao João uma carta para o Pedro, ou seja, enviou, entregou-lhe (ao João) uma carta para que este a entregasse ao Pedro.* Essa interpretação é aproximável a: *Ele deu ao Paulo uma carta para o José.* (Torres Morais & Berlinck, 2007, p. 73).

É importante mencionar que a 'alternância dativa' analisada por Torres Morais & Berlinck (2007) aplica-se a dados do português europeu. No português brasileiro, entretanto, as autoras apontam algumas mudanças que vêm ocorrendo em relação ao uso do dativo, conforme abaixo:

> *O PB sofreu reanálises no seu sistema gramatical, perdendo a propriedade de expressar morfologicamente o OI. Com isso distancia-se do PE na manifestação do fenômeno conhecido como "alternância dativa" no contexto de verbos ditransitivos.*
>
> (Torres Morais & Berlinck, 2006. p. 2)

A partir de resultados empíricos obtidos com a análise de dados dos séculos XIX e XX, as autoras apontam as reanálises que vêm ocorrendo no português brasileiro, mencionadas a seguir:

(i) Tendência para substituir a preposição 'a' pela preposição 'para' nos complementos de verbos ditransitivos, observada no uso escrito, conforme exemplo abaixo[57]:

(83) O Kumon *dá* um belo apoio *para nós*, orientadoras, o material é programado e de excelente qualidade e estamos sempre nos reciclando. (*Cláudia*, 02/1997)

(ii) O predomínio das variantes nula e preposicionada na expressão do dativo anafórico de 3ª pessoa (tendência a usar as formas oblíquas *a*/*para* ele(*a*) ou o nulo anafórico em lugar das formas clíticas *lhe/lhes*, conforme exemplos abaixo[58]*:*

(84) a. [...] o mesmo respeito que merecem os professores de seus alunos, que *dão a eles*, lamentavelmente um péssimo exemplo (*Veja*, 08/03/00)

b. *Expliquei a ele* que a linguagem da televisão mudou nos últimos anos. E tentei convencê-lo de que as cenas não eram assim tão explícitas. (*Veja* 28/05/03)

c. A minha filha casada é vegetariana, não deixa o menino comer nada de açúcar, nem um biscoitinho de maizena, ela dá uma salto quando a gente oferece __, e eu não posso interferir. (Freire, 2000, p. 26)

(iii) Emprego da forma *lhe/lhes* como forma de 2ª pessoa formal e não mais como de 3ª, ao lado dos correspondentes *a você/ a vocês*, ficando restritos à função oblíqua:

(85) a. Quanto *lhe* devo? (emprego dativo – formal)
b. Eu *lhe* amo! (emprego acusativo – formal)[59]

---

[57] Torres Morais & Berlinck (2006, p. 22); dado renumerado.

[58] Torres Morais & Berlinck (2006, ps. 8 e 9); dados renumerados.
[59] Os dados em (80) não são de Torres Morais & Berlinck.

Torres Morais & Berlinck (2006) fazem algumas reflexões sobre as propriedades semânticas das preposições ‘a’ e ‘para’, e os traços [+/- animado] do referente do objeto indireto que podem ter favorecido a evolução do PB e observam que os contextos em que permanecem a preposição ‘a’ são majoritariamente aqueles cujo complemento são do tipo [- animado], conforme abaixo[60]:

(86) Para ser líder mundial neste segmento, a Tupperware pensou em tudo. Só ela dá 10 anos de garantia *aos produtos que fabrica*, o que a torna incomparável. (Cláudia, 13/03/1998)

2.2.6. O estudo de Figueiredo Silva (2007)

Figueiredo Silva (2007) discute a quase inexistência da preposição ‘a’ no português brasileiro (dialeto de são Paulo) e explora contextos em que ela desapareceu e não pôde ser substituída por ‘para/pra’, como nos contextos de estruturas com verbos psicológicos, conforme abaixo[61]:

(87) a música agrada o João

Quanto à preposição ‘para’, em lugar de ‘a’, segundo Figueiredo e Silva, a adoção da preposição ‘para’ no PB implica na opção pela estrutura oblíqua, o que justifica a perda do clítico dativo ‘lhe’. O apagamento de ‘lhe’ constitui um problema para a hipótese do ‘mapeamento implicacional da referencialidade’.

Sobre a Hipótese do mapeamento implicacional (Hierarquia da Referencialidade), ver (Cyrino, Duarte e Kato, 2000, p. 59). As autoras lançam mão dessa hipótese para explicar o aumento do preenchimento da posição de sujeito e do não preenchimento do objeto (objeto nulo) em português brasileiro, atestando uma hierarquia para isso: objetos [+referenciais (ou +animados)] tendem a ser mais preenchidos e, em contrapartida, os [-referenciais (ou –animados)] tendem a ser menos preenchidos.

A argumentação de Figueiredo e Silva (2007) contra a hipótese que afirmam o ‘apagamento de lhe’ se justifica pelo fato de que ‘lhe’ exibe o traço [+humano] e, de

[60] Torres Morais & Berlinck (2006, p. 23); dado renumerado.
[61] Figueiredo e Silva (2007, p. 86); dado renumerado.

acordo com o mapeamento implicacional, quanto mais referencial é o antecedente, maior é a possibilidade de um pronome pleno. A autora lança um questionamento: Será que o clítico ‘lhe’ está de fato desaparecendo do sistema pronominal brasileiro?

Embasada nos estudos de Faraco (1982), Kato (1994), Moura Neves (2000), entre outros, que apontam a extensão do emprego do clítico ‘lhe’ no PB para pronominalizar o objeto direto de 2a. pessoa, em substituição dos clíticos acusativos *o*/*a*, Figueiredo e Silva (op. cit.) defende a hipótese da recategorização do clítico ‘lhe’ e não de seu simples apagamento, hipótese semelhante à defendida por Torres Morais & Berlinck (2006), citada na seção anterior.

É válido destacar os questionamentos levantados por Figueiredo e Silva (2007) em relação à perda do marcador de dativo em PB (ver seção anterior (Torres Morais & Berlinck, 2007) sobre o caso morfológico no português europeu, introduzido pela preposição funcional a-DP), pois Figueiredo e Silva (op. cit.) questiona que se houve a perda do caso morfológico de dativo no PB (cujos traços semânticos são do tipo Meta/Alvo) também deve ter havido perda das construções que necessitam desse elemento, ou seja, é provável a perda dos traços semânticos (Meta/Alvo) dos complementos dativos, conforme as palavras da autora, abaixo:

> *Parece razoável supor que existe uma diferença de alguma natureza entre um DP que recebe função temática ALVO do verbo e Caso Dativo da preposição dummy inserida exclusivamente para esse fim e um outro DP que recebe Caso Oblíquo e a função temática BENEFACTIVO (ou outra qualquer), advindos ambos de uma preposição não dummy (ou, pelo menos, que coloca em jogo a marcação temática composicional V+P).*

(Figueiredo e Silva, 2007. P. 104)

Não se fará uma apresentação pormenorizada desses questionamentos levantados por Figueiredo e Silva (op. cit.), mas é pertinente considerá-los, pois esses questionamentos são aplicáveis ao português falado em Belém, uma vez que se discute que o PB utiliza-se da preposição ‘para’ (onde normalmente se usa ‘a’ no PE) que introduz o caso oblíquo. A autora defende que o complemento de ‘para’ é interpretado com o traço Beneficiário “que combina com a interpretação de Alvo/Meta imposta pelo verbo, mas não se identifica com essa interpretação” Figueiredo e Silva, 2007 p. 105).

2.2.7. O estudo de Oliveira (2003)

Oliveira (2003) analisa o uso das preposições ‘a’ e ‘para’ em complementos verbais com função dativa nos anúncios e cartas enviadas aos jornais do século XIX; esboça uma proposta para a gramaticalização de ‘para’ e sugere a recategorização do clítico dativo ‘lhe’. Em face aos resultados obtidos nos estudos de Berlinck (1997) e Figueiredo Silva (ms) sobre a preposição ‘para’, aponta os seguintes questionamentos: a) Como se deu a gramaticalização de ‘para’ em complementos de verbos dativos? b) Como explicar a queda do clítico dativo, marcado com o traço [+referencial], se, de acordo com a hipótese da hierarquia referencial (Cyrino et alii 2000), o apagamento começa com itens [-referenciais]?

Oliveira (op.cit.) seleciona 624 dados de objeto indireto que apresentaram as seguintes variantes: a preposição ‘a’ (95,1%), a preposição ‘para’ (1,4%) e a variante zero (objeto nulo) (3,5%)[62].

A partir dos resultados, Oliveira (2003) aponta que a preposição ‘para’ ocorre não apenas como Benefactivo, se espera, mas também com papel Meta[63]:

(88) ...pedindo de porta em porta uma esmola **para** quem não tremeu nunca diante do inimigo (SP1865)

Oliveira (op. cit.) sugere que a primeira hipótese a ser verificada é se houve extensão do uso de ‘para’, de papel semântico Benefactivo para papel semântico Meta a partir do traço [+humano] comum a ambos. Em comédias do início do século XX, constata que ‘para’ introduz elementos [-animados], conforme exemplo abaixo[64]:

(89) Telephonou **para** a casa de mamãe. (Armando Gonzaga)

Com base no exemplo acima, Oliveira (op. cit.) diz que: “o que os dados parecem apontar é que ‘para’ [+Meta] não deriva de ‘para’ [+benefactivo], pois a extensão do uso de ‘para’ [+Meta] se faz pelo traço [- animado], (op. cit. p. 02).

---

[62] Oliveira (2003) analisa anúncios e cartas enviadas aos jornais do século XIX.
[63] Oliveira (2003, p. 2); dado renumerado.
[64] Oliveira (2003, p. 2); dado renumerado.

A preposição ‘para’, além de atribuir os papéis temáticos assinalados, introduz adjuntos com valor Final, conforme a autora demonstra com a análise dos dados do século XIX, como na sentença abaixo[65]:

(90) ...hoje que por Deliberação de SMI foi dada [a praça] **para** o Estabelecimento da Academia do Curso Jurídico (SP1828)

2.2.8. O estudo de Iseke Bispo (2004)

Iseke Bispo (2004) examina a sintaxe do dativo no português e considera a variação encontrada quanto ao uso do pronome no sintagma preposicionado em oposição à forma cliticizada, contrastando o português brasileiro do Rio de Janeiro e da Paraíba com o português europeu. A autora revela resultados interessantes: (i) no português da Paraíba, como no europeu, não há ocorrência da preposição ‘para’ introdutora de dativos – nesse contexto, a preposição ‘a’ é categórica (nas palavras da autora); (ii) ocorre queda na forma cliticizada e aumento do sintagma preposicionado no PB da Paraíba, conforme exemplos abaixo[66]:

(91) Ela não disse *a mim* que não acreditava (PB-Paraíba).
(92) Eu não sei o que dizer *a ela*. (PB-Paraíba).

Já no dialeto do Rio de Janeiro, as amostras de Iseke Bispo, além de atestarem diminuição acentuada no percentual de uso de clíticos, constatam também a inserção da preposição ‘para’ em contraste ao dialeto paraibano[67]:

(93) Não vai ter mais quem pague o clube *para mim* (PB-Rio de Janeiro).

Merece destaque, também, as observações de Iseke Bispo (2004) a respeito do ‘dativo com função Benefactiva (em que o dativo preposicionado é subcategorizado pela preposição com valor funcional, sob o esquema *para + SN*). Constatou-se que no português brasileiro há variação quanto à preposição

[65] Oliveira (2003, p. 3); dado renumerado.
[66] Iseke Bispo (2004, p. 3); dados (2b e 4) renumerados.
67 Bispo (2004, p. 3); dado renumerado.

introdutora de dativo nas construções ditrasitivas, sendo que as preposições que introduzem dativo Benefactivo no PB variam entre ‘a’ e ‘para’, conforme abaixo[68]:

(94) a. Pediu dinheiro *a ele* para pagar o baile
b. Pediu dinheiro *para ele* para pagar o baile

Por outro lado, Iseke Bispo (2004) observa que ocorrem contextos em que há diferenças significativas nas propriedades das preposições ‘a’ e ‘para’ no PB, verificado em (94a) e (94b)[69]:

(95) a. Solicitei *ao Fábio* uma festa de despedida.
b. Solicitei *para o Fábio* uma festa de despedida.

Nos exemplos acima, o complemento dativo apresenta papel temático Fonte (95a) e a sentença é interpretada como um pedido para Fábio fazer uma festa de despedida; em (95b) há uma frase ambígua de Benefício ou Fonte, em que a interpretação pode ser um pedido para Fábio fazer uma festa de despedida (Fonte) ou a solicitação de uma festa de despedida para o Fábio (Benefício). Bispo discute o estatuto categorial das preposições em (95), sendo em (95a) uma preposição funcional (marca morfologicamente o caso dativo) e em (95b) uma preposição com estatuto lexical (que atribui caso ao argumento SN Fábio).

2.2.9. A alternância dativa no português não culto falado no Brasil

A expressão do dativo em várias línguas ocorre por meio de construções que alternam entre a presença e a ausência da preposição. Essa propriedade é conhecida como ‘alternância dativa’. A língua inglesa, por exemplo, é uma das línguas que utiliza a alternância dativa. Nessa língua alternam-se duas construções: (i) a construção com ‘objeto duplo’ (*John sent Mary a letter*) em que a ausência da preposição é obrigatória quando o argumento dativo segue o verbo e (ii) a ‘construção preposicionada’ em que o argumento dativo segue o acusativo (*John sent a letter to Mary*) e a presença da preposição se faz obrigatória.

68 Bispo (2004, p. 4); dados renumerados.
69 Bispo (2004, p. 4); dados renumerados.

Além das línguas germânicas, como é o caso do inglês, nas línguas românicas também ocorre a alternância dativa, mas com construções distintas do inglês. Torres Morais & Berlinck (2007), conforme já mencionado na seção (2.2.5), propõem uma divisão da alternância dativa no PE em duas construções: (i) a construção de 'objeto duplo' e (ii) a construção ditransitiva preposicionada. A construção de objeto duplo proposta pelas autoras para o PE se dá com a preposição 'a' (forma morfológica *a-DP*) ou com clítico 'lhe'.

No português brasileiro não culto vem sendo atestada a alternância dativa (conf. Scher (1996), Gomes (2003b) e Lucchesi & Mello (2009)) em termos da ausência da preposição e, diferentemente do que ocorre no inglês, no PB não há restrição quanto ao uso da preposição decorrente da colocação do sintagma dativo na sentença, podendo ocorrer livremente sem a preposição.

Segundo Lucchesi & Mello (2009) a estrutura dativa denominada pela literatura de 'construção de objeto duplo' é encontrada na maioria das línguas crioulas. Lucchesi e Mello (op. cit.) analisam a estrutura dativa em comunidades afro-brasileiras isoladas (comunidades de Helvécia, Cinzento, Rio das Contas e Sapé, interior da Bahia) que atestam a construção de objeto duplo[70]:

(96) Eu dei os menino o remédio.

A construção de objeto duplo acima não faz parte da variedade culta da língua portuguesa, ao contrário, são encontradas em variedades populares do português brasileiro. A mesma construção também é atestada na região da Zona da Mata Mineira (conf. Scher, 1996). Segundo Lucchesi & Mello (2009), para um falante urbano culto do PB, a construção de objeto duplo é agramatical. Os autores argumentam que a construção de objeto duplo encontrada em dialetos populares no Brasil se deve ao contato com as línguas africanas na formação do português brasileiro:

> *[...] o fato de a construção de objeto duplo ser geral entre as línguas aponta fortemente no sentido de sua presença nas variedades populares do português no Brasil estar relacionada historicamente ao massivo contato do português*

[70] Lucchesi & Mello (2009, p. 155); dado renumerado.

> *com as línguas indígenas e, muito especialmente, com as línguas africanas, que marca a formação da sociedade brasileira. Sendo o resultado do processo de transmissão linguística irregular desencadeado pelo contato entre línguas, essa variação na estrutura de dativo tem uma significação muito especial, pois coloca a influência do contato linguístico na formação do português do Brasil em um novo patamar.*
>
> (Lucchesi & Mello, 2009, p. 3)

Além da construção de objeto duplo, Lucchesi & Mello (2009) atestam também a construção ditransitiva preposicionada nos dados que analisaram[71]:

(97) a. ela dá comida *pas criança* (construção dativa preposicionada)

b. escreveu *pra nós* uma carta (construção dativa preposicionada)

c. ele vendia *compade Jacó* porco gordo (construção de objeto duplo)

d. cê manda pedi um empresti ele (construção de objeto duplo)

Além dos estudos de Scher (1996) e Lucchesi & Mello (2009) em comunidades rurais, chama a atenção o fato de a construção de objeto duplo ser atestada também na cidade do Rio de Janeiro (conf. Gomes, 2003b). Nas ocorrências analisadas por Gomes (op. cit.) em dados do português vernacular carioca (tal qual os analisadas por Scher (1996) e Lucchesi & Melo (2009)) o complemento dativo ocorre sem o licenciamento da preposição (diferente da construção ditransitiva preposicionada, mencionada por Torres Morais & Berlinck (2006) na seção 2.2.5). Veja os exemplos abaixo[72]:

(98) a. Maria deu o livro *a/para Pedro*

b. Maria deu o livro *Ø Pedro*

c. Maria deu *a/para Pedro* o livro

d. Maria deu *Ø Pedro* o livro

Com base nos dados em (98), Gomes (2003b) propõe um esquema tipológico interessante para a alternância dativa no português brasileiro:

a) $_{VP}$[V SN_1 SP]

[71] Lucchesi & Mello (2009, p. 19); dados renumerados.
[72] Gomes (2003), p. 2); dados renumerados.

b) $_{VP}$[V SP SN_1]

c) $_{VP}$[V SN_1 SN_2]

d) $_{VP}$[V SN_2 SN_1]

A configuração dos esquemas acima segue a mesma ordem das sentenças apresentadas em (98*a*,*b*,*c,d*) acima. Nessa configuração, vê-se as quatro possibilidades de estruturação do dativo no dialeto pesquisado: a) verbo + sintagma nominal objeto direto + sintagma preposicional dativo; b) verbo + sintagma preposicional dativo + sintagma nominal objeto direto; c) verbo + sintagma nominal objeto direto + sintagma nominal dativo e d) verbo + sintagma nominal dativo + sintagma nominal objeto direto (ver exemplos em (98)).

A construção de objeto duplo apresentada acima, além de inovadora envolve dois processos independentes, mas relacionados ao mesmo tempo: as duas possibilidades de colocação do complemento dativo em relação ao verbo (o SN_2 em *c* e *d*) e o licenciamento do complemento dativo sem preposição – o SN_2 em *c* e *d* em vez de SP, nos exemplos apresentados em (98*c,d*: c. Maria deu *a/para Pedro* o livro / d. Maria deu *Ø Pedro* o livro).

Vale ressaltar que a tipologia (conf. *c* e *d*) proposta por Gomes (2003b), bem como as ocorrências de objeto duplo atestadas por Lucchesi & Mello (2009) não ocorrem nos dados do português oral culto em Belém, analisados neste trabalho, no entanto é importante citá-la uma vez que compõe o quadro da caracterização do dativo no português brasileiro.

3. A complementação dativa e oblíqua

A literatura que contempla estudos sobre complementação nem sempre costuma tratar de modo transparente a diferença entre os argumentos preposicionados. Nas resenhas feitas acima, verificou-se que: (i) (Brandão (1963), Almeida (1999) e Cunha & Cintra (1985)) distinguem apenas dois tipos de complementos – o objeto direto e o objeto indireto; (ii) Bechara (2009), Rocha Lima (2007) e Mateus et alii (2003) costumam distinguir além dos complementos objetos

diretos e indiretos, complementos oblíquos: complementos relativos e/ou circunstanciais. Em outros estudos fica obliterada essa oposição, caracterizada somente como complemento oblíquo (Mioto et alii, 2005). Para o propósito do presente estudo, torna-se necessário investigar melhor as relações entre a complementação verbal e as 'etiquetas' *objeto indireto*, *complemento oblíquo* e *dativo*.

No capítulo anterior apresentou-se a descrição do objeto indireto em várias gramáticas. Nesta seção faz-se uma síntese:

a) o objeto indireto pode ser expresso através de um sintagma introduzido pela preposição 'a' ou pela forma pronominal cliticizada; no caso da terceira pessoa, os pronominais 'lhe/lhes' (conforme Bechara (2009), Rocha Lima (2007) e Mateus et alii (2003)).

b) a alternância entre a forma pronominal dativa e o SD (sintagma determinante) introduzido pela preposição 'a' possibilita distinguir complementos de verbos como *dar, oferecer* introduzidos pela preposição 'a' de complementos como *gostar, assistir* introduzidos por diferentes preposições inclusive 'a'.

c) o argumento dativo assume uma marcação especial de caso e sua identificação se realiza:

- por meio dos sintagmas introduzidos por 'a'
- nas expressões 'a ele/ a eles / a ela / a elas'
- nas formas pronominais de terceira pessoa 'lhe/lhes'
- por meio do fenômeno do redobro do clítico (no PE)

Para Mateus et alii (2003), o complemento preposicionado tem o traço [+animado] ou é interpretado como tal. Todavia, certos predicadores de dois lugares (obedecer, sobreviver) seleciona o objeto indireto [-animado].

Mateus et alii (2003) propõem uma distinção entre relações gramaticais oblíquas e a relação gramatical de objeto indireto – ambas introduzidas por preposição. Denominam ditransitivos aos verbos que selecionam um argumento

externo, um argumento interno com a relação gramatical de objeto direto e um argumento interno preposicionado com a relação gramatical de objeto indireto; transitivos de três lugares aos verbos que selecionam um argumento externo, um argumento interno com a relação gramatical de objeto direto e um argumento preposicionado ou adverbial com a relação gramatical oblíqua. Em outras palavras, as autoras propõem a distinção entre ditransitivos (que selecionam argumentos dativos) e oblíquos (que selecionam argumentos preposicionados oblíquos ou relativos). Neste trabalho adota-se a noção de verbo ditransitivo, nos termos de Mateus et alii (2003).

As relações oblíquas são estabelecidas por complementos relativos ou simplesmente oblíquos, a partir da natureza do predicado verbal e expressam uma grande variedade de relações semânticas: *Istrumento, Comitativo, Beneficiário, Tempo, Duração, Freqüência, Locativo, Situacional, Direcional, Causa, Fim*, *Companhia*, conforme exemplos abaixo[73]:

(99) a. Ele partilhou o almoço *com o amigo* (Companhia)

b. O helicóptero transportou os feridos *para o hospital* (Direcional)

c. O caixa depositou o dinheiro *no cofre* (Locativo)

Os predicadores (*partilhar, transportar* e *depositar*) em (99) acima, nos termos de Mateus et alii (2003), não são verbos ditransitivos, mas transitivos de três lugares.

Na classificação de Mateus et. alii (2003), a distinção entre o objeto indireto e o complemento oblíquo toma maior transparência, pois o objeto indireto é tipicamente um “argumento dativo” e o complemento/adjunto oblíquo abarca um leque de funções semânticas, regidos por uma preposição – os verbos que determinam o esquema oblíquo são em geral verbos que selecionam a preposição.

Os complementos oblíquos não aceitam a substituição pelo clítico ‘lhe’, mas podem ser pronominalizados pelas formas tônicas *ele(s), ela(s).* Já os verbos como (chegar, ir, vir, viver, morar) selecionam oblíquos que podem ser comutados por advérbio de lugar.

[73] Mateus et alii (2003, p. 297); dados renumerados.

Segundo Mateus et alii (2003), um dos testes para identificação do OI é justamente substituir o sintagma preposicionado pela forma dativa do pronome pessoal 'lhe':

(100) a. O João deu o livro *para a Maria*
b. O João deu-*lhe o livro*

(101) a. O João pôs o livro na estante
b. *O João pôs-lhe o livro

A agramaticalidade de (101b) corrobora o teste da substituição pelo clítico 'lhe' apontado na literatura, pois, em (101a) há uma estrutura cujo complemento não apresenta os traços de um dativo, mas de complemento oblíquo (ou relativo) e, portanto, não é possível a sua substituição pelo clítico 'lhe'.

Sobre as diferenças constatadas na classificação dos complementos dativos e oblíquos, elaborou-se as tabelas (1) e (2) abaixo, onde se apresenta em forma de resumo as noções sintáticas e semânticas que caracterizam esses complementos. Alguns estudos, no entanto, divergem dessa síntese em alguns aspectos, principalmente no que tange à preposição que encabeça o complemento dativo – um deles é a tipologia dativa proposta por Berlinck (1996).

Tabela 1 - Relações sintáticas dos complementos dativo e oblíquo.

Dativo	**Oblíquo**
• introduzido pela preposição *a* (às vezes *para*)	• introduzido pelas preposições *a, para, de, com*, *em*.
• a preposição *a* possui estatuto gramatical/funcional quando se trata de *construção de objeto*	• as preposições oblíquas normalmente são lexicais[74].

[74] Os núcleos lexicais são definidos pela teoria gramatical pela possibilidade que têm de 's-selecionar' (selecionar semanticamente) seus complementos, enquanto os núcleos funcionais apenas os 'c-selecionam'. Assim, a preposição lexical seleciona um complemento a partir de várias relações semânticas (locativo, companhia, etc.) já a preposição funcional ao selecionar um complemento restringe-se à seleção categorial. Nos complementos dativos, por exemplo, a preposição funcional 'a' seleciona um SP e não um SV (*a-DP*, conf. Torres Morais & Berlinck, 2006), mas o faz somente em relação à categoria.

duplo e lexical quando se trata de construção *ditransitiva preposicionada* (conf. Torres Moraes & Berlinck, 2007)	
• pode ser pronominalizado por *lhe/lhes*.	• não pode ser pronominalizado por *lhe/lhes* mas pelas formas tônicas *ele(s)/ela(s)* acompanhadas da preposição (a)
• relação gramatical dativa.	• relação gramatical oblíqua

Tabela 2 - Relações semânticas dos complementos dativo e oblíquo.

Dativo	**Oblíquo**
• possui papéis semânticos de *Meta/Alvo - Fonte/Origem*	• expressa relações semânticas de *instrumento, comitativo, beneficiário, tempo, duração, freqüência, locativo , situacional, direcional, causal, final*.
• refere-se geralmente a um objeto com traço [+ animado] ou [+ humano]	• refere-se geralmente a um objeto com traço [- animado]
• introduzido pela preposição *a* = M*eta/Alvo – Fonte/Origem*	• introduzido pelas preposições *a, para, de, com, em.* (expressando um leque relações semânticas)

As classificações encontradas nas gramáticas de Brandão (1963), Almeida (1999), Cunha & Cintra (1985) e Neves (2000) não fazem distinção entre complementos verdadeiros dativos e os complementos oblíquos, ficando sob o rótulo de objeto indireto todos aqueles complementos encabeçados pelas preposições *a, de, com, em* e *para.*

Na descrição do objeto indireto em Belém, constante na Parte III desta dissertação, será observada a distinção entre a complementação oblíqua e dativa conforme as tabelas (1) e (2) sem, contudo, segui-la na íntegra, principalmente no que tange à preposição que encabeça o objeto indireto. Na próxima Parte da

dissertação (Parte II) discute-se o aporte teórico que norteia a análise dos dados a serem apresentados na terceira e última Parte da dissertação. Em síntese, a análise dos dados será feita por meio de três estruturas: (i) estrutura dativa preposicionada; (ii) estrutura com o clítico ‘lhe’ e (iii) estrutura de complementação oblíqua.

Parte II

Nesta segunda parte o enfoque do presente estudo volta-se ao aporte teórico que norteia a análise dos dados a serem apresentados na terceira e última Parte da dissertação. Na Parte I, os objetivos principais foram dois: apresentar resenhas do complemento dativo tanto em estudos de cunho normativo como de descrição com base nas teorias lingüísticas; apresentar uma síntese em forma de cotejo das diferentes características encontradas sobre o complemento dativo, resumida nas tabelas 1 e 2, apresentadas no tópico 3.

Nesta segunda Parte, discorre-se sobre a subteoria X-Barra – modelo teórico de estruturação sintagmática a ser adotado para a descrição dos dados, em sua versão recente pré-minimalista/minimalista que contempla a 'estrutura dativa' por meio de vP/VP.

1. O complemento verbal objeto indireto

A descrição do complemento verbal objeto indireto feita na Parte I desta dissertação apresentou características distintas. Dentre essas características, retoma-se, nesta seção, aquelas que nortearão a análise dos dados:

(i) são complementos tipicamente dativos os predicados de verbos ditransitivos que possuem o traço [+animado], encabeçados pelas preposições 'a', 'para', 'em', 'de' (conf. esquema N_0 + V + N_1 + {a, para, em} N_2 (Berlinck (1996)) e satisfazem semanticamente os traços de 'Meta'/'Fonte'/'Origem', conforme exemplos:

(1) O João deu o livro *à/para Maria* (Meta)
(2) Felipe *pediu* um chocolate *para o avô* (Fonte)

(ii) as noções semânticas dos predicadores ditransitivos: a) *transferência material*; b) *transferência verbal e perceptual*; c) *movimento físico* e d) *movimento abstrato* (conf. Berlinck (1996)).

(3) Maria *deu* o livro *ao João* (transferência material)

(4) Pedro *tirou* os livros *das mãos de Joana* (transferência material-direção oposta)

(5) Pedro *disse para seus colegas* que o diretor estava doente (transferência verbal/perceptual)

(6) No aniversário do amigo levou-*lhe* um livro. (movimento físico)

(7) A reputação dos astros foi prejudicada pelo amor que os nazis *lhes* dedicaram. (movimento abstrato)

(iii) substituição do complemento dativo de terceira pessoa pelo clítico 'lhe' ou pelas formas 'a/para ele(s)' 'a/para ela(s)' nas relações referenciais.

(7) O miúdo deu-*lhe* o brinquedo

(8) O João deu o livro *para ela*

(iv) são complementos oblíquos (ou relativos) os complementos de verbos de três lugares que expressam uma grande variedade de relações semânticas: *Instrumento, Comitativo, Beneficiário, Tempo, Duração, Freqüência, Locativo, Situacional, Direcional, Causa, Fim*, *Companhia*, conforme exemplos:

(9) Ele partilhou o almoço *com o amigo* (Companhia)

(10) O caixa depositou o dinheiro *no cofre* (Locativo)

2. A análise dos dados e a estrutura sintagmática

A análise dos dados sobre a expressão do objeto indireto na cidade Belém segue, neste trabalho, os pressupostos teóricos da Gramática Gerativa em sua versão de Princípios e Parâmetros (P&P), Chomsky (1981, 1983). Nesse sentido parte-se da idéia de predicação postulada pela teria gramatical.

A teoria sintática capta a organização estrutural das sentenças das línguas naturais e postula a existência de certos princípios que norteiam essa organização, conforme se verifica na sentença (11):

(11) João deu o livro *para Maria*

Pressupõe-se que as palavras na sentença (11) não estão aglomeradas simplesmente, mas organizadas sob o nível da frase, ou seja, estabelece-se entre o nível da palavra e o da frase uma outra forma de organização que é o sintagma (ou constituinte):

[João [deu [o livro [para Maria]]]

[João]: sintagma nominal

[dar]: predicador verbal

[o livro]:sintagma determinante/ sintagma nominal

[para Maria]: sintagma preposicional

A noção de constituinte está ligada à distribuição e organização das palavras na sentença. Além dessa noção existe outra – a noção de predicação. A predicação envolve restrições tanto no nível sintático quanto semântico. Sobre essa noção dedica-se o subitem a seguir.

2.1. A noção de predicado na teoria sintática

A noção de predicado presente na teoria sintática baseia-se na relação 'predicado *versus* argumentos'. Os predicados são classificados conforme o número de lugares (ou argumentos) que requerem. Por trás dessa noção encontra-se a noção de transitividade. Em P&P, verbos transitivos – conforme Oliveira (a sair: capítulo 4), são verbos de ação usados na voz ativa que projetam um argumento externo Agente.

Com base na noção de transitividade, o predicador verbal é classificado como:

(i) verbo com mais de um argumento

(ii) verbo monoargumental

(iii) verbo sem argumento

Importa aos objetivos deste trabalho os predicadores que se encaixam na noção descrita em (i) acima – verbos com mais de um argumento. Esses verbos

tratados pela tradição gramatical como transitivos diretos e indiretos, são transitivos por excelência. Voltando ao exemplo (11):

(11) João deu o livro *para Maria*

o verbo (ou predicador) 'dar' é do tipo que requer o número (máximo) de três argumentos ([João], [o livro], [para Maria]). A teoria convencionou chamar predicadores desse tipo de "verbos de três lugares" ou "verbos bitransitivos". Além deles, existem outros predicadores que se encaixam na classificação dada em (i) sobre "verbos com mais de um argumento", são verbos como 'pertencer', conforme exemplo (12)[75]:

(12) O imóvel pertence aos herdeiros

[o imóvel]: sintagma nominal - Tema

[ao João]: sintagma preposicional – Posse

Além das restrições quanto ao número de lugares exigidos pelo predicador, mencionadas acima, a noção de predicado na teoria sintática abrange outras restrições como a 'natureza' do argumento (sintagma nominal – SN, sintagma determinante – SD, sintagma preposicional – SP, sintagma adverbial – SAdv, etc.) ou quanto aos traços semânticos dos argumentos (Agente, Tema, Meta, Origem, Beneficiário, Locativo, etc.).

Voltando ao exemplo (11), o predicador 'dar' seleciona o argumento externo [João] e seus dois argumentos internos [o livro] e [Maria]. Além disso, esses argumentos precisam obedecer a outras restrições impostas pelo predicador 'dar': o argumento externo precisa ser um nome (sintagma nominal) do tipo [+animado] com traço semântico Agente; o argumento interno [o livro] precisa ser um sintagma nominal com traço semântico Tema; o argumento interno [Maria] deve ser um sintagma nominal [+animado] com traço semântico Meta.

Em P&P projeta-se predicadores como 'dar' em (11) em uma concha vP/VP e predicadores como 'pertencer' em (12), são projetados numa estrutura VP. A

[75] Bechara (2009, p. 423); dado numerado. Bechara (2009) chama a sentença (12) de "Construção especial com objeto indireto" e inclui nessa construção, além de pertencer, agradar, desagradar, ocorrer, acontecer, saber (= sentir sabor) cheirar (= sentir cheiro) interessar, aparecer, sorrir.

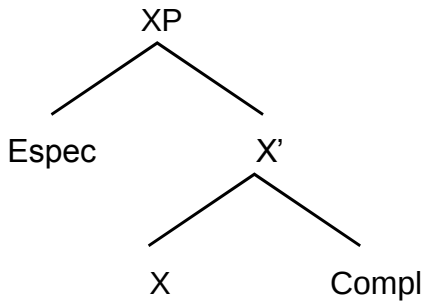
projeção sem v(ezinho) informa que o argumento é interno e não possui traço semântico Agente. A literatura trata predicadores desse tipo de ‘verbos psicológicos’. São verbos psicológicos, por exemplo, ‘preocupar’ e ‘entristecer’. Esses verbos não projetam argumento externo, mas dois argumentos internos. Veja a estrutura de projeção para esses verbos no subitem (2.3).

2.2. A Teoria X-Barra

A análise dos complementos verbais preposicionados será feita à luz da teoria X-Barra, um dos módulos da teoria Princípios e Parâmetros (P&P). De acordo com Mioto et alii (2005) a teoria X-Barra capta a estrutura interna dos sintagmas de qualquer língua:

> *A teoria X-Barra é o módulo da gramática que permite representar um constituinte. Ela é necessária para explicitar a natureza do constituinte, as relações que se estabelecem dentro dele e o modo como os constituintes se hierarquizam para formar a sentença. Como acontece como qualquer módulo da gramática, a Teoria X-Barra deve ser universal a ponto de configurar-se como um esquema geral, capaz de captar a estrutura interna dos sintagmas de qualquer língua; mas também deve prestar-se a dar conta da variação nas diferentes línguas.*
>
> Mioto et alii (2005, p. 46)

Mioto et alii (2005) explica que os sintagmas (ou constituintes) se constroem a partir de um núcleo, representável por uma variável X (que toma seu valor, dependendo da categoria do núcleo: N se for nome, V se for verbo, etc.) e apresenta o esquema XP (P=*Phrase,* do inglês):



onde tem-se a projeção máxima de um sintagma – XP, a projeção intermediária – X’ e seu núcleo ou projeção mínima – X (ou X_0). Há ainda três outras posições: Spec,

Adjunto e Complemento. O Complemento está mais próximo do núcleo (e é irmão de X), já o Adjunto é uma reduplicação da projeção mais alta de X (XP). O Espec – argumento externo do predicador – é projetado pela projeção máxima XP (e é irmão de X).

A adoção do Modelo X-Barra para as descrições do presente trabalho se justifica pelo fato de ser uma teoria que já vem sendo estudada há muitos anos e por ter rendido estudos interessantes e advogado soluções em termos sintagmáticos como básicas para a Gramática Universal.

Na próxima seção, apresenta-se a estruturação em X-Barra para o complemento objeto indireto.

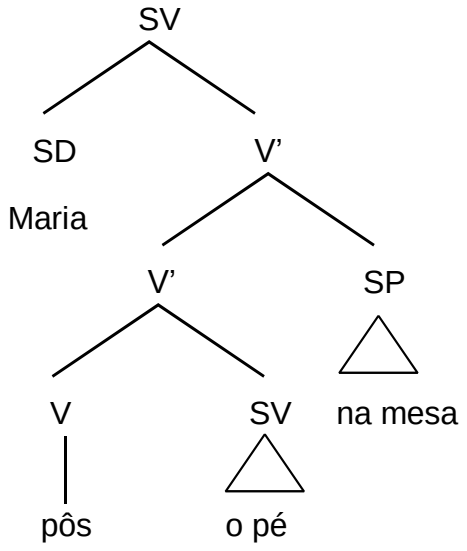
2.3. A Teoria X-Barra e o complemento objeto indireto

A representação dos predicadores compostos de dois argumentos do tipo *amar*, *fazer* e *matar* proposta pelo módulo X-Barra é simples e adequada, todavia quando se trata de verbos de três lugares como *dar, comprar* e *por*, o esquema de representação oferecido pela teoria já não é tão simples e as possibilidades de estruturação não são unânimes na literatura.

A representação proposta por Chomsky (1981) prevê a duplicação da projeção intermediária de V (V') para a projeção de verbos com dois complementos, conforme (13)[76]:

[76] Mioto et alii (2005, p. 81); dado renumerado. Mioto et alii (2005) seguem o modelo de representação de complementos preposicionados que duplica V', nos moldes propostos por Chomsky (1981).

(13) Maria pôs o pé na mesa



A projeção acima trata os dois argumentos internos como projeções intermediárias de V (núcleo verbal). No entanto, a duplicação intermediária de V informa que o argumento interno SP (sintagma preposicional) não é projetado pelo núcleo lexical V, mas pela categoria intermediária V'; informa também que o complemento preposicionado (SP – na mesa) está mais distante do núcleo do verbo que o complemento (sintagma determinante (SD) – o pé).

Segundo Oliveira (a sair: capítulo 4, seção 1.1.2) a projeção 'bitransitiva' fornece a informação de que o SN/SD apresenta uma relação mais próxima com o verbo e o SP está mais afastado do núcleo verbal. Essa interpretação traz um conflito à representação 'bitransitiva'.

Larson (1988) capta o conflito existente na projeção bitransitiva e, consoante com um dos princípios de X-Barra "α está sob o domínio de β", propõe uma contra-argumentação baseada em dados do inglês (estrutura de objeto duplo) para a projeção de verbos com dois complementos: uma estrutura diferenciada de (13) baseada no esquema '*Concha - VP*'.

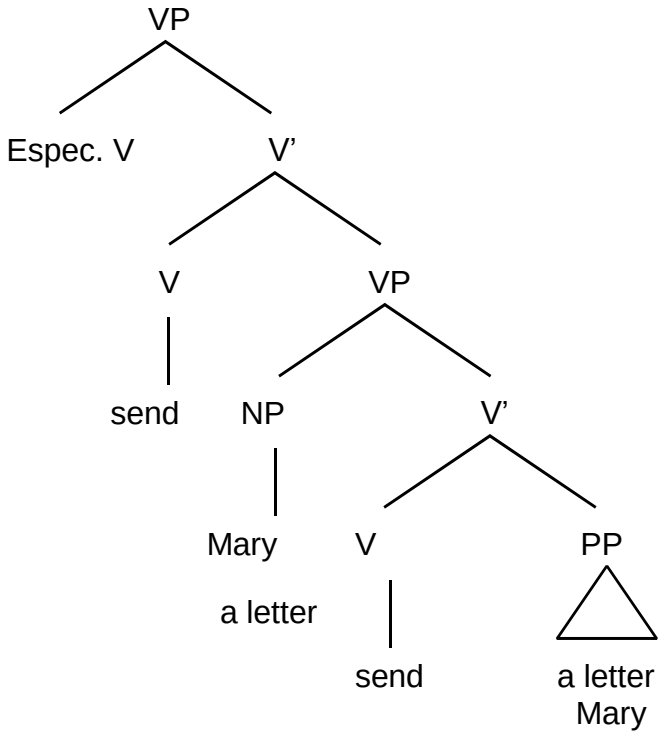
Em sentenças como (14a) abaixo, Larson (1988, p. 335) argumenta que o segundo sintagma nominal – SD 'a letter' está sob o domínio do primeiro sintagma nominal (dativo) – SN 'Mary', ferindo o princípio de domínio de X-Barra. Propõe que dativos simples como (14b) derivam de uma 'forma marcada' na qual o verbo e o objeto indireto participam de uma constituição que exclui o objeto direto. De acordo

com a proposta de Larson (op. cit.), na sentença (14b) ‘a letter’ ocupa a posição especificador da ‘concha VP’ e a posição de complemento será ocupada por ‘(to) Mary’, como se vê na estrutura (01) abaixo[77]:

(14) a. John sent Mary a letter

b. John sent a letter to Mary’

ESTRUTUA (1):



O esquema de projeção em (14a,b) de Larson (1988) possibilita um tratamento estrutural para verbos de três lugares.

Os argumentos internos de natureza SP em português (objeto indireto) passam a ser projetados como sintagmas ‘irmãos’ do núcleo V, consolidando a noção de ‘concha VP’.

Mais recentemente, a projeção ‘concha VP’ passou a ser relacionada a qualquer projeção transitiva por meio de uma estrutura que atribui à camada mais alta da ‘concha’ a função de sintagma ‘verbo leve’ – vP (vepezinho)

[77] Larson (1988, p. 335) estruturas (2a, b), readaptadas. As etiquetas dos sintagmas foram mantidas em inglês.

2.4. A projeção de verbos ditransitivos com base em vP e VP

Nesta subseção, apresenta-se um resumo da projeção vP/VP baseados em Oliveira (a sair: cap. 4, subseção: 1.1.4.2).

A estrutura ‘concha VP’ proposta por Larson (1988) em uma versão de P&P pré-minimalista e minimalista passou a ser relacionada a qualquer projeção transitiva por meio de uma estrutura que atribui à camada mais alta do VP a função de ‘verbo leve’ – ‘vezinho’.

A literatura denomina de ‘verbo leve’ predicadores que não selecionam diretamente seus argumentos nem lhes atribui papel temático. Ao verbo leve juntam-se ‘nominalizações’ (nomes deverbais) e formam uma ‘relação semântica’ com ‘predicação complexa’. A título de exemplo, veja as sentenças (15a,b) abaixo:

(15) a. A Maria deu bofetadas no João
b. A Maria esbofeteou o João

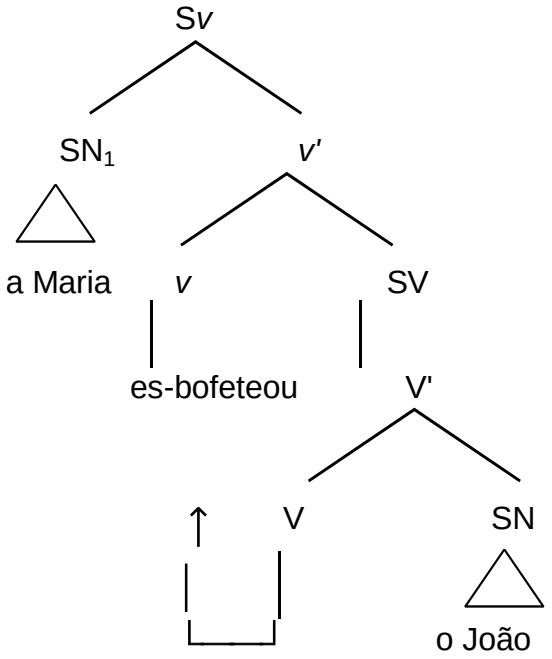
A construção com o verbo ‘dar’, no exemplo (15a), acima, não expressa as mesmas relações em que ‘dar’ é um ditransitivo prototípico, ou seja, o verbo ‘dar’ nesses contextos não é um verbo de transferência de posse e seus argumentos internos não têm marcação de papel temático ‘Tema’, nem ‘Alvo’/’Meta’ ou ‘Fonte’. Os ‘candidatos’ a argumentos internos não preposicionados são nominalizações – ‘bofetadas’, conforme a predicação abaixo[78]:

Construções como em (15a), denominadas pela literatura de ‘Construção com Verbo Leve’, ocorrem comumente com os verbos ‘dar’ e ‘ter’. Oliveira (a sair: cap. 4, subseção 1.1.3) menciona que a mesma sentença pode ser parafraseada (conforme (15b). E conclui: “[...] *se esses pares sentenciais são correlatos semânticos eles devem ter a mesma configuração estrutural*”:

Predicações como (15a) passam a ser associadas em P&P (em modelos recentes) a uma estrutura como em (02) (Conf. Nunes et alii (a sair: cap. 2, subseção (2.4.6.)):

[78] Exemplos extraídos de Oliveira (a sair: cap. 4, subseção 1.1.3) e renumerados.

ESTRUTURA (02)



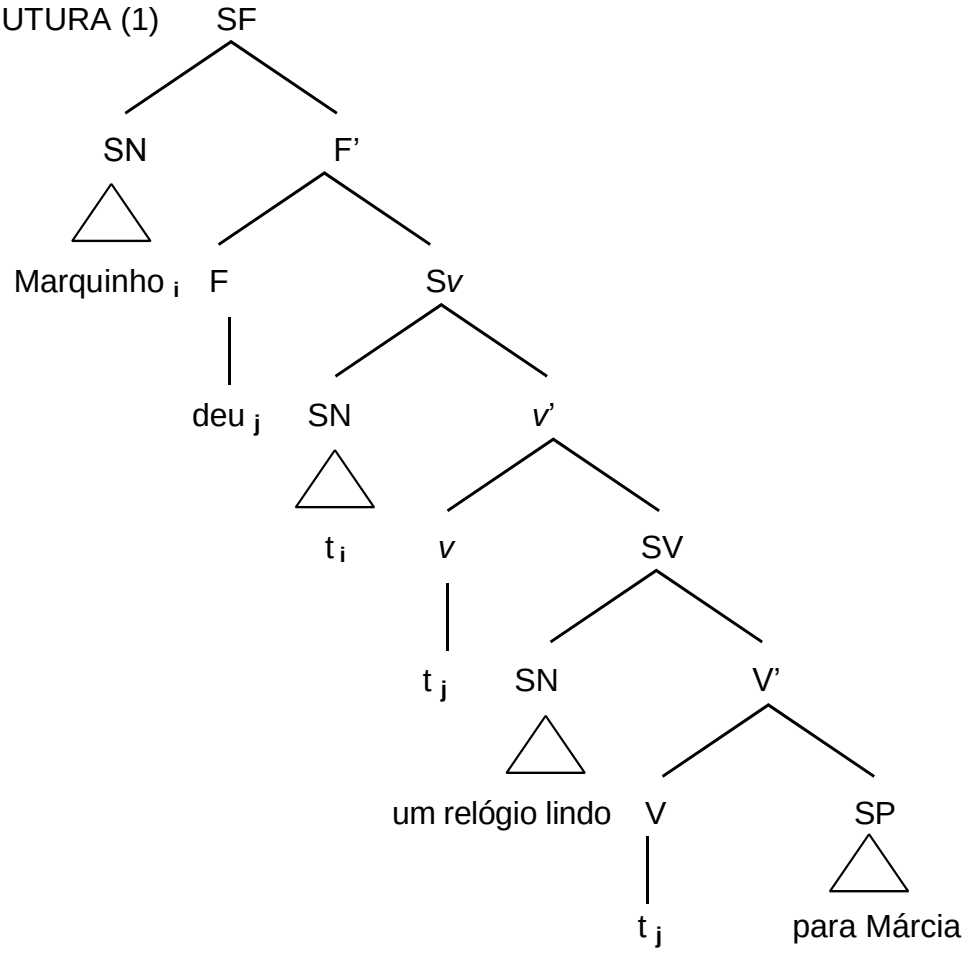
Na projeção acima apreende-se o “paralelismo sintático e semântico” de sentenças como (15a,b). O argumento externo do verbo leve – *v*(ezinho) – é o agente que desencadeia o evento: [*A Maria*] nas sentenças mencionadas.

Oliveira (a sair: cap. 4, subseção 1.1.3.) acrescenta que, em português, construções com ‘verbos leves’ – ‘item lexical autônomo’, seguido de nominalização, como ‘dar’ em (15a) são cada vez mais atestadas e vêm sendo analisadas como construções similares às construções ditransitivas. A estrutura binária vP/VP em construções ditransitivas permite que se capte o interessante fato de que o V(erbo) e o argumento interno SP formam um constituinte sintático mais próximo um do outro. Testes apontam que, de fato, a projeção do OI se dá como a mais interna ao V, seguida então do SD objeto, diferentemente do que se vê na projeção que duplica V’, em (13).

A seguir, apresenta-se um exemplo de estrutura dativa – vP/VP – apresentada por Oliveira (a sair: cap. 4 subseção: 1.1.4.2, dado (29), renumerado).

(16) a. Marquinho deu um relógio lindo para Márcia

ESTRUTURA (1)



Oliveira (op,. cit. subseção: 1.1.4) descreve as etapas da derivação apreendidas na estrutura em (16):

(i) *o verbo dar projeta, a partir do núcleo SV, o seu argumento interno SP para Márcia, formando o nível V-barra deu para Márcia;*

(ii) *o 'complexo V-barra' projeta o SN um relógio lindo, formando o SV interno um relógio lindo para Márcia;*

(iii) *o verbo dar sobe de núcleo de SV para núcleo de Sv a fim de associar-se a um prefixo 'verbo leve' fonologicamente nulo – ver estrutura em (17);*

(iv) *o verbo leve dar marca Caso acusativo para o SN um relógio lindo – a prova disto é que o SN um relógio lindo pode aparecer em uma estrutura passiva – ver (29c);*

(v) *o verbo dar , em v(ezinho), projeta o argumento externo da predicação: o SN Marquinho;*

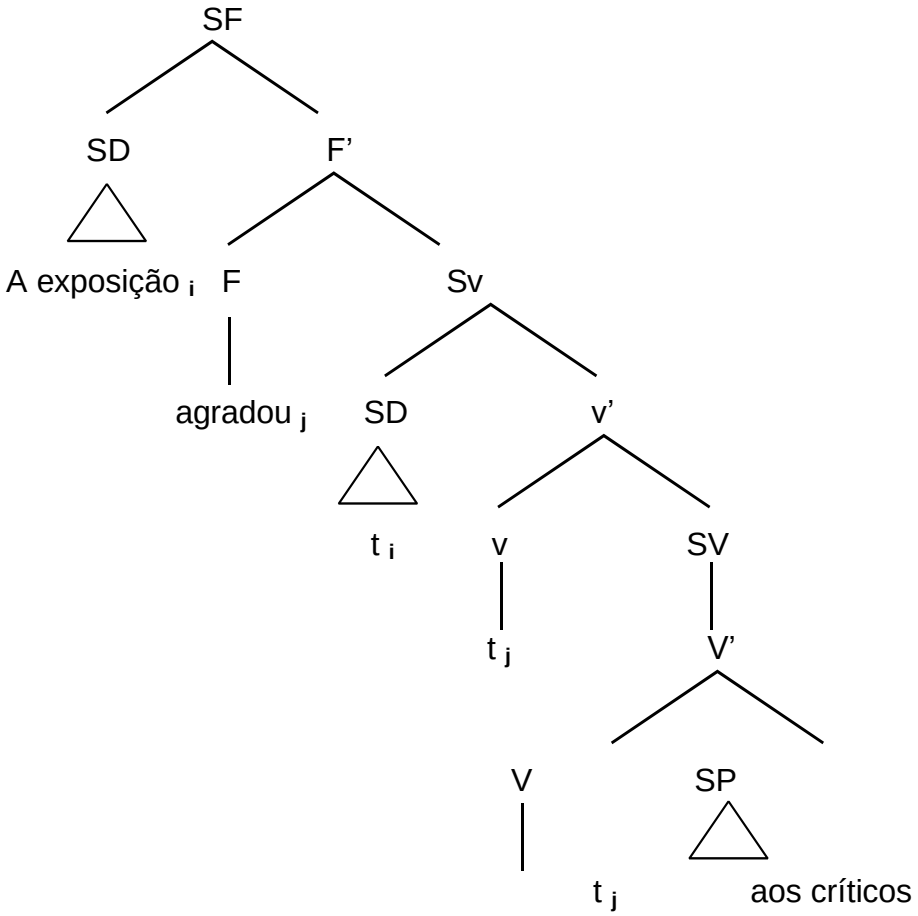
(vi) *os núcleos em Sv sobem para núcleo de flexão e para [Spec, SF] a fim de possibilitarem a checagem de traços funcionais que projetam a sentença.*

2.5. A projeção de verbos transitivos com base em vP /VP

Na seção anterior apresentou-se a estrutura dativa vP/VP, com base na estrutura (01) de ‘Concha VP’ (Larson, 1988). Além dessa estrutura, há ainda os ‘verbos de dois lugares’, chamados de transitivos indiretos pela tradição gramatical, que projetam um argumento externo e um SP interno. Abaixo, apresenta-se a estrutura para esses verbos, veja o exemplo[79]:

(17) A exposição agradou aos críticos

(ESTRUTURA (02))



A estrutura (02) tanto pode projetar complementos dativos quanto oblíquos, com verbos agentivos, como a sentença (18):

(18) Ela brincou de boneca.

[79] Mateus et Alii (2003, p. 299); dado renumerado

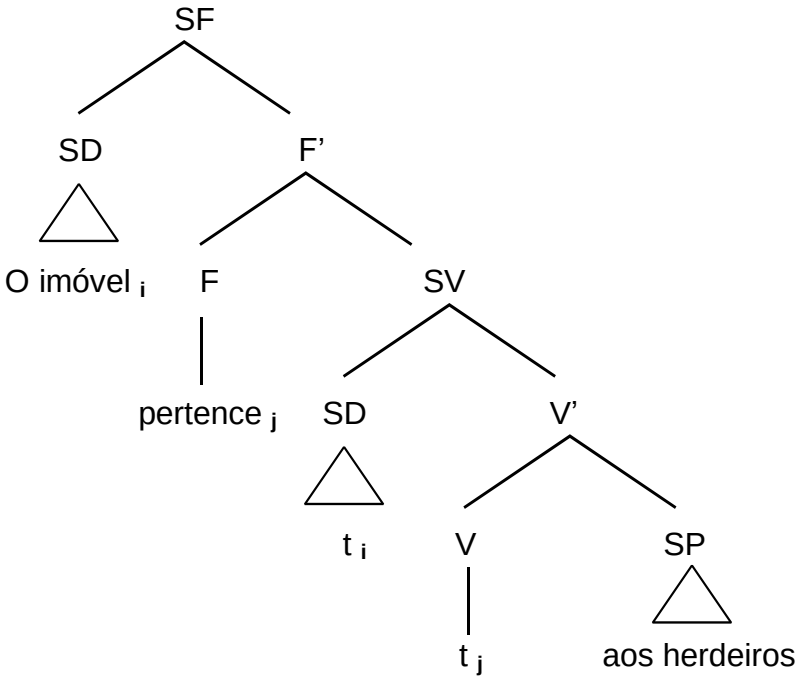
2.6. A projeção de complementos oblíquos com base em VP

Além da estrutura para verbos de dois lugares como a estrutura dativa/oblíqua vP/VP apresentada na subseção anterior, nesta subseção apresenta-se a estrutura para verbos de dois lugares que não projetam argumento externo.

Na subseção (2.1.), além dos predicadores ditransitivos, mencionaram-se os predicadores considerados pela literatura ‘verbos psicológicos’. A estrutura para esses verbos diferencia-se da estrutura ditransitiva, conforme projeção da sentença (19):

(19) O imóvel pertence aos herdeiros

ESTRUTURA (03)



A projeção das estruturas com complementos dativos e oblíquas na análise dos dados, constante na Parte III desta dissertação, segue as estruturas apresentadas nas seções anteriores: (i) Estrutura (1) - projeção com base na estrutura vP/vP (Sv/SV), tanto para dativos quanto para oblíquos; (ii) Estrutura (2) – com base em vP/VP para os predicadores de dois argumentos, sendo um deles do tipo Agente e (iii) Estrutura (3) – para os argumentos gerados em e VP, como os predicadores com dois argumentos internos (do tipo ‘psicológicos’).

Parte III

Vários estudos compõem o quadro da caracterização do objeto indireto no português brasileiro, tanto na modalidade culta, quanto popular ou rural. Mas essa caracterização ainda carece de estudos sobre o objeto indireto em algumas regiões do país, como a região Norte. Encontra-se aí um dos principais objetivos desta dissertação: produzir não apenas um estudo descritivo do objeto indireto, mas contribuir com esse quadro, apresentando uma descrição do objeto indireto na cidade de Belém e, assim, estender também para outras regiões o estudo sobre o objeto indireto no português brasileiro.

Nesta Parte final da dissertação, o objetivo principal é a descrição e análise do corpus centrada nas seguintes construções sintáticas: (i) construção dativa preposicionada, (ii) construção com o clítico 'lhe' e (iii) construção oblíqua. Como parte da descrição e análise das construções completivas preposicionadas em Belém, procedem-se ainda algumas considerações sobre o corpus bem como o gênero a ser analisado, conforme os subitens (1.2) e (1.3).

Além da descrição com base nas estruturas mencionadas acima, na análise das sentenças, objetiva-se a uma comparação da complementação indireta em Belém com as análises já realizadas sobre o português culto falado no Brasil – como se atesta na literatura resenhada na Parte I.

1. O complemento verbal objeto indireto no português oral culto em Belém

A análise a ser apresentada centra-se no tópico complementação verbal indireta no português culto falado em uma significativa capital da região Norte do Brasil – a cidade de Belém.

A cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará, capital do estado do Pará, está situada na região Norte do Brasil, às proximidades da foz do rio Amazonas. Por conta dessa localização, a cidade é conhecida como o 'Portal da Amazônia'. A sua fundação é datada de 1616 e em 12 de janeiro de 2010 completou 394 anos de uma história baseada em ciclos de riquezas seguidos de recessões: primeiramente o 'ciclo das especiarias' e mais tarde o 'ciclo da borracha'.

> *As especiarias denominadas drogas do sertão eram: cravo, canela, pimenta, urucum, castanha, guaraná e baunilha. Para a transferência das especiarias a Portugal, os jesuítas utilizavam a foz do rio Amazonas para contrabandeá-las, uma vez que já eram bastante conhecidas e de alto custo. Para combater este tipo de contrabando, Francisco Caldeira Castelo Branco, em 1616, construiu o Forte do Presépio.*
>
> http://www.brasilescola.com/historiab/as-drogas-sertao.htm

O Ciclo da Borracha – o segundo ciclo que viveu a região, trouxe à cidade um grande fluxo de imigração, causando transformações sociais e culturais:

> *O Ciclo da borracha constituiu uma parte importante da história econômica e social do Brasil, estando relacionado com a extração e comercialização da borracha. Este ciclo teve o seu centro na região amazônica, proporcionando grande expansão da colonização, atraindo riqueza e causando transformações culturais e sociais, além de dar grande impulso às cidades de Manaus, Porto Velho e Belém, até hoje maiores centros e capitais de seus Estados, Amazonas, Rondônia e Pará, respectivamente. [...] O ciclo da borracha viveu seu auge entre 1879 a 1912, tendo depois experimentado uma sobrevida entre 1942 e 1945 durante a II Guerra Mundial (1939-1945).*
>
> http://pt.wikipedia.org/wiki/Ciclo_da_borracha

Nesses quase quatro séculos de história, a cidade de Belém passou por grandes mudanças, mas ainda guarda muitos traços e costumes herdados dos seus primeiros habitantes – os indígenas da região e os seus fundadores, os portugueses, legando à cidade ‘marcas’ que estão presentes tanto em sua arquitetura quanto em sua culinária. A esses primeiros habitantes seguiram-se, em menor escala, emigrantes de outras nacionalidades: espanhóis, italianos, libaneses e japoneses.

1.2. O corpus

O corpus investigado é composto por cerca de 18 horas de gravações de programas de entrevista televisiva veiculados pela mídia da cidade de Belém, resultando em 195 páginas de transcrição. O corpus constitui uma expressão do português culto falado na cidade.

Os programas gravados são ‘Sem Censura Pará’, da TV Cultura; ‘Argumento’, da TV RBA (transmissora local da Rede Bandeirantes); ‘Mais’, da Rede Record e

‘Bom dia Pará’, da TV Liberal (transmissora local da Rede Globo). Os programas, de modo geral, entrevistam políticos do Estado ou profissionais que ocupam cargos administrativos no governo, artistas, etc. As entrevistas tratam de temas variados: política, questões sociais, saúde, governo, etc. e giram em torno da prestação de serviços à comunidade.

A maior parte das gravações é do programa ‘Sem Censura Pará’, da TV Cultura, que vai ao ar todas as tardes e tem cerca de 90 minutos de duração. O programa é conduzido por um entrevistador que atua como mediador junto a um grupo de três entrevistados convidados mais um jornalista convidado para participar como debatedor. Nesse contexto a fala não é completamente espontânea. Ela se insere numa perspectiva discursiva em que a enunciação e as condições enunciativas que se estabelecem entre os participantes (de um lado o entrevistador e o entrevistado e do outro o telespectador que participa enviando perguntas), não são do tipo ‘naturais’[80].

A transcrição do corpus segue as mesmas regras de transcrição da língua falada do projeto NURC (conf. Seção.1.1, Parte I).

> **Apresentadora:** Secretário... quando a gente fala do Xingu... a gente lembra logo da Terra do Meio né... que é aquela região entre o Tapajós e o Xingu e a gente sabe que é uma região muito marcada por intensos conflitos fundiários... conflitos de terra por... ali também estão ah:::... vivem muitos grupos indígenas né... ah:... espécies madeireiras muito ricas né comercialmente muito ricas e tal... então... é uma região SINgular e as populações tradicionais dessa região reclamam... né... vêm reclamando da falta de assistência do poder público e tal... COmo é que esse PlAno de desenvolvimento regional sustentável vai ah... agir... vai ah:: ser formatado dentro desse cenário levando em consideração esse cenário dessa região?
>
> **Entrevistado:** Boa tarde a todos aqui presentes é::: é importante você começar ah... a entrevista abordando esta questão porque ah:: dos cinco eixos que nós vamos ter no plano de desenvolvimento regional do Xingu... um deles é o ordenamento territorial regularização fundiária e gestão ambiental... então... é:: esse eixo... no plano do Xingu... ele vai ser muito forte exatamente para dar conta da regularização fundiária... título de posse a populações tradicionais que ali vivem é:: e também a gestão ambiental pra que possa ah::. naquela região... no Estado eh:: ter um aproveitamento dos seus recursos naturais né...

[80] Segundo Benveniste (2006, p.82) a enunciação é o uso individual que o falante faz da língua.

sem agressão do ambiente... então isso tá previsto com um dos eixos do plano eh:: nós atendermos essa solicitação além do que... num outro eixo do plano que é modelo de gestão... ele tem a participação ativa da sociedade... então esses atores sociais:: população ribeirinha, população ah... os extrativistas né eles terão papel ativo na gestão do plano, na...

Apresentadora: [CERto... essa população será ouVIda já foi ouVIda?

A transcrição do corpus foi organizada conforme a ordem cronológica dos programas e arquivada com uma numeração de páginas e ordem das entrevistas, conforme sumário abaixo:

1 – Programa Argumento (17.03.08).....03
2 – Programa Argumento (24.03.08).....13
3 – Programa Sem Censura (18.03.08).....23
4 – Programa Sem Censura (19.03.08).....37
5 – Programa Sem Censura (21.03.08).....52
6 – Programa Sem Censura (24.03.08).....65
7 – Programa Sem Censura (25.03.08).....80
8 – Programa Sem Censura (26.03.08).....87
9 – Programa Sem Censura (27.03.08).....99
10 – Programa Sem Censura (28.03.08).....120
11 - Bom dia Pará (25.03.08)..... 127
12 – Bom dia Pará (31.03.08).....138
13 - Programa Argumento (14.04.08).....158
14 – Programa Mais (20.03.08).....171
15 – Programa Bom dia Pará (01.04.08)..... 186

1.3. O gênero entrevista televisiva

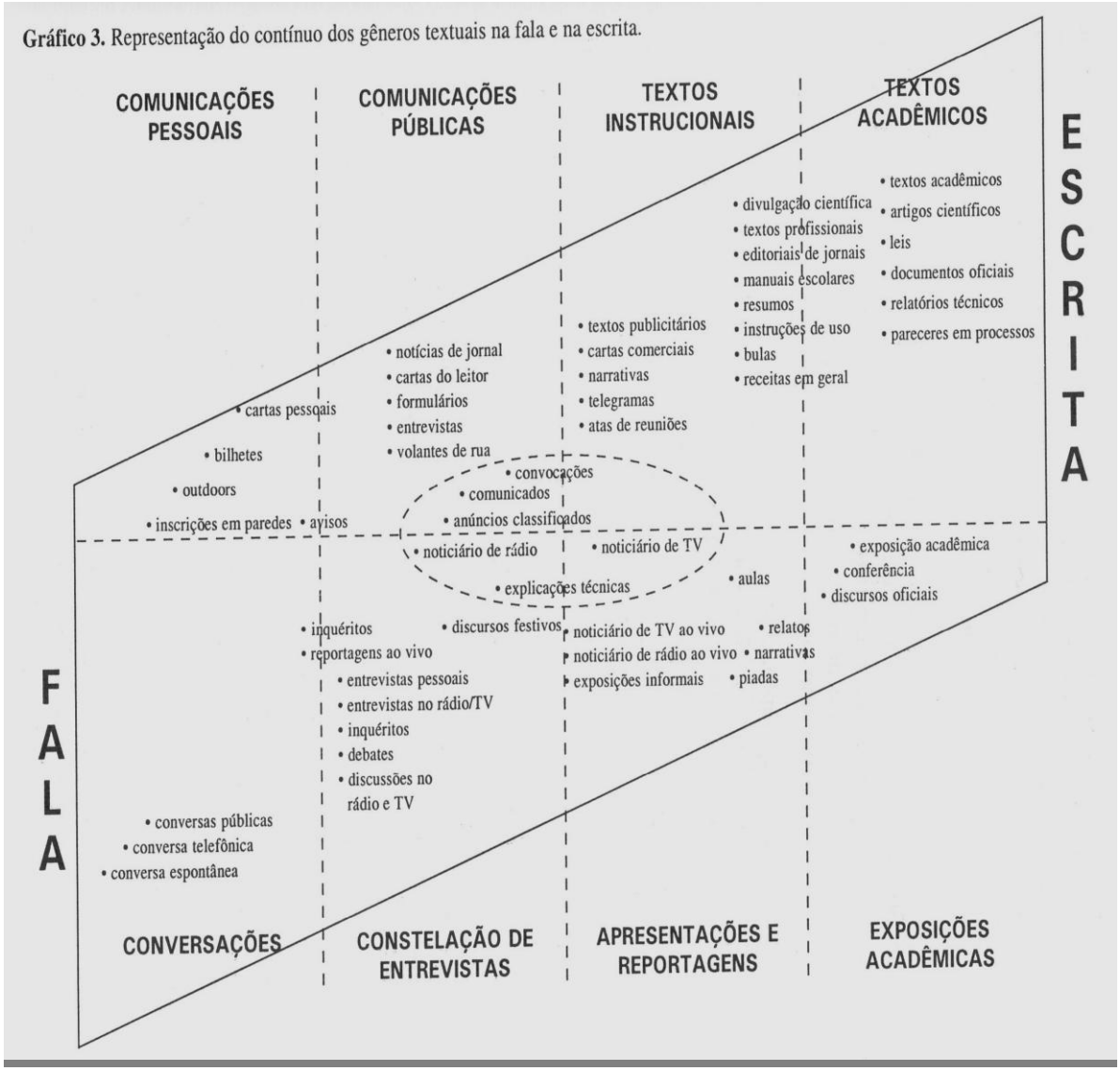
A coleta do corpus se deu inteiramente em gravação de programas de entrevistas televisivas e, nesse sentido, faz-se necessário tecer alguns comentários sobre esse gênero em questão – a “entrevista televisiva”.

A “entrevista televisiva” faz parte de um gênero textual que, embora tenha concepção discursiva centrada na escrita, tem como meio de produção o “sonoro”,

inserindo-se no “contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita”, conforme as considerações sobre as diferenças/semelhanças entre fala e escrita consideradas por Marcuschi (2008):

> *A hipótese que defendemos supõe que: as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do contínuo tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos opostos. Em conseqüência, temos a ver com correlações em vários planos, surgindo daí um conjunto de variações e não uma simples variação linear.*
>
> (Marcuschi, 2008, 37)

Nesse sentido as entrevistas e discussões no rádio e televisão, apesar de serem textos orais, não são ‘conversas espontâneas’ e precisam ser vistas como fruto de certas ‘condições de produção’ e de estratégias de formulação que determinam suas características, como estilo, grau de formalidade, seleção lexical, etc. No esquema abaixo, Marcuschi (2008, p. 41) apresenta o contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita:



No esquema acima, o gênero “entrevistas no rádio e TV”, ao meso tempo que se situa no domínio da fala, correlaciona-se ao domínio da escrita, pois sofre estratégias de formulação que fazem surgir semelhanças e diferenças ao longo de contínuos que se sobrepõem.

Portanto assume-se a proposta de Marcuschi (op. cit.) que contempla a relação fala e escrita numa visão não-dicotômica sob o ponto de vista sócio-interacional. Assim, a mídia televisiva é vista como um dos gêneros que constituem a corpora da fala culta belenense.

2. Análise do corpus

A análise do corpus está organizada do seguinte modo: (i) sentenças com construção ditransitiva preposicionada (dativa); (ii) sentenças com construções oblíquas; (iii) sentenças com o clítico dativo; (iv) considerações sobre as preposições nos dados e (v) comparação com os dados do OI na literatura sobre o PB.

Os estudos sobre o objeto indireto apresentados na Parte I desta dissertação apresentam caracterizações divergentes e, com base nessas divergências, apresentou-se, na Parte II, uma proposta teórica de descrição e análise dos dados com base em três estruturas: (i) estrutura ditransitiva preposicionada; (ii) estrutura de complementação oblíqua e (iii) estrutura dativa com pronome dativo 'lhe'.

2.1. A construção ditransitiva preposicionada

Torres Morais & Berlinck (2006, 2007) assumem a caracterização do complemento dativo no português europeu com base na 'alternância dativa' ou seja, assumem duas estruturas para esta língua (i) construção de objeto duplo e (ii) construção dativa preposicionada. Em contrapartida, assumem que o português brasileiro (culto) perdeu a possibilidade de expressão morfológica do dativo e, por conseguinte, a perda da 'alternância dativa' e da estrutura (i) (construção de objeto duplo).

A análise que se segue toma por base a 'construção ditransitiva preposicionada' (CDP, daqui em diante) citada em Torres Morais & Berlinck (2006, 2007) sem, no entanto entendê-la como uma contraparte da alternância dativa que as autoras assumem para o português europeu. Com isso, assume-se como CDP a construção cujo complemento é preferencialmente [+ animado] e passível de substituição pelo clítico 'lhe'.

A CDP é aplicada às sentenças do corpus cujos predicadores selecionam um argumento externo DP 'Agente' e dois argumentos internos: um DP 'Tema' (objeto direto) e um PP 'Alvo/Meta' ou 'Fonte/Origem' (objeto indireto). Os representantes dessa categoria são os predicadores mencionados por Berlinck (1996):

(i) verbos de transferência material, cujo prototípico é dar, seguido por *alugar, atribuir, confiar, devolver, distribuir, emprestar, entregar, fornecer, legar.*

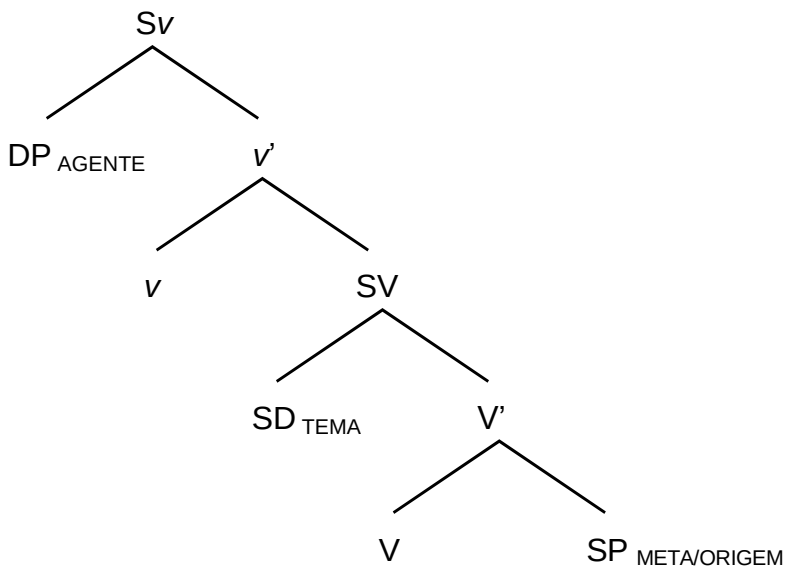
(ii) transferência verbal e perceptual, cujo verbo prototípico é ‘dizer’, seguido por *aconselhar; anunciar; assegurar; confessar; contar; ensinar; escrever; falar; jurar; narrar; ordenar;* etc.;

(iii) movimento físico, com prototípico ‘levar’, seguido de *acrescentar; atirar; conduzir; dirigir; encaminhar; instilar; lançar; pôr*; *trazer,* etc.

(iv) movimento abstrato, cujo prototípico é ‘submeter’, seguido de: *acrescentar; adaptar; anexar; atribuir; conferir; consagrar; dedicar; destinar; filiar;* etc.

Abaixo, apresenta-se a estrutura X-Barra que se toma para representar as sentenças dativas. Esta estrutura foi pormenorizada na Parte II, subseção (2.4.).

Estrutura (01):



Nas subseções seguintes, apresentam-se as sentenças selecionadas no corpus que são projetadas em uma estrutura Sv/SV, como se vê em (01) acima e apresentadas conforme a preposição que seleciona o complemento.

2.1.1. Construção dativa preposicionada – preposição ‘a’

No corpus atesta-se a presença significativa da preposição ‘a’ com complementos de verbos de transferência material: ‘dar’, ‘pedir’; de movimento: ‘levar’ e transferência verbal ‘falar’. A descrição dos dados está dividida em dois aspectos: a) a descrição da predicação e b) a projeção da estrutura.

As CDPs a serem descritas nesta seção seguem a ‘Estrutura 1’ (conf. Subitem anterior 2.1) em Sv/SV. Elas ocorrem conforme a língua padrão, seguindo às descrições normativas apresentadas na Parte I (objeto indireto [+humano] e encabeçado pela preposição ‘a’). Essa construção é bastante produtiva no corpus, conforme se pode ver nas sentenças de (01) a (05)

Na sentença (06) a preposição ‘a’ introduz um complemento [-humano]

(01) [entrevistado] ...a governadora anunciou recentemente no forum paraense de competitividade e nós eh:...[levamos isso ***aos deputados***]. (p. 22)

LEVAMOS – verbo do tipo *de condução/ transferência verbal e movimento*.

a. categoria [-N, +V]

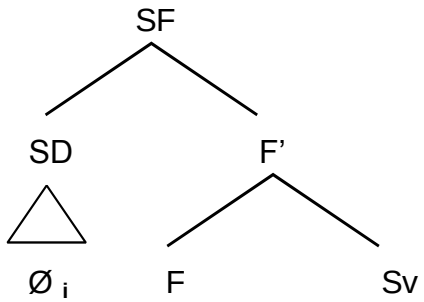
nº de argumentos [__ , __, __]

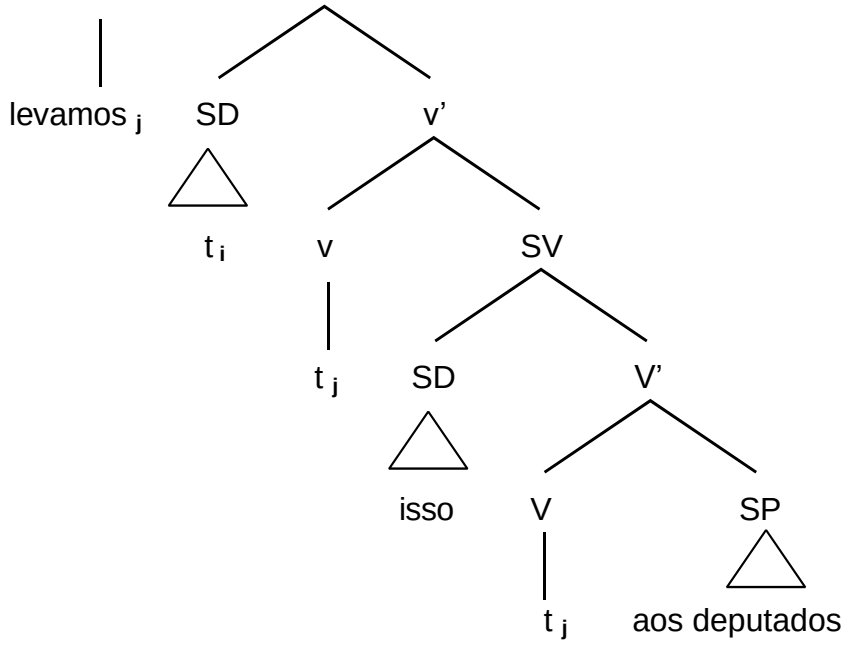
c-seleção [SD nulo, SD, SP_a]

s-seleção [AGENTE, TEMA/PACIENTE, ALVO/META]

SP [+animado]

b. [levamos isso ***aos deputados***]





Na construção (01) acima, o predicador 'levar' é ditransitivo, ou seja, é do tipo que seleciona 3 argumentos: o argumento externo SD - Agente do tipo nulo [Ø], um argumento interno SD/SN - Tema 'isso' e um argumento interno SP - Meta 'aos deputados'.

Abaixo, apresentam-se as etapas de derivação da sentença (01). Ver (subitem 2.4., Parte II) para derivação de estruturas do tipo Sv/SV.

(vii) o verbo 'levar' projeta o seu argumento interno SP 'aos deputados', formando o nível V-barra 'levamos aos deputados', a partir do núcleo SV;

(viii) o 'componente V-barra' projeta o SN 'isso', formando o SV interno 'levamos isso aos deputados';

(ix) o verbo 'levar' sobe de núcleo de SV para núcleo de Sv a fim de associar-se a um prefixo 'verbo leve' fonologicamente nulo;

(x) o verbo leve 'levar' marca Caso acusativo para o SN 'isso';

(xi) o verbo 'levar', em v(ezinho), projeta o argumento externo da predicação: o SN nulo [Ø];

(xii) o SN [Epec. de Sv] sobe para [Spec SF] e o núcleo de Sv sobre para o núcleo da flexão a fim de possibilitarem a checagem de traços funcionais que projetam a sentença.

(02) [entrevistado] São empresas [que dão bolsas ***aos seus alunos***] exatamente por acreditarem na educação à distância. (p. 164)

DAR – transferência material

a. categoria [-N, +V]

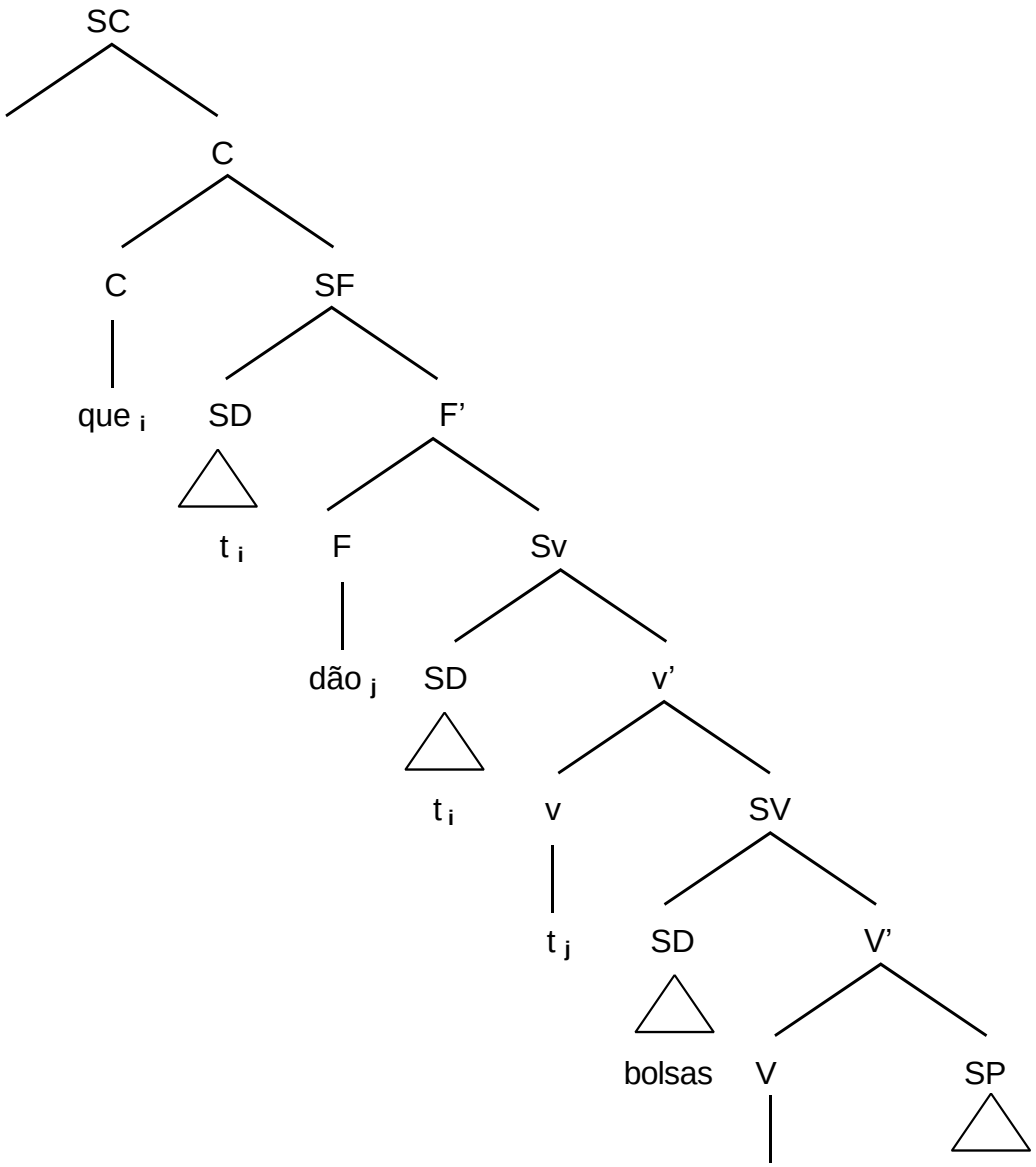
nº de argumentos [__ , __, __]

c-seleção [SD nulo, SD, SP_a]

s-seleção [AGENTE, TEMA/PACIENTE, META]

SP [+animado]

b. [que dão bolsas ***aos seus alunos***]



t_j aos seus alunos

Na projeção em (02) acima, o verbo de três lugares ‘dar’ tem seus dois argumentos internos preenchidos: o SD – Tema ‘bolsas’ e o SP – Meta ‘aos seus alunos’. O argumento externo de ‘dar’ é uma relativa.

(03) Inclusive o supremo tribunal federal ano passado fez uma audiência pública onde foram chamados vários especialistas na área [para que ***pudessem dar*** um suporte maior ***aos ministros***]. (p. 178)

DAR – verbo de transferência material

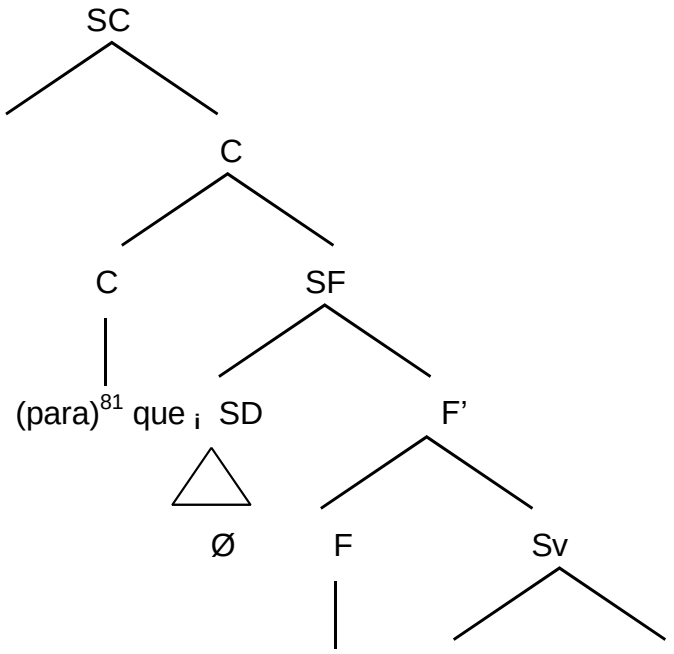
a. categoria [-N, +V]
nº de argumentos [__ , __, __]

c-seleção [SD nulo, SD, SP_a]

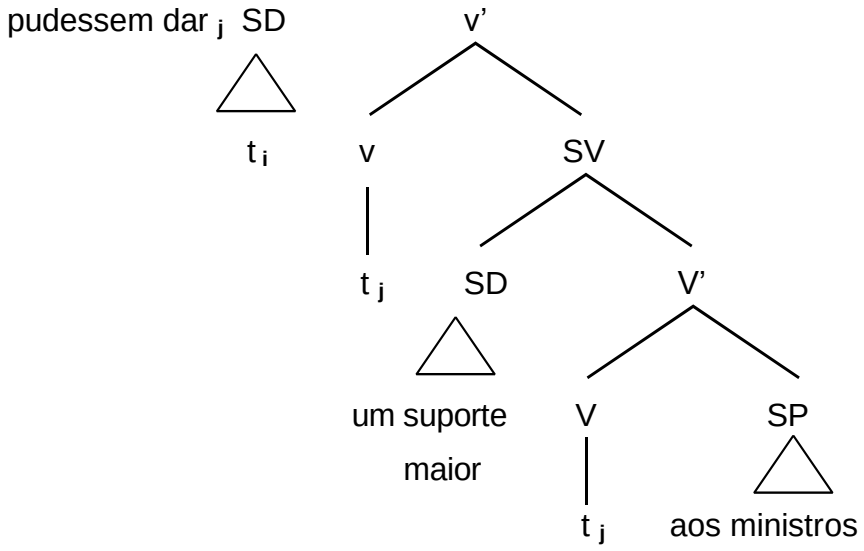
s-seleção [AGENTE, TEMA/PACIENTE, META]

SP [+ animado]

b. [para que ***pudessem dar*** um suporte maior ***aos ministros***]



[81] O conectivo ‘para’ é projetado no núcleo C por questões de simplificação.



A construção verbal da sentença (03) projetada acima é do tipo complexa (verbo modal mais verbo dar na forma infinitiva). Optou-se por projetar apenas o OI, deixando o modal 'pudessem' como parte da flexão de dar. Na projeção (03), o verbo de três lugares 'dar' projeta seus argumentos internos: o SD - Tema 'um suporte maior' e o SP – Meta 'aos ministros'. O argumento externo, do tipo Agente, é um zero – nulo referencial.

(04) [apresentadora] ...esse é um patrimônio importante um patrimônio público né... [que **possibilita *às pessoas*** informação]... conhecimento né... (p. 72).

POSSIBILITAR – processo de transferência verbal/perceptual

a. categoria [-N, +V]

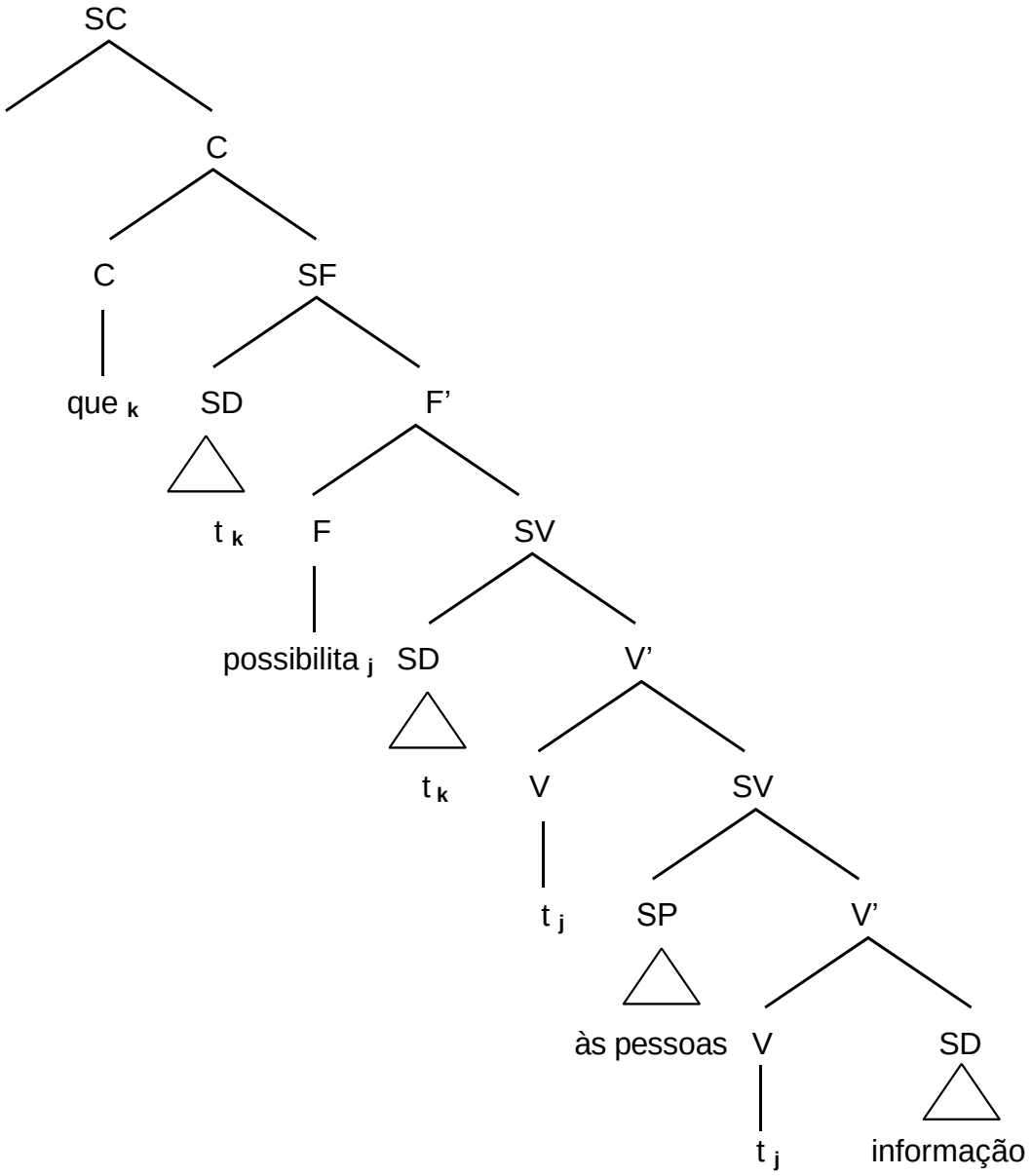
nº de argumentos [__ , __, __]

c-seleção [SC, SP_a, SD]

s-seleção [AGENTE, TEMA/PACIENTE, META]

SP [+animado]

b. [que **possibilita *às pessoas*** informação]



Na projeção da sentença (04) acima, o verbo 'possibilitar' seleciona na camada SV argumento interno, SD – Tema Informação, formando 'dar informação' e, em seguida, projeta o SP – Meta 'às pessoas'. Nesta construção, o SP encontra-se adjacente ao verbo. A projeção do OI em adjacência ao verbo, proporciona, na linearização (a ordem da fonologia), a ordem [V+OI+OD].

(05) [apresentadora] Participe do programa... [faça perguntas ***aos nossos convidados***] (p. 85).

FAZER – transferência verbal/perceptual

a. categoria [-N, +V]

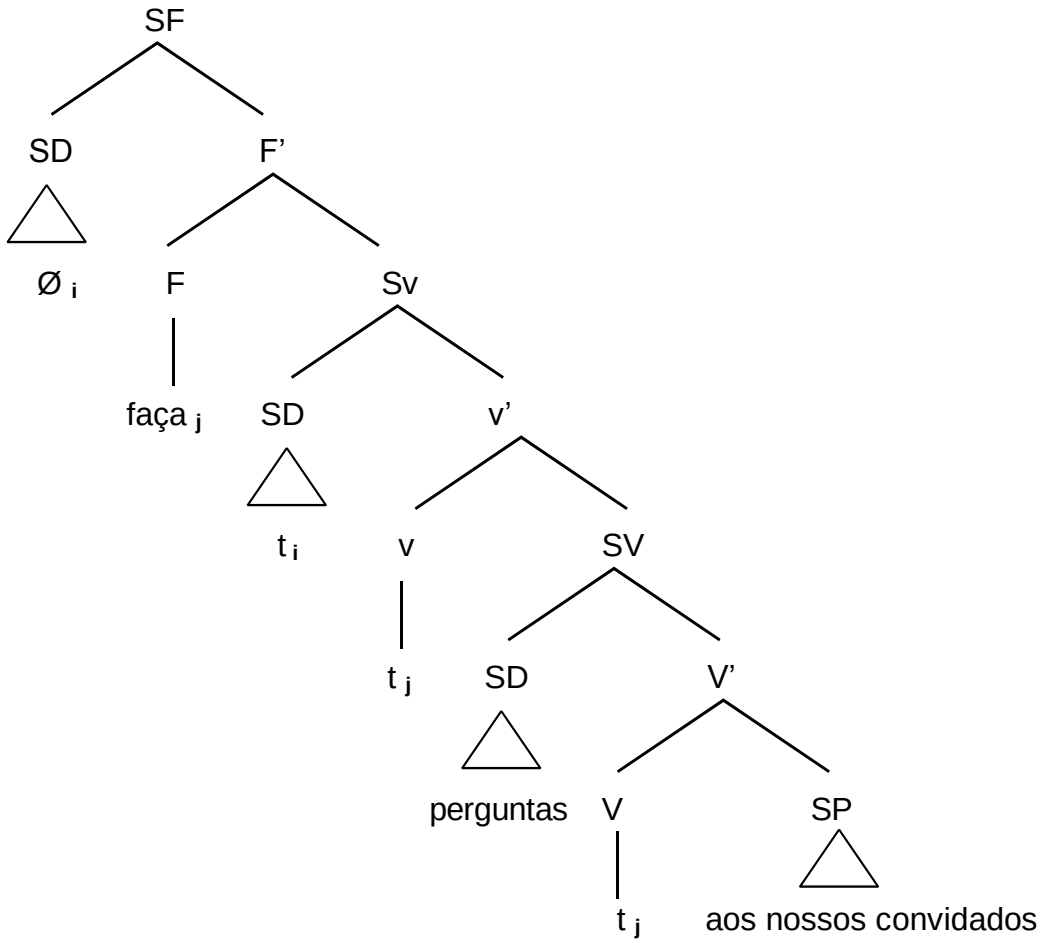
nº de argumentos [__ , __, __]

c-seleção [SD nulo, SD, SP_a]

s-seleção [AGENTE, TEMA/PACIENTE, META]

SP [+animado]

b. [faça perguntas ***aos nossos convidados***]



Em (05), o predicador de transferência verbal (não material) 'fazer' seleciona um argumento externo SN – Agente [nulo referencial], um argumento interno, SD-Tema 'perguntas' e um argumento interno SP – Meta do tipo [+animado] 'aos nossos convidados'.

(06) A ministra Ellen Grace [***pediu*** inclusive brevidade ***ao ministro***]... (p. 180)

PEDIR – verbo de transferência material ou verbal

a. categoria [-N, +V]

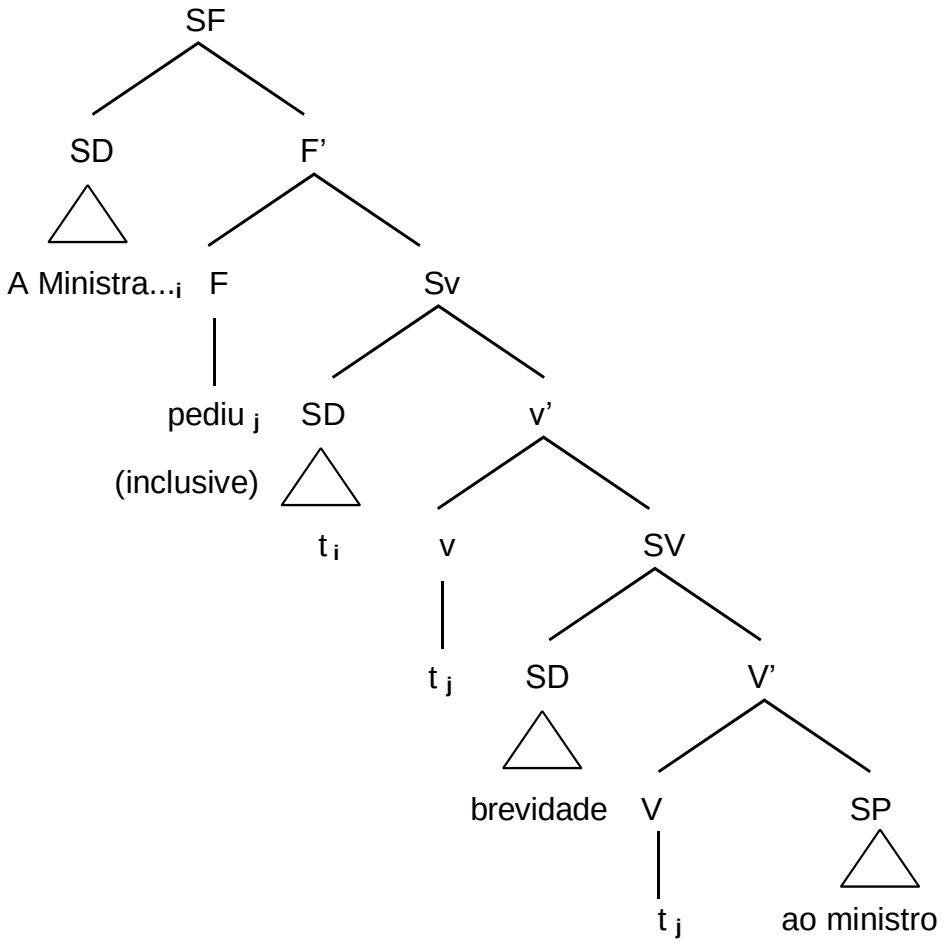
nº de argumentos [__ , __, __]

c-seleção [SD, SD, SP_a]

s-seleção [AGENTE, TEMA/PACIENTE, META]

SP [+ animado]

b. [A ministra Ellen Grace ***pediu*** inclusive brevidade ***ao ministro***]



Em (06), o verbo de três lugares 'pedir' seleciona um argumento interno do tipo [+animado], o SP com traço semântico Meta 'ao ministro', um argumento interno - Tema 'brevidade' e o argumento externo – Agente 'A ministra...'.

(07). [entrevistado] eh::... não pode colocar realmente... [**dar** um lado pejorativo ***à agressividade***] (p. 29).

DAR – verbo de transferência verbal

a. categoria [-N, +V]

nº de argumentos [__ , __, __]

c-seleção [SD nulo, SD, SP_a]

s-seleção [AGENTE, TEMA/PACIENTE, META]

SP [-animado]

Nas sentenças acima, pode-se observar a preferência da preposição ‘a’ tanto com verbos de transferência material, conforme: (02) “que dão bolsas ***aos seus alunos***”, (03) “para que ***pudessem dar*** um suporte maior ***aos ministros***”, de movimento físico, conf. (01) “levamos isso ***aos deputados***”, quanto os processos de transferência verbal (não material) como em (04) “que **possibilita *às pessoas*** informação”, (05) “faça perguntas ***aos nossos convidados***” e (06) “A ministra Ellen Grace ***pediu*** inclusive brevidade ***ao ministro***”.

Em (07), diferentemente das sentenças de (01) a (06), o predicador ‘dar’ seleciona um SP do tipo [-animado] “**dar** um lado pejorativo ***à agressividade***”.

Gomes (2003a) observa a preferência da preposição ‘a’ em contextos onde não há transferência material ou que o SP possui o traço [-animado]. Essa constatação é interessante, pois as ocorrências acima em sua maioria corroboram a afirmação de Gomes (2003a). No entanto isso não se dá de modo categórico, pois a preposição ‘a’ também ocorre em processos de transferência material e também em que o SP possui o traço [+animado], conforme os exemplos, repetidos abaixo:

(01) levamos isso ***aos deputados***
(02) que dão bolsas ***aos seus alunos***
(03) para que ***pudessem dar*** um suporte maior ***aos ministros***
(04) que **possibilita *às pessoas*** informação
(05) faça perguntas ***aos nossos convidados***
(06) A ministra Ellen Grace ***pediu*** inclusive brevidade ***ao ministro***

2.1.2. Construção dativa preposicionada – preposição ‘para’

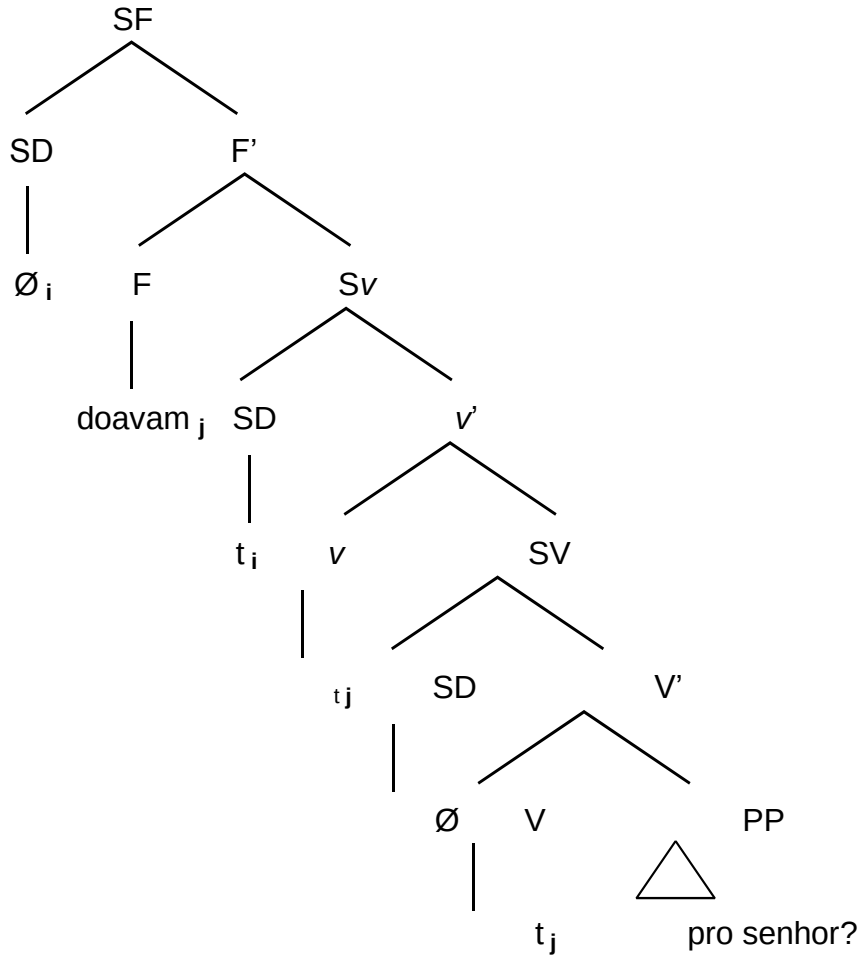
Ao lado das sentenças apresentadas acima com a preposição ‘a’, ocorrem construções que alternam com a preposição ‘para’, preposição utilizada com maior frequência pelos falantes brasileiros, segundo a literatura, para a construção dativa no PB, como se pode ver nos dados abaixo:

(08) [apresentador] E os cachorros que o senhor cria? (...) E como era... [doavam [**Ø**$_{OD}$] ***pro senhor***?] (15/09/08; 38:20)

DOAR – verbo de transferência material

a.	categoria	[-N, +V]
	nº de argumentos	[__ , __, __]
	c-seleção	[SD nulo, SD nulo, SP_{para}]
	s-seleção	[AGENTE, TEMA/PACIENTE, META]
	SP	[+animado]

b. [doavam [**Ø$_{OD}$**] ***pro senhor***?]



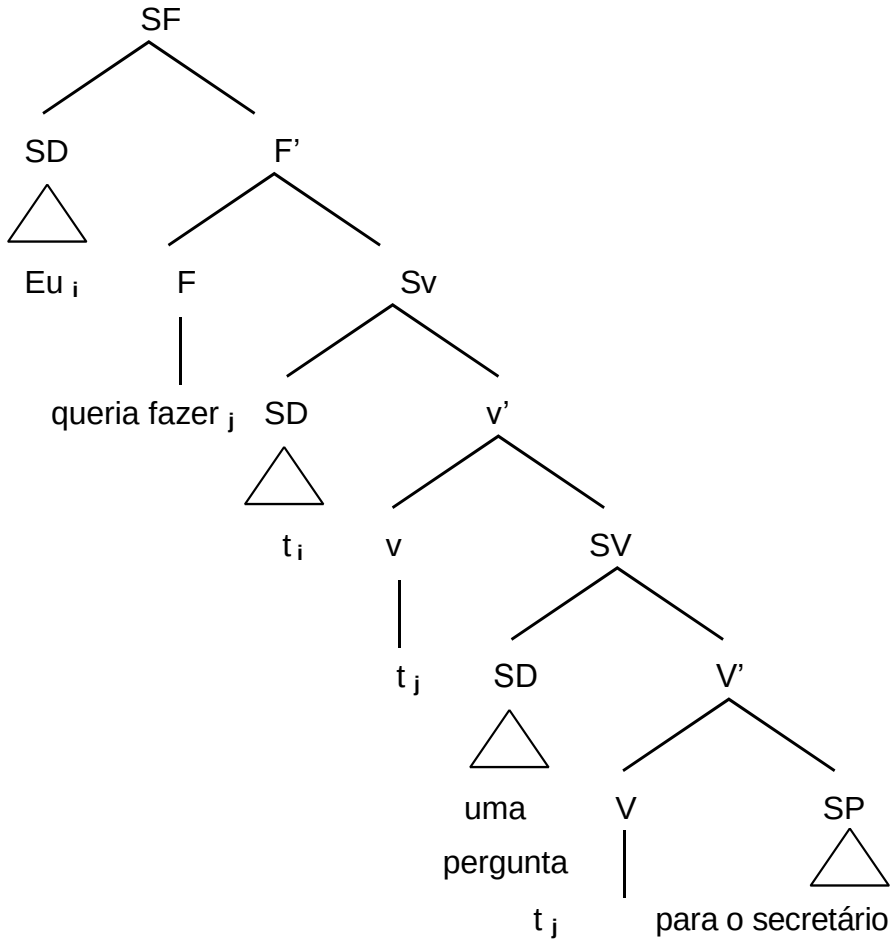
Na sentença (08) projetada acima, a predicação é do tipo *transferência material* expressa pelo predicador 'doar' e o argumento dativo do tipo [+ animado] introduzido pela preposição 'para'.

(09) [debatedor] [Eu queria fazer uma pergunta ***para o secretário***] (p. 90)

FAZER – verbo de transferência verbal

a.	categoria	[-N, +V]
	nº de argumentos	[__ , __, __]
	c-seleção	[SD nulo, SD, SP$_{para}$]
	s-seleção	[AGENTE, TEMA/PACIENTE, META]
	SP	[+animado]

b. [Eu queria fazer uma pergunta ***para o secretário***]



Na sentença (09) acima, ocorre predicação do tipo *transferência verbal/perceptual* introduzida pela preposição 'para'. A predicação é do tipo complexa (com um verbo modal). Procedeu-se a uma projeção simplificada, projetando o verbo modal 'querer' na flexão, com vistas a ressaltar apenas a projeção do OI.

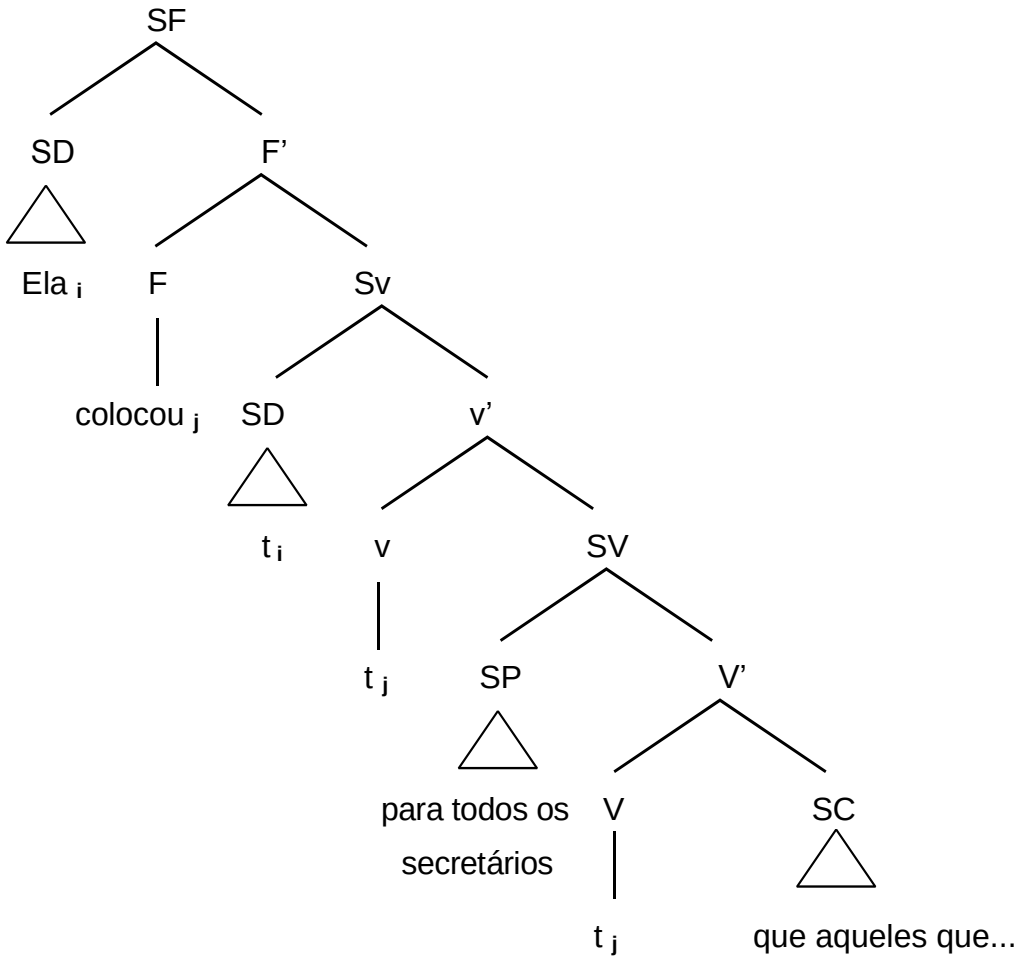
(10) [entrevistado] [Ela colocou ***pra todos os secretários*** que aqueles que tivessem pretensão de ser candidato] deveriam abandonar antes o prazo pra que as pessoa não pudessem criticar. (p. 139)

COLOCAR – verbo de *movimento e transferência material*. (complemento oblíquo)

categoria [-N, +V]

nº de argumentos	[__ , __, __]
c-seleção	[DP, DP, PP_{para}]
s-seleção	[AGENTE, TEMA/PACIENTE, ALVO/META]

b. [Ela colocou ***pra todos os secretários*** que aqueles que tivessem pretensão de ser candidato]



Na projeção simplificada em (10) o predicador ‘colocar’ está sendo utilizado em lugar de ‘dizer’. O predicador, conforme a projeção da CDP, seleciona três argumentos: um agentivo externo e um SP interno – Meta e um argumento interno oracional, introduzido por uma sentença SC/SF. Possivelmente a projeção do SP adjacente ao verbo na linearização se dê por razões de o objeto direto ser do tipo ‘pesado’.

(11) [entrevistado] Quem apoiava a candidatura da deputada Maria do Carmo era o presidente Berzoini e eu conversei à noite... de sábado... à noite com o presidente do meu partido... [coloquei ***pra ele*** a situação no Pará] (p. 140)

COLOCAR – verbo de *movimento e transferência material*. (complemento oblíquo)

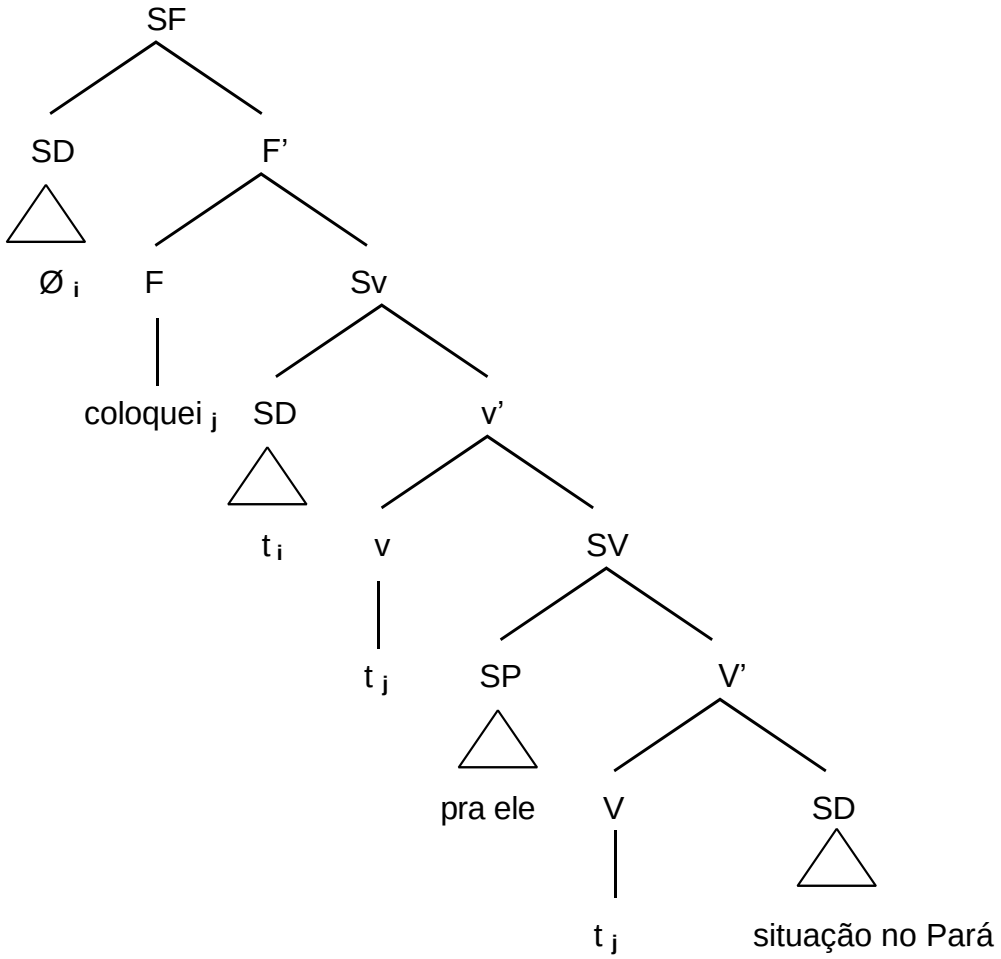
a. categoria [-N, +V]

nº de argumentos [__ , __, __]

c-seleção [DP, DP, PP_{para}]

s-seleção [AGENTE, TEMA/PACIENTE, ALVO/META]

b. [coloquei ***pra ele*** a situação no Pará]



Na CDP em (11), ocorre mais uma predicação com ‘colocar’ sendo usado no sentido de falar.

2.2. Construções com lhe (dativo)

Nesta subseção descrevem-se as sentenças dativas com o clítico ‘lhe’. As sentenças analisadas com ‘lhe’ ocorreram tanto com verbos ‘discendi’ – verbos de transferência verbal – como ‘falar’, quanto com verbos de transferência material e verbal, como ‘dar’ e ‘levar’. Além das CDPs, registra-se ainda as ocorrências com verbos transitivos de 2 lugares (conf.Estrutura 2, subseção 2.5, Parte II):

Freire (2005) observa que o uso de ‘lhe’ em referência à terceira pessoa na escrita do Brasil está praticamente condicionado a eventos de comunicação de [+letramento] e aponta outra influência de fator linguístico: os verbos ditransitivos ‘dandi’ – verbos de transferência material como ‘dar’ – foram identificados como os contextos mais propícios à manutenção desse uso.

Além das constatações de Freire (2005) sobre a manutenção de ‘lhe’ com predicadores de transferência material, é importante retornar algumas considerações feitas por Figueiredo e Silva (2007), apresentadas na seção (2.2.6) na Parte I, quanto à preposição ‘para’, em lugar de ‘a’:

(i) a adoção da preposição ‘para’ no PB implica na opção pela estrutura oblíqua, o que justifica a perda do clítico dativo ‘lhe’;

(ii) no entanto, o apagamento de ‘lhe’ constitui um problema para a ‘hipótese da referencialidade’ (ver subseção 2.2.6, Parte I);

(iii) hipótese da recategorização de ‘lhe’ e não seu simples apagamento.

A argumentação de Figueiredo e Silva (2007) vai contra a hipótese categorial acerca do ‘apagamento de lhe’ – essa justificativa se dá pelo fato de ‘lhe’ exibir o traço [+humano] e, de acordo com a ‘hipótese da referencialidade’, quanto mais referencial é o antecedente, maior é a possibilidade de um pronome pleno. Logo, não explica o desaparecimento de ‘lhe’ que, por esta proposta, deveria estar sendo cada vez mais explicitado já que é [+humano]. Para Figueiredo e Silva (op. cit.), o ‘lhe’ está sendo recategorizado, ou seja, está especializando-se na referência à 2ª

pessoa para expressar formalidade. Essas considerações são interessantes e é importante tomá-las como parâmetro para a análise das ocorrências com ‘lhe’ em Belém.

Verifica-se que os dados em Belém, não corroboram integralmente a análise de recategorização de ‘lhe’, nem na perda do dativo em PB (opção pela estrutura oblíqua), observada com a substituição da preposição ‘a’ por ‘para’. No corpus, registra um expressivo uso da preposição ‘a’ (ver sentenças de (01) a (06)) e as construções com o clítico ‘lhe’ (conf. sentenças (12) a (15) abaixo), o que não demonstra ser uma opção de construção oblíqua (nos termos de Figueiredo e Silva (2007)), mas dativa.

Desse modo, os dados do português culto falado em Belém, se inseridos no conjunto da descrição do OI em PB não ratificam o posicionamento de linguistas que afirmam uma ausência do ‘lhe’ dativo na gramática dos brasileiros. Mas pode ser que o uso de ‘lhe’ em Belém esteja em fase de reestruturação, pois ocorrem também construções com lhe acusativo (conf. subitem 2.2.1).

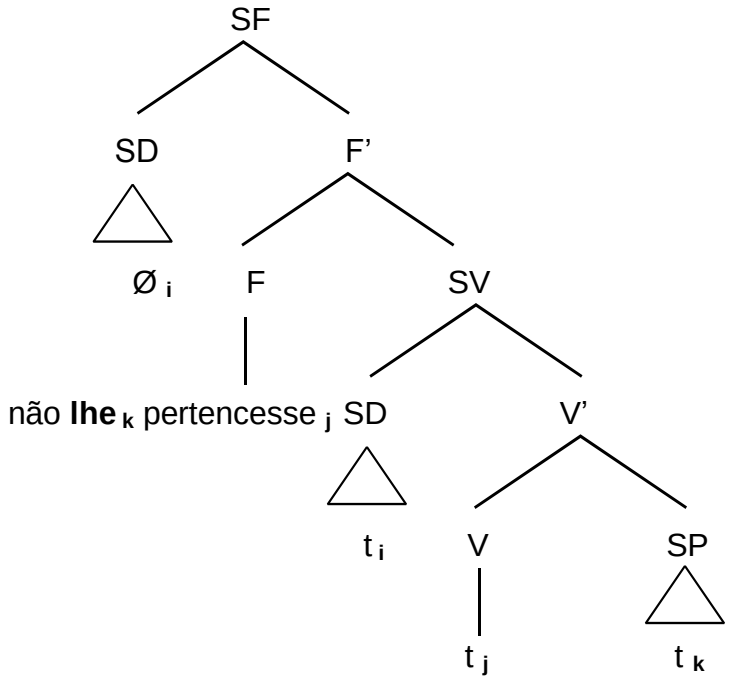
Nas sentenças de (12) a (15), abaixo, atesta-se o clítico ‘lhe’ como marcação de dativo:

(12) [apresentadora] [...] e vêem aquele espaço como mito... [como se não ***lhe*** pertencesse]... então acho que precisa mudar isso né... (p. 47)

Não PERTENCER – verbo do tipo existencial - ter algo para alguém

a.	categoria	[-N, +V]
	nº de argumentos	[__ , __,]
	c-seleção	[SD nulo, SP/lhe]
	s-seleção	[TEMA, POSSUIDOR]

b. [como se não ***lhe*** pertencesse].



Na projeção (12) acima, toma-se a negação como parte da flexão para simplificação da projeção. O verbo 'pertencer' é um verbo de dois lugares. Esse verbo não projeta argumento externo, mas dois argumentos internos, um SD-Tema Nulo e um complemento interno do tipo [+humano], substituído pelo clítico dativo 'lhe', que, por questões morfossintáticas e fonológicas, 'sobe' para núcleo do sintagma flexão (SF); nessa posição, amalgama-se com o núcleo do verbo, também movido para a posição de núcleo de SF.

(13) [entrevistado] A decisão do governo [que a Constituição Estadual ***lhe atribuiu.***.]. da forma como discutir o orçamento (...) (p. 89)

ATRIBUIR – processo de *transferência verbal/perceptual*

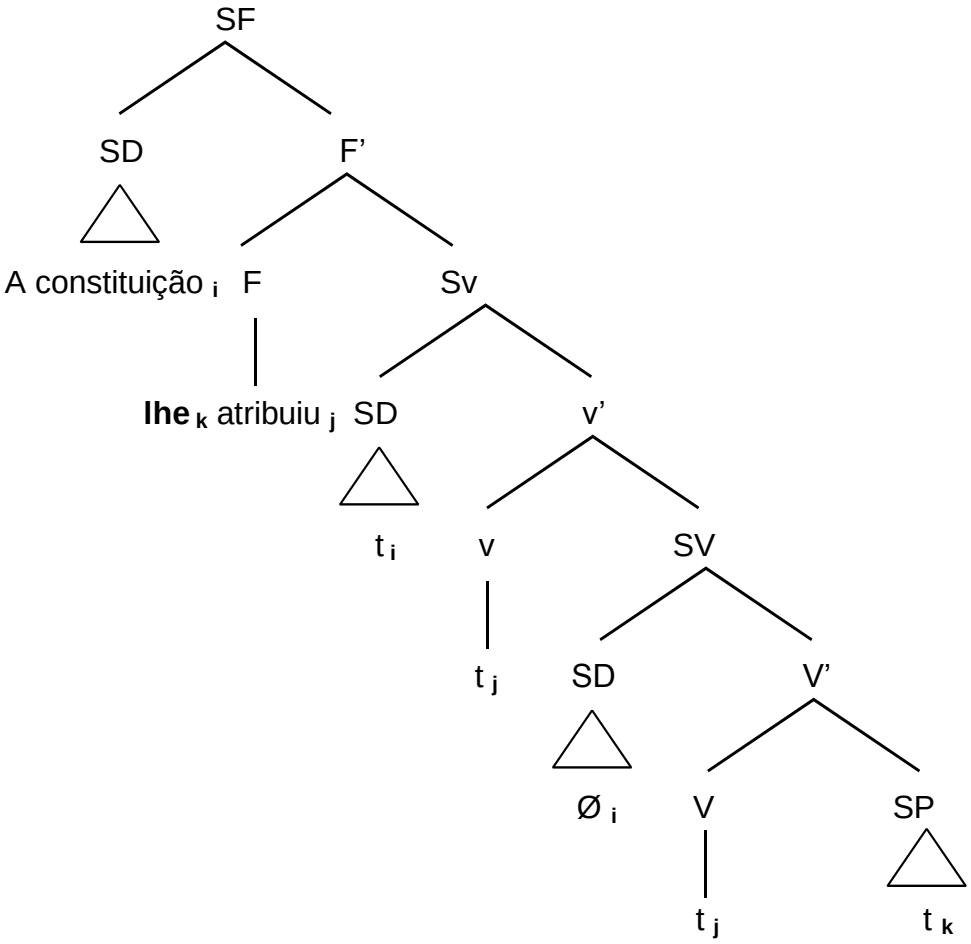
a. categoria [-N, +V]

nº de argumentos [__ , __, __]

c-seleção [SD, SD lhe, SD nulo]

s-seleção [AGENTE, TEMA/PACIENTE, ALVO/META]

b. [que a Constituição Estadual ***lhe atribuiu.***.]



Em (13), o predicador 'atribuir' seleciona dois argumentos internos um SD - Tema 'Nulo' e um SP – Meta, substituído por 'lhe' e proclítico ao verbo no núcleo de SF.

(14) [apresentadora] secretário vamos esperar agora as perguntas dos telespectadores pro ***senhor*** né... [eu ***lhe*** agradeço por ter vindo explicar esse plano] (91)

AGRADECER – verbo transitivo/bitransitivo

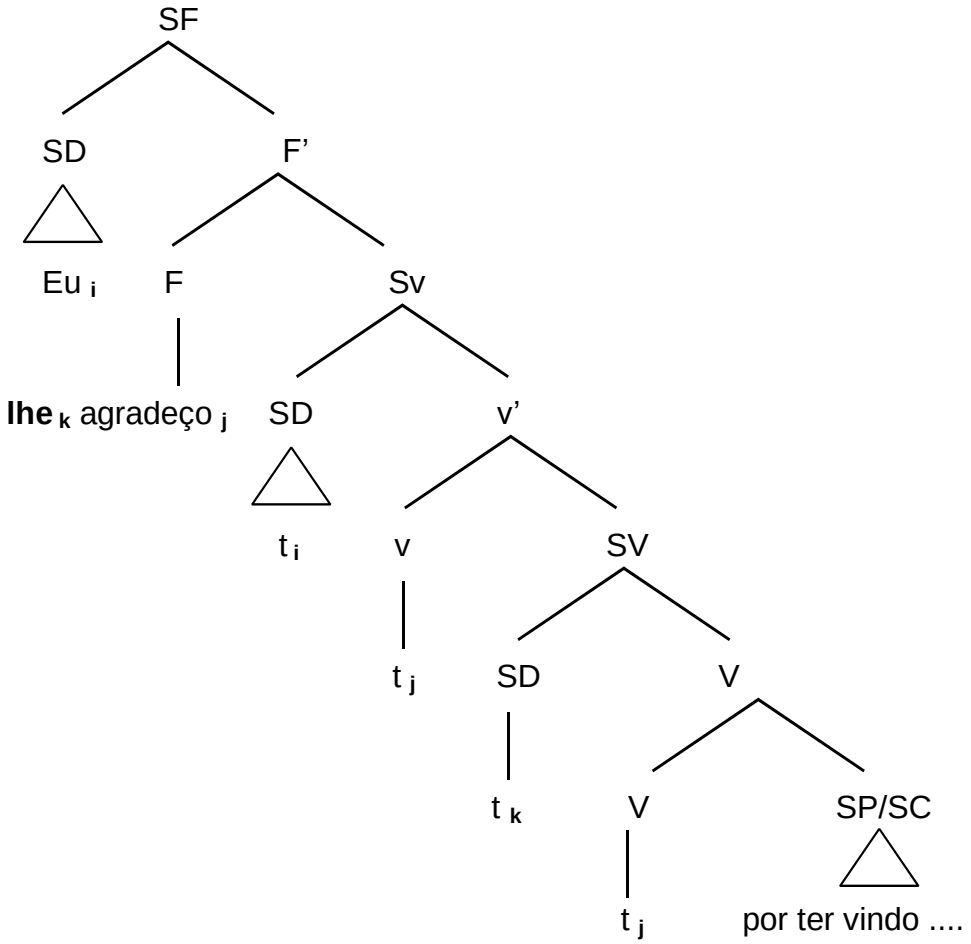
a. categoria [-N, +V]

nº de argumentos [__ , __, __]

c-seleção [SD, SD, SP]

s-seleção [AGENTE, TEMA/PACIENTE; RAZÃO/MOTIVO]

b. [eu ***lhe*** agradeço por ter vindo explicar esse plano]



O predicador 'agradecer' é comumente classificado como transitivo que seleciona um SN como argumento interno. Quando seleciona um SP, esse complemento é normalmente classificado como 'objeto direto preposicionado'. Na projeção em (12) acima, projeta-se o verbo 'agradecer' como transitivo que seleciona um argumento externo Agente e um SP que cliticiza-se e amalgama-se à flexão verbal no núcleo SF, e uma sentença infinita, introduzida pelo SP 'por'.

(15) [apresentador] [tem um telespectador ***lhe*** perguntando] sobre aquelas lixeiras seletivas da administração passada acabaram? (p. 146)

PERGUNTAR – verbo *discendi*; *transferência perceptual*

a. categoria [-N, +V]

nº de argumentos [__ , __, __]

c-seleção [SD, SD lhe, SD nulo]

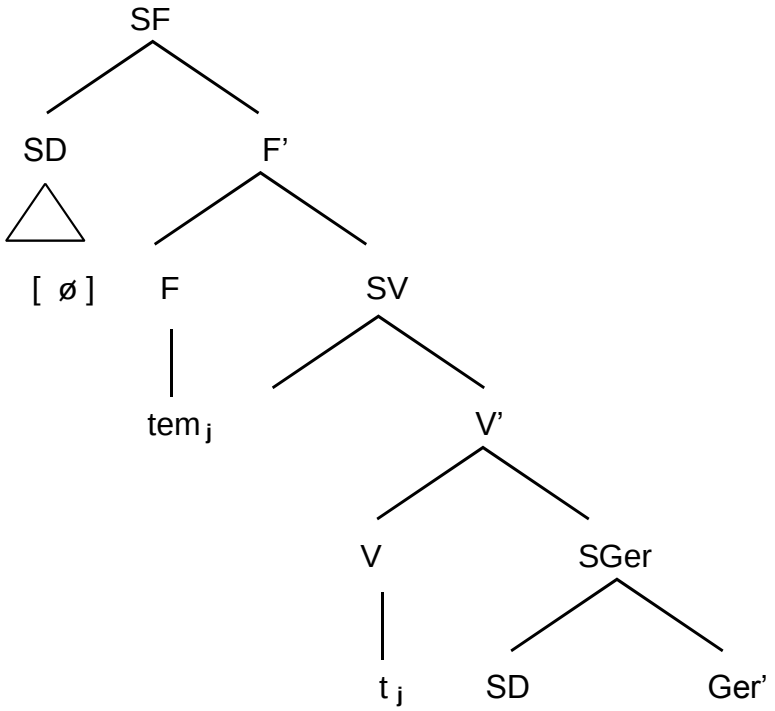
s-seleção [AGENTE, TEMA/PACIENTE, FONTE/ORIGEM]

b. [tem um telespectador ***lhe*** perguntando]

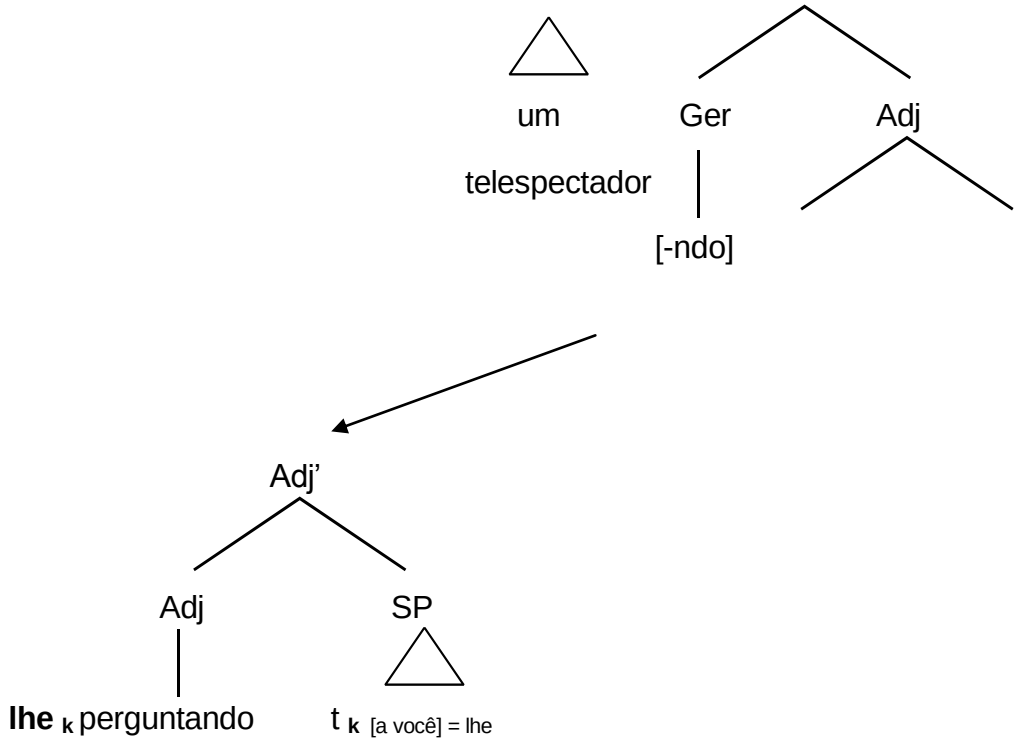
Projetou-se a sentença (15) abaixo, como uma ‘pequena oração’, seguindo a proposta de Oliveira (a sair: Cap. 4, subseção 1.2.3.1.2) que toma como núcleo da projeção o Sintagma Gerúndio, em vez do Sintagma Concordância como núcleo da PO – como o faz Haegman (1999).

Na sentença (15) há uma opção por estrutura inacusativa, seguida de uma pequena oração em que o ‘lhe’ dativo se insere, então, dentro da projeção (complexa) do complemento do núcleo ‘gerúndio’ de uma ‘pequena oração’. O falante poderia ter dito: há um telespectador que lhe pergunta. Logo, se assim o fizesse, o lhe dativo estaria inserido dentro de uma relativa. Mas, diferentemente, opta por uma estrutura inacusativa com pequena oração, tendo por núcleo um sintagma gerundivo[82].

15b



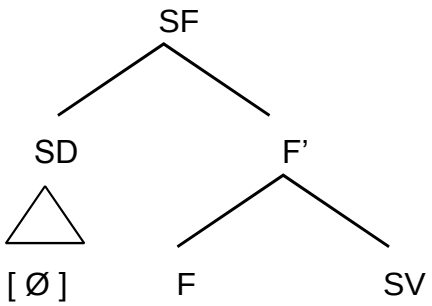
[82] Neste parágrafo, inserimos os comentários pessoais de Márcia Duarte Oliveira, feitos em uma das seções de orientação, sobre as construções inacusativas presentes no corpus.



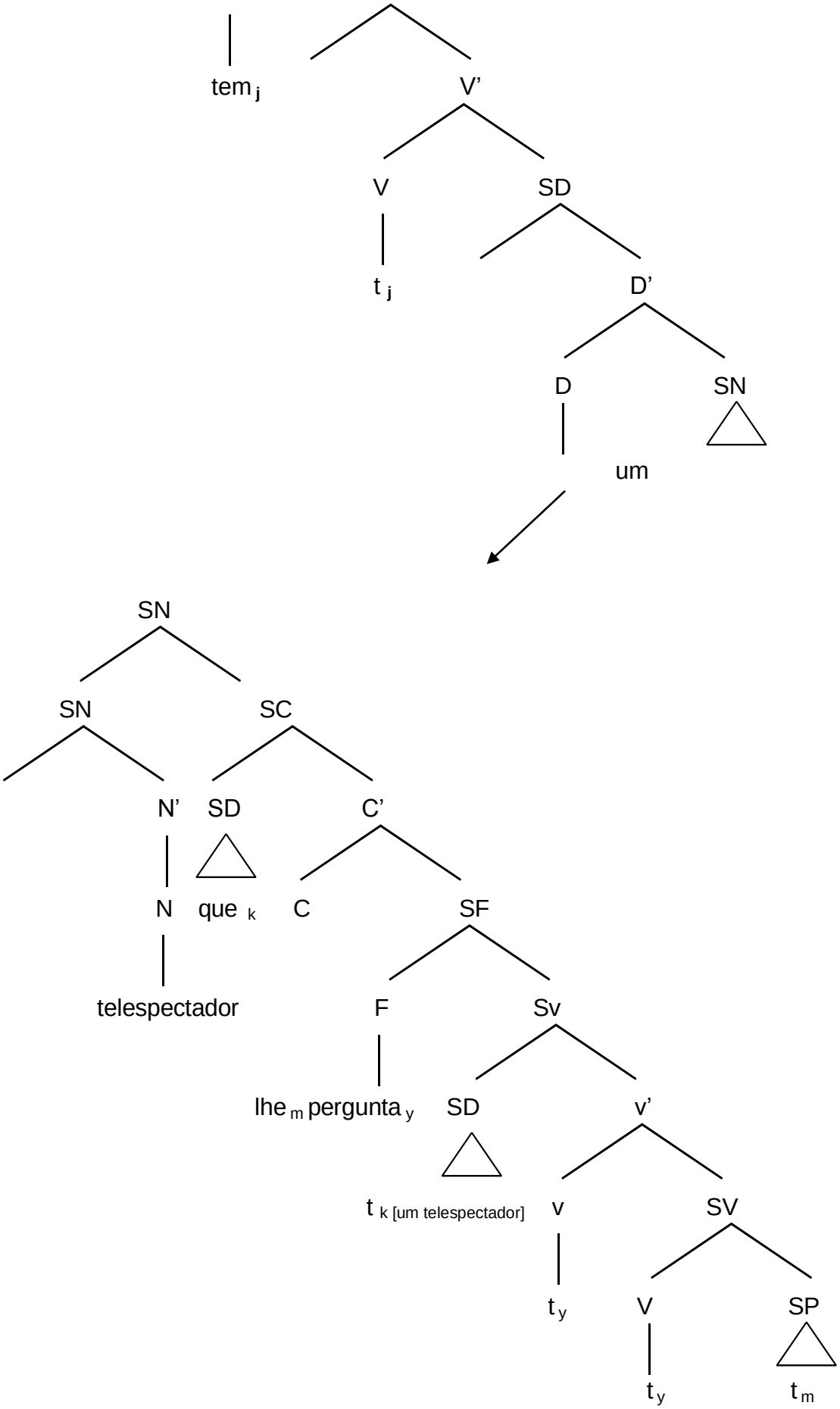
"Observe que, no possível 'evitamento' da relativa, o SP, realizado como lhe, não é mais um dativo complemento do verbo, mas sim complemento de um sintagma [+N]: 'perguntando'. Seguindo as mesmas razões que um dativo complemento de verbo, este SP, substituído por lhe, não pode ser projetado como complemento da categoria [+N] 'perguntando'; logo, amalgama-se ao núcleo desta categoria"[83].

Observe a projeção de (15b) acima, se o falante tivesse dito: tem um telespectador que lhe pergunta. Se assim o fizesse, o lhe dativo estaria inserido dentro de uma relativa como se vê abaixo:

15c. [tem um telespectador que lhe pergunta]



[83] Comentários pessoais de Márcia Oliveira.


tem j
V'
V
SD
t j
D'
D
SN
um
SN
SN
SC
N'
SD
C'
N
que k
C
SF
telespectador
F
Sv
lhe m pergunta y
SD
v'
t k [um telespectador]
v
SV
t y
V
SP
t y
t m

Observe que, na relativa, o SP, realizado como lhe, é um típico dativo complemento do verbo. O SP, substituído por lhe, não pode ser projetado como complemento da categoria [+V] ‘pergunta’; logo, amalgama-se ao núcleo da flexão.

As ocorrências com ‘lhe’ dativo são bastante expressivas no corpus, no entanto, esse uso não é categórico, pois ocorrem também construções com ‘lhe’ em função acusativa, o que demonstra que em Belém, o clítico ‘lhe’ encontra-se em variação, apresentando tanto o uso dativo quanto acusativo. Isso, talvez, seja um indício de que o uso do ‘lhe’ em Belém caminha em direção a uma reestruturação, o que já ocorre em outras regiões, conforme aponta a literatura.

2.2.1. Construções com lhe (acusativo)

Nesta seção, apresentam-se sentenças com o ‘lhe’ como marcador de caso acusativo.

Freire (2005) menciona a concorrência do clítico ‘lhe’ com a forma ‘te’ na realização, tanto do acusativo, quanto do dativo de segunda pessoa. Nos dados analisados encontraram-se ocorrências de ‘lhe’ acusativo, corroborando Freire (2005). A esse fato, acrescenta-se o que afirma Figueiredo e Silva (2007) sobre construções com ‘lhe’ formal em PB. Observe as sentenças abaixo:

(16) [apresentador] (...) agora professor... [por que que a governadora ***lhe*** substituiu antes do prazo?] (p. 139)

SUBSTITUIR – verbo transitivo (complemento acusativo)

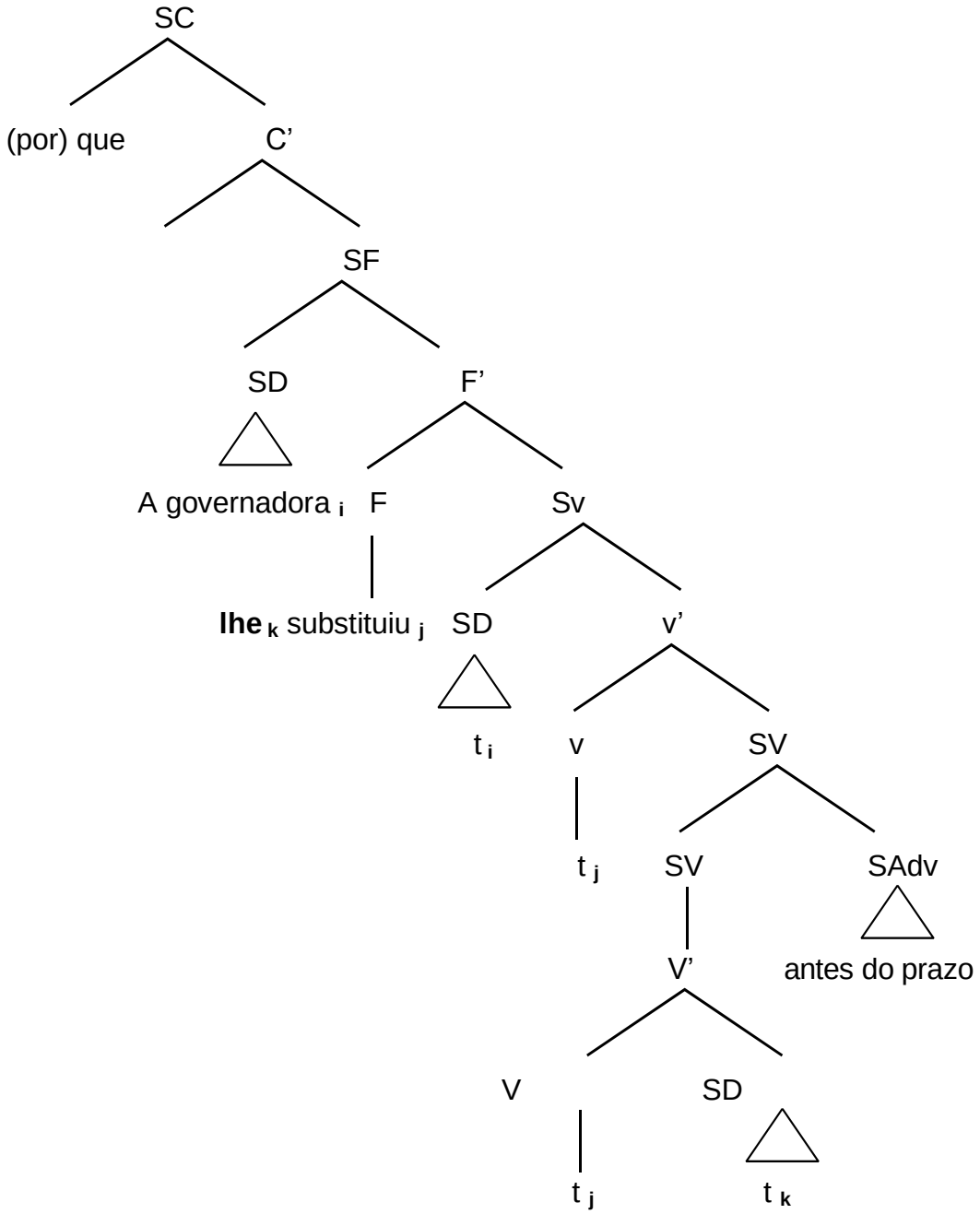
a. categoria [-N, +V]

nº de argumentos [__ , __]

c-seleção [SD, SD]

s-seleção [AGENTE, TEMA/PACIENTE]

b. [por que que a governadora ***lhe*** substituiu antes do prazo?]



Na projeção (16) o predicador ‘substituir’ é transitivo ou, em outras palavras, um predicador de dois lugares, e não seleciona SP, mas um argumento interno único do tipo SD/SN e argumento externo com traço semântico Agente – SD ‘A governadora’. A ocorrência de ‘lhe’ não é dativa, mas acusativa.

(17) [apresentador] Professor... [a imagem do governo petista atual... da governadora Ana Julia vai ***lhe*** favorecer] ou desfavorecer... qual é a imagem que ***o senhor*** faz do momento? (p. 143)

FAVORECER – verbo de dois lugares (complemento acusativo)

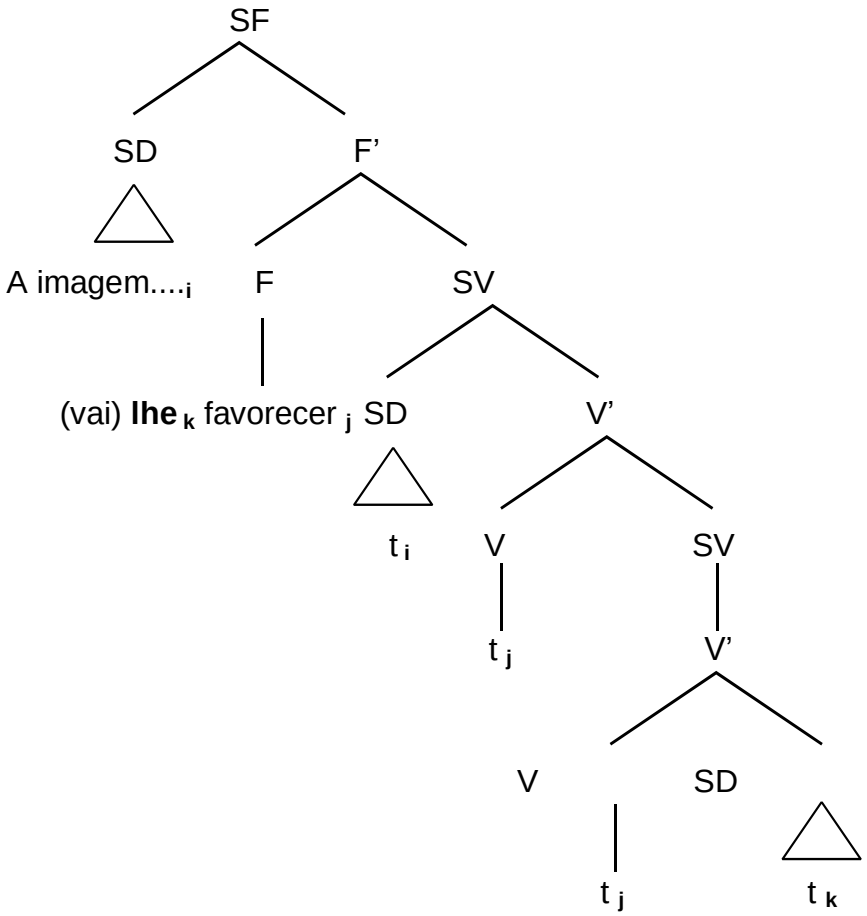
a. categoria [-N, +V]

nº de argumentos [__ , __]

c-seleção [SD, SD lhe]

s-seleção [TEMA, EXPERIENCIADOR]

b. [a imagem do governo petista atual... da governadora Ana Julia vai ***lhe*** favorecer]



Na projeção (17) acima, o predicador ‘favorecer’ empregado no sentido de ‘prestar obséquio a alguém’ ou ‘benefício’ é um verbo de dois lugares, que não seleciona argumento externo, mas dois argumentos internos, um SN-Tema e um SN-Experienciador. Nesta projeção, o clítico ‘lhe’ não ocorre na função dativa, mas acusativa.

(18) [entrevistado] [...] ...eu creio em pedido de perdão... confessai os vossos pecados [ele é fiel para ***lhe*** perdoar] e ***lhe*** purificar de todas as injustiças... (p. 63).

PERDOAR – verbo transitivo (complemento acusativo)

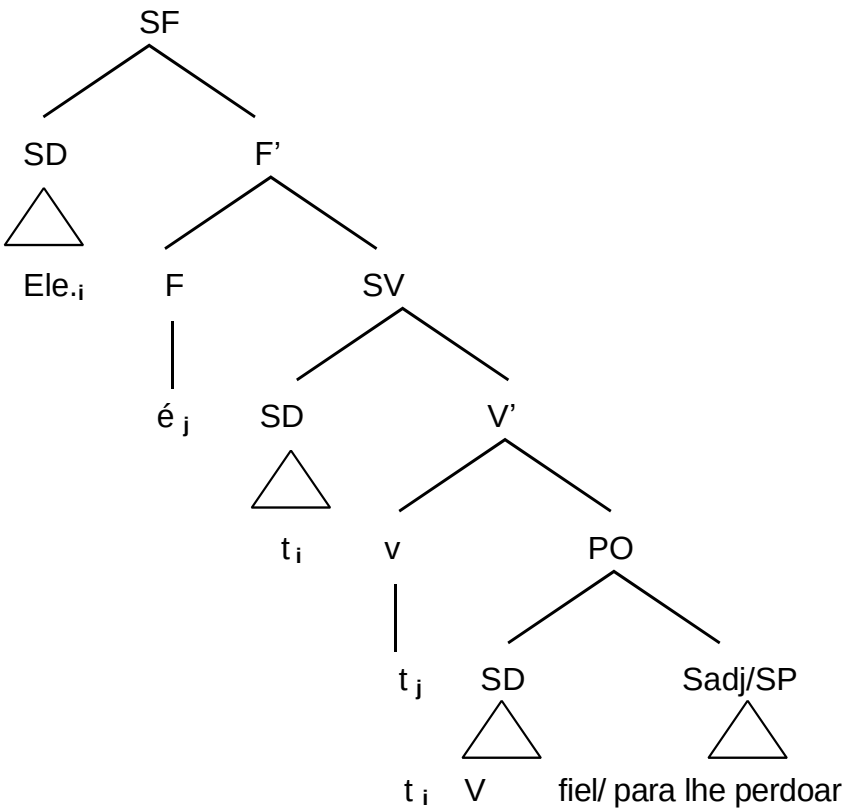
a. categoria [-N, +V]

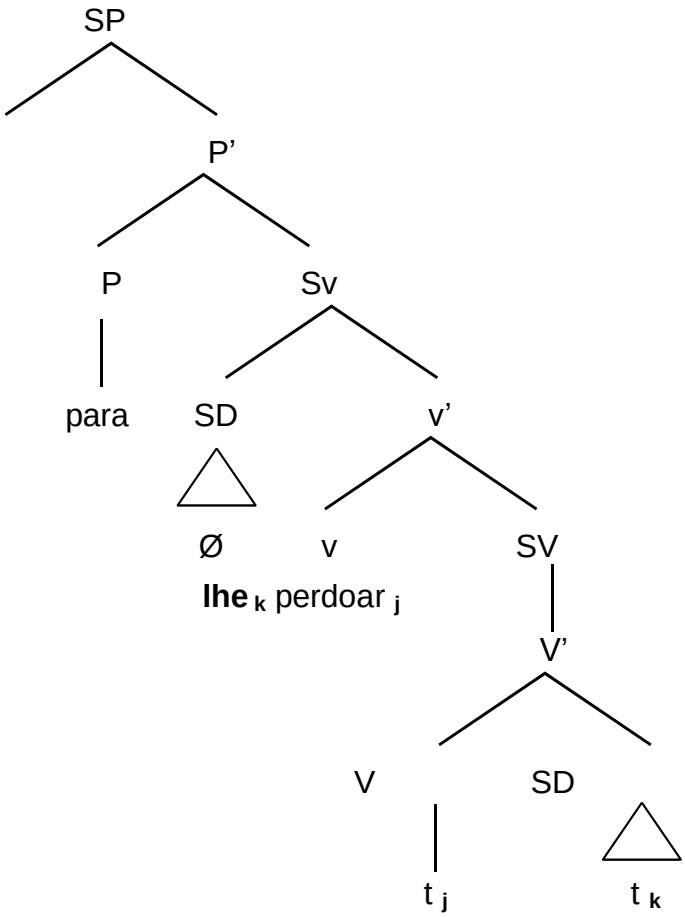
nº de argumentos [__ , __]

c-seleção [SD, SD lhe]

s-seleção [AGENTE, TEMA/PACIENTE]

b [ele é fiel para ***lhe*** perdoar]





A projeção da sentença (18) está simplificada. O argumento externo do verbo ‘perdoar’ é uma sentença do tipo ‘pequena oração’. O argumento interno de ‘perdoar’ é um SD, o clítico ‘lhe’, portanto, é um complemento com junção acusativa.

3. A construção oblíqua

A construção oblíqua adotada (daqui em diante CO), segue Mateus et alii (2003), Bechara (2009) e Rocha Lima (2003). Na análise dos dados abaixo, considera-se complementos oblíquos os SPs do tipo [-animados] e encabeçados pelas preposições ‘a’, ‘para’, ‘com’, ‘de’ e ‘em e cujos traços semânticos são de ordem variada (locativo, direcional, situacional, instrumento, etc.). Incluem-se também SPs com traços Alvo/Meta. Os complementos oblíquos não aceitam a substituição pelo clítico ‘lhe’, conforme mencionado na Parte II.

No belenense culto, a complementação oblíqua pode ser vista por meio da marcação de um argumento verbal preposicionado. A preposição menos marcada (a mais comum) é ‘para’, o que corrobora a literatura sobre a marcação de OI em PB –

conforme Figueiredo Silva (2007), Torres Morais & Berlinck (2006, 2007), etc. Observe os exemplos a seguir:

(19) [apresentador] havia um zumzumzum na cidade de que essa maré talvez criasse uma série de problemas ***para a obra do Portal da Amazônia***... (p. 3)

CRIASSE – verbo do tipo *faciendi* (uma ação feita para outrem).

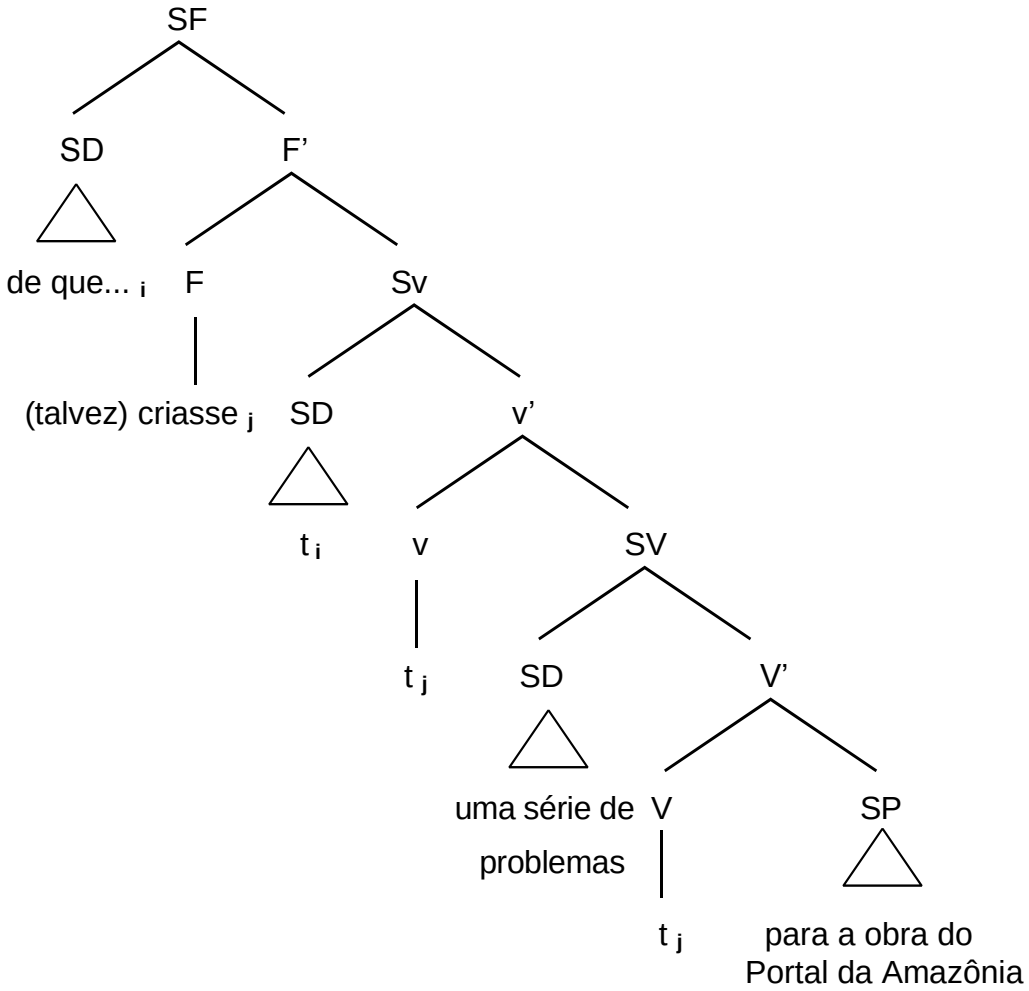
a. categoria [-N, +V]

nº de argumentos [__ , __, __]

c-seleção [DP, DP, PP_{para}]

s-seleção [AGENTE, TEMA/PACIENTE, ALVO/META]

b. [de que essa maré talvez criasse uma série de problemas ***para a obra do Portal da Amazônia*** ...]



A projeção da sentença (19) não detalha a encaixada que funciona como sujeito do núcleo funcional. O predicador ‘criasse’ é do tipo que seleciona três lugares. Nesta construção, os argumentos internos selecionados são um SD – Tema ‘uma série de problemas e o SP ‘para a obra do portal...’ do tipo [-animado]. Nessa projeção o SP não é um complemento dativo, mas oblíquo (CO) selecionado pela preposição ‘para’.

(20) [Passe o financiamento ***pro nome da pessoa***] que adquiriu que já devia ter feito isso há mais tempo (p. 114).

PASSAR – verbo de *movimento e transferência material*.

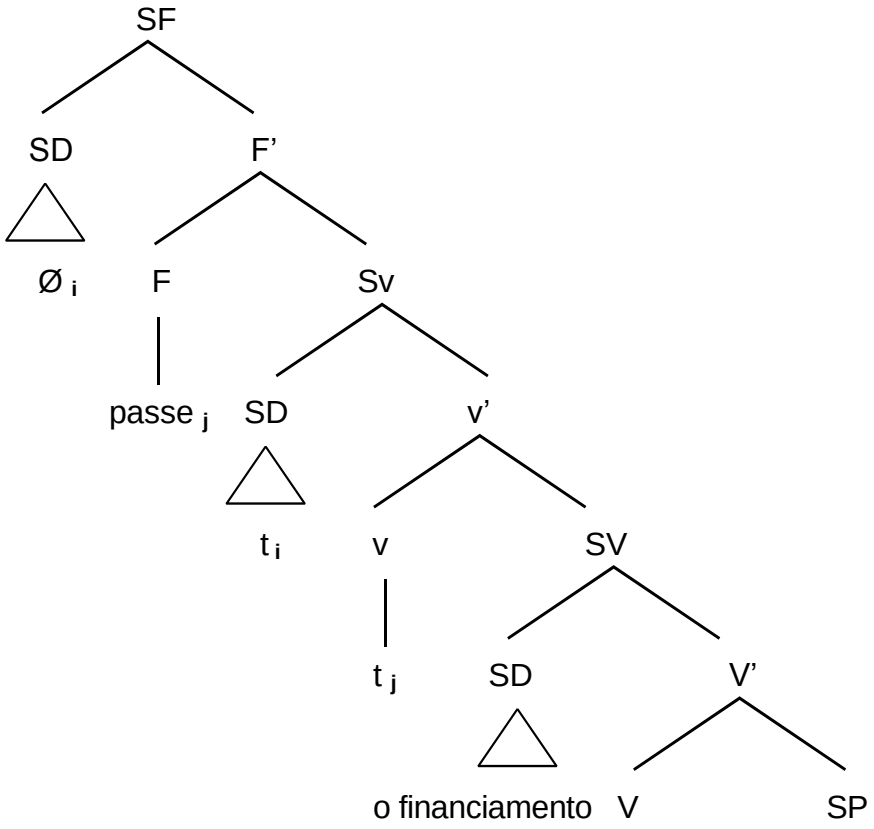
a. categoria [-N, +V]

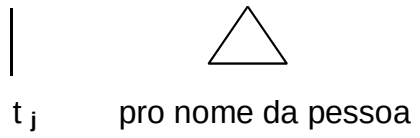
nº de argumentos [__ , __, __]

c-seleção [DP nulo, DP, PP_{para}]

s-seleção [AGENTE, TEMA/PACIENTE, ALVO/META]

b. [Passe o financiamento ***pro nome da pessoa***]





Na sentença (20) a CO ocorre com o predicador de três lugares ‘passar’, que seleciona um argumento externo Agente, SD nulo, um argumento interno Tema, SD ‘o financiamento’ e um SP Meta do tipo [-animado] ‘pro nome da pessoa’.

(21) [apresentador] Então a justiça solicita... [o RC (Instituto Renato Chaves) passa [**Ø**] ***para a UFPA*** pra realizar o exame?] (p. 137)

PASSAR – verbo de *movimento e transferência material/verbal*.

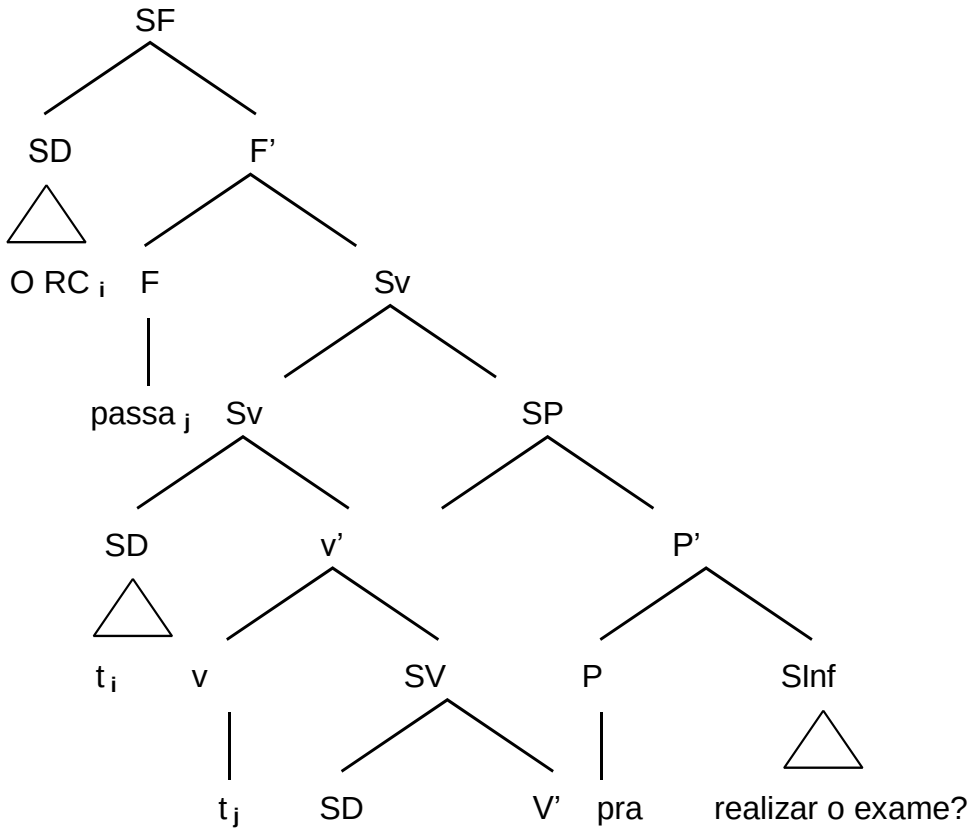
a. categoria [-N, +V]

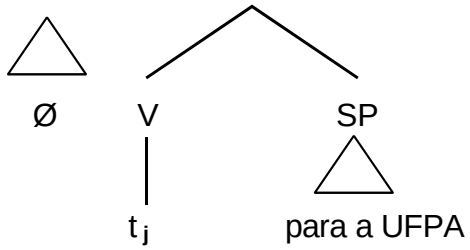
nº de argumentos [__ , __, __]

c-seleção [DP, DP, PP_{para}]

s-seleção [AGENTE, TEMA/PACIENTE, ALVO/META]

b. [o RC passa [**Ø**] ***para a UFPA*** pra realizar o exame?]





Na projeção (21) da CO acima, ocorrem dois SPs, um selecionado pelo predicador ‘passar’ como argumento interno, o SP Meta ‘Para a UFPA’, o outro um SP adjunto que introduz uma oração infinitiva ‘pra realizar o exame’, projetada em duplicação a Sv.

(22) [apresentadora] nós somos os maiores produtores de pescado do país mas todo ano é a mesma novela... falta peixe... ou o preço aumenta... [**levaram** o nosso peixe **pro nordeste**]... e isso o tempo passa e nada é resolvido secretária... o que que a gente vai fazer agora?

LEVAR – Verbo de movimento físico

a. categoria [-N, +V]

nº de argumentos [__ , __, __]

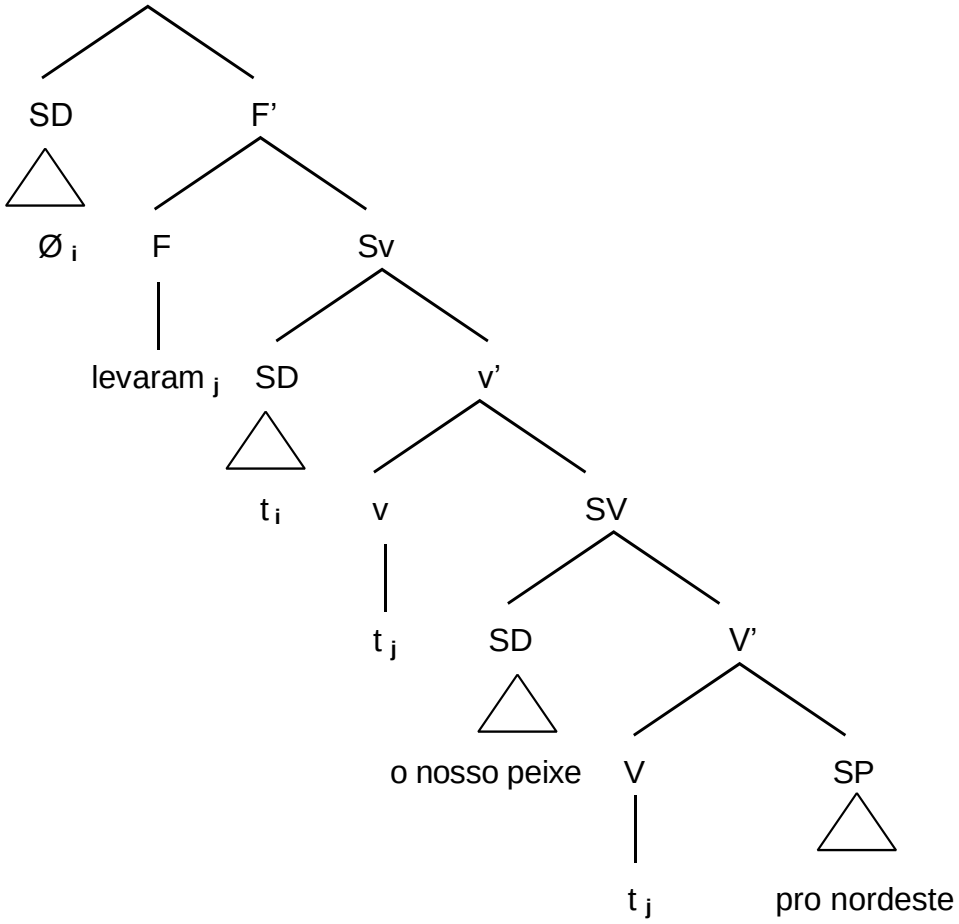
c-seleção [SD nulo, SD, SP_{para}]

s-seleção [AGENTE, TEMA/PACIENTE, LOCATIVO]

SP [-animado]

b. [**levaram** o nosso peixe **pro nordeste**]

SF



Na sentença (22) a CO se dá com o complemento SP com traço semântico locativo.

(23) fizemos as parcerias com a UFPA e com outras faculdades e [nós conseguimos eh... na verdade... ***doar*** este ano alguns corpos...[$\mathbf{Ø_{OI}}$]] então a gente ta organizando isso né... (p. 139)

DOAR – verbo de transferência material. (complemento oblíquo)

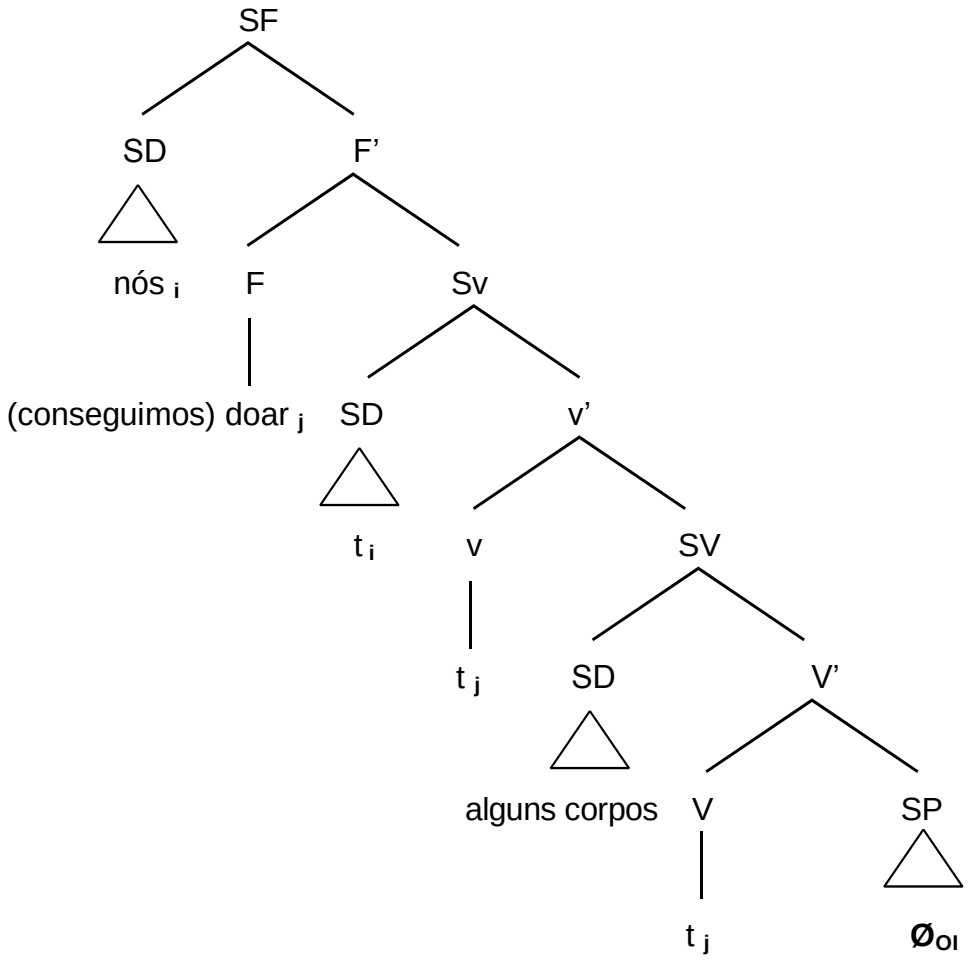
a. categoria [-N, +V]

nº de argumentos [__ , __, __]

c-seleção [DP, DP, PP_{para}]

s-seleção [AGENTE, TEMA/PACIENTE, ALVO/META]

b. [nós conseguimos eh... na verdade... ***doar*** este ano alguns corpos...[**Ø$_{OI}$**]]



Na sentença (23) acima, a CO com o predicador ‘doar’ foi projetada de modo simplificado, com vistas à projeção do complemento oblíquo. O predicador é do tipo que seleciona três argumentos: o argumento externo SD – Agente ‘nós’, o argumento interno, SD – Tema ‘alguns corpos’ e um SP do tipo nulo, provavelmente um Locativo (‘UFPA’ ou ‘outras faculdades’ – (como se pode conferir nas sentenças anteriores, no mesmo período).

O complemento oblíquo nulo da sentença (23) é do tipo [-animado]. Essa ocorrência é interessante, pois corrobora as afirmações de (Cyrino, Duarte e Kato, 2000, p. 59) sobre a ‘hierarquia da referencialidade’ em que objetos [+referenciais (ou +animados)] tendem a ser mais preenchidos e, em contrapartida, os [-referenciais (ou -animados)] tendem a ser menos preenchidos. Logo, a sentença (23) corrobora o que vem sendo atestado para o PB.

A ocorrência da preposição ‘para’ nas sentenças acima registra um uso interessante, pois, ao que parece, ela é a preposição não marcada e, por isso é utilizada tanto para introduzir complementos oblíquos de construções semânticas distintas (locativo, beneficiário, meta, direcional, etc.) quanto orações encaixadas com traço semântico de finalidade e complementos dativos (com SP [+animado]).

4. Outros casos de complementação verbal

4.1 Objeto direto preposicionado

Além da construção prototípica de dativo (a construção ditransitiva preposicionada) ocorrem nos dados, casos de objeto direto preposicionado com o predicadores ‘agradecer’, ‘cumprimentar’. Esses verbos ora ocorrem com complemento preposicionado, ora sem preposição:

(24) [Eu quero cumprimentar ***a todos os aliados***..]. (06/10/08; 02:40)

CUMPRIMENTAR – verbo transitivo (complemento oblíquo)

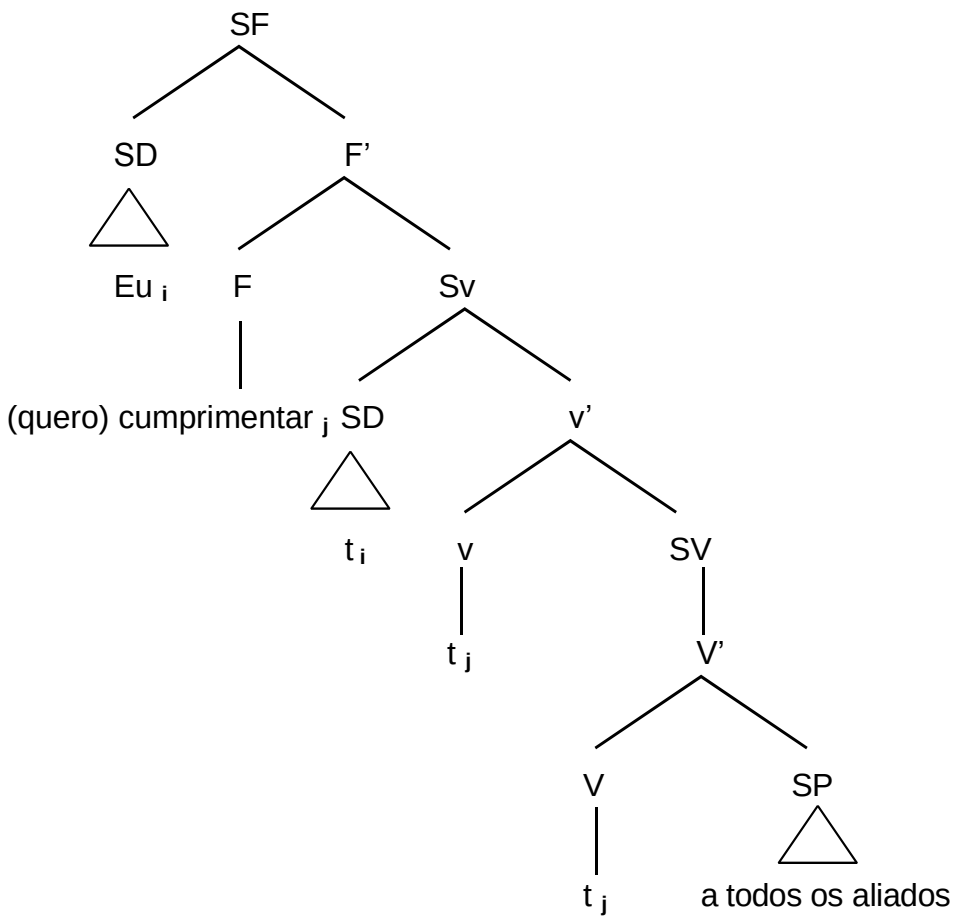
a. categoria [-N, +V]

nº de argumentos [__ , __,]

c-seleção [DP, DP/PP_a]

s-seleção [AGENTE, TEMA/PACIENTE]

b. [Eu quero cumprimentar ***a todos os aliados***..]



Em (24) o predicador 'cumprimentar' seleciona um SP 'a todos os aliados' em lugar da construção mais usual, com SD.

(25) [entrevistada] ...então nesse show... to querendo assim... fazer uma homenagem a esse Deus... de uma forma assim... de [agradecer ***a ele*** por este dom que ele me deu]. (p. 49)

AGRADECER – verbo de transitivo (complemento oblíquo)

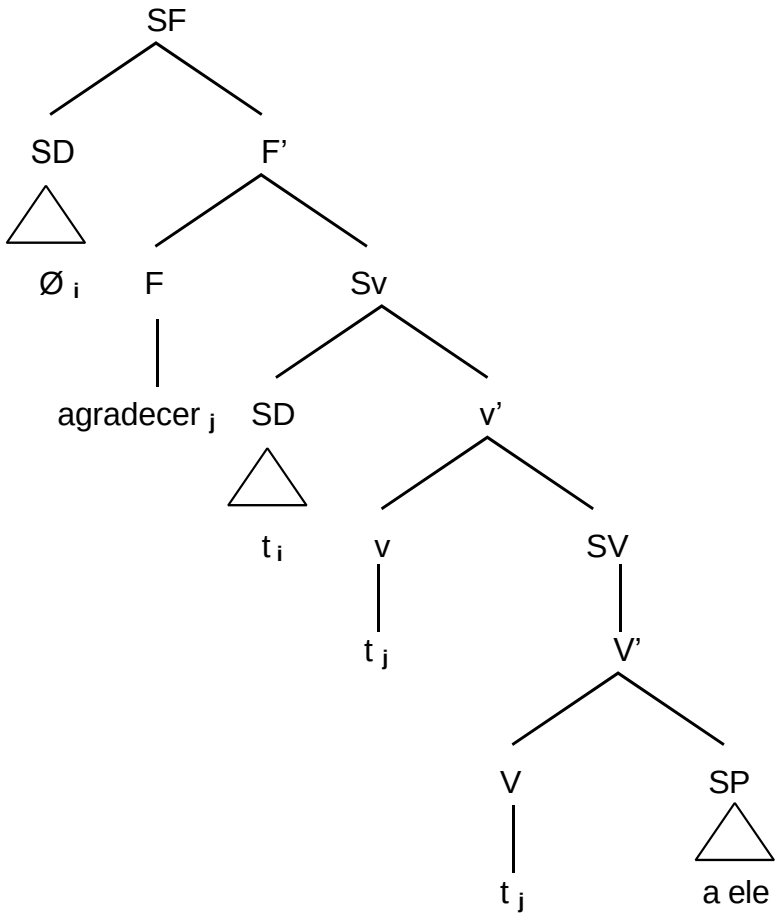
a. categoria [-N, +V]

nº de argumentos [__ , __,]

c-seleção [DP, DP/PP_a]

s-seleção [AGENTE, TEMA/PACIENTE]

b. [agradecer ***a ele***]



Em (25) acima, projeta-se simplificadamente, a construção com o predicador ‘agradecer’. O predicador seleciona um argumento externo Meta ‘nulo’ e um argumento interno SP ‘a ele’.

(26) [Eu que te agradeço]... agradeço ***ao telespectador***... (06/10/08)

AGRADECER – verbo de transitivo

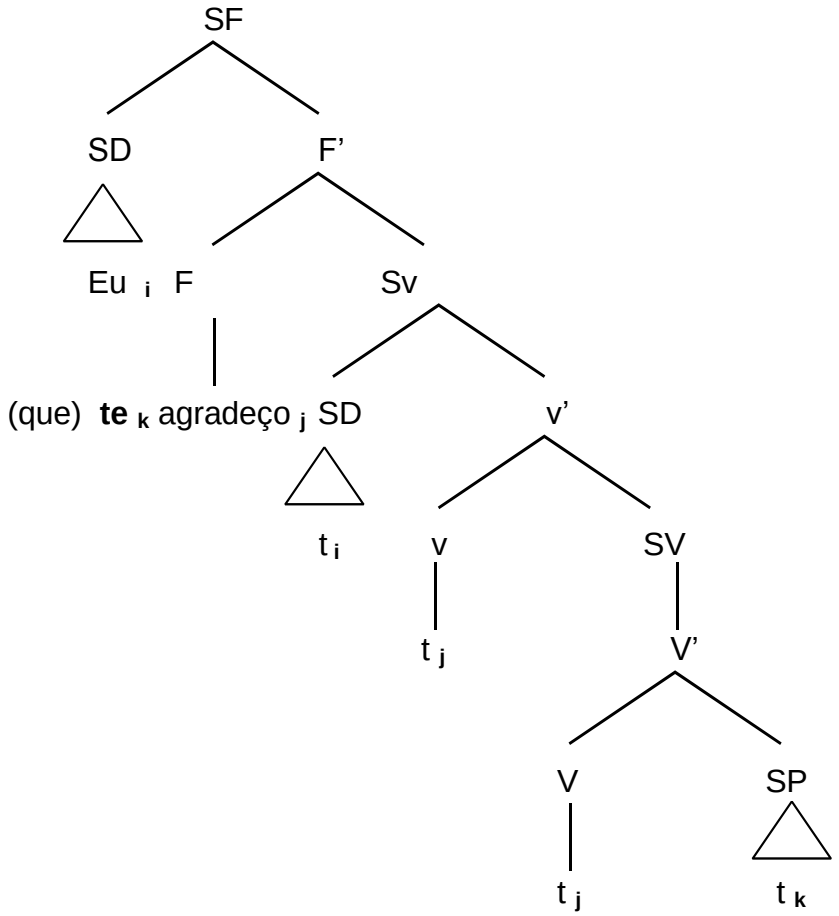
a. categoria [-N, +V]

nº de argumentos [__ , __,]

c-seleção [DP, DP/PP_a]

s-seleção [AGENTE, TEMA/PACIENTE]

b. [Eu que te agradeço]



É interessante observar que na sentença (26) ocorrem as duas possibilidades de seleção: ora o falante utiliza um SD – clítico 'te' para dirigir-se ao interlocutor, ora um SP, para dirigir-se ao telespectador.

4.2. Construção sem a preposição 'a'

Nesta subseção, apresenta-se uma construção em que ocorre a perda da preposição 'a', como mostra a sentença (26):

(27) [Então por mais que a família não assista ***a criança e o adolescente***...] (p. 102).

ASSISTIR – verbo de transitivo (indireto)

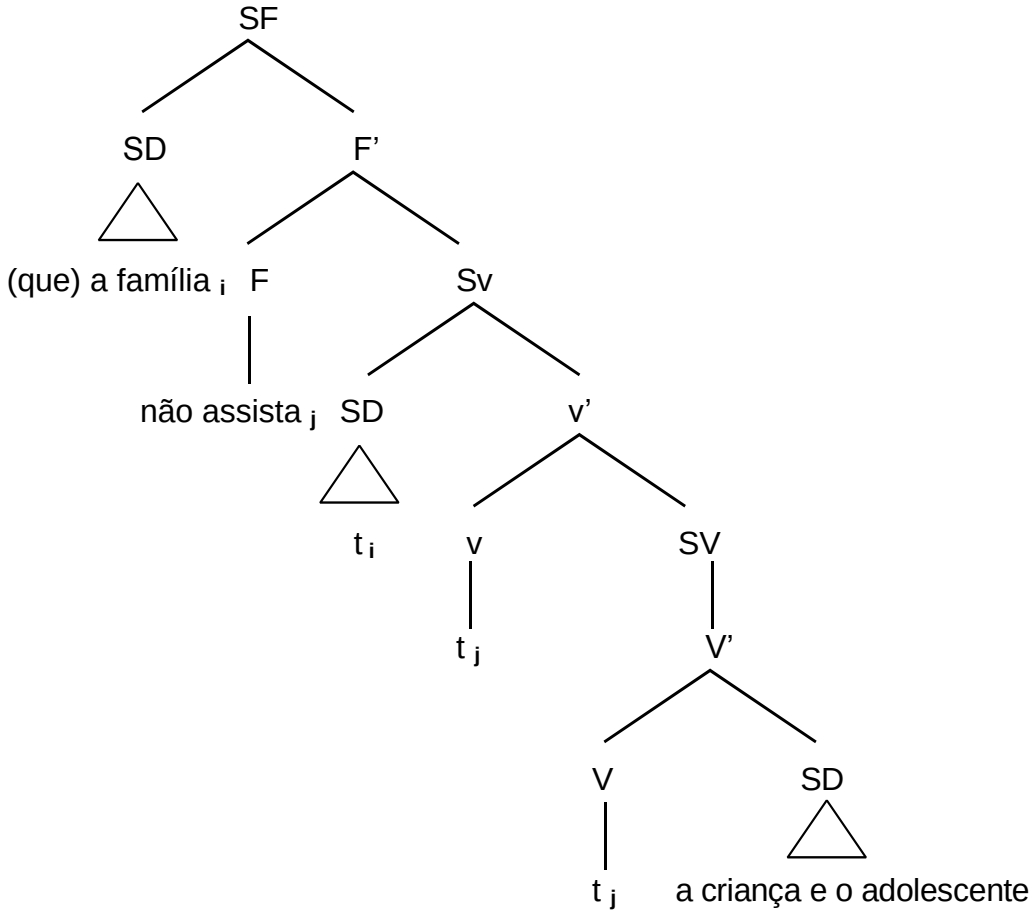
a. categoria [-N, +V]

nº de argumentos [__ , __, __]

c-seleção [DP, DP, PP_{para}]

s-seleção [AGENTE, TEMA/PACIENTE, ALVO/META]

b. [que a família não assista ***a criança e o adolescente***...]



Na sentença (27), diferentemente do que prescreve a norma culta, o verbo ‘assistir’ é empregado sem a preposição ‘a’, perdendo a construção dativa. Tal ocorrência corrobora o que menciona Figueiredo e Silva (2007) sobre contextos em que a preposição ‘a’ vem desaparecendo no PB.

4.3. Análise quanto à mudança da preposição ‘a’ por ‘para’

Conforme mencionado nos estudos de Berlinck & Torres Moraes, uma das reanálises correntes na expressão do dativo em PB é a substituição da preposição ‘a’ por ‘para’. As autoras atribuem a isso a perda da expressão morfológica do dativo

no PB. Enquanto no PE o argumento dativo é expresso pela preposição a + SD (a-DP) em que a preposição ‘a’ é um item funcional, esvaziada de sentido. As autoras argumentam que, em PB, a mudança para a preposição ‘para’ [+lexical], resulta na perda do Caso dativo ou a perda da expressão morfológica dativa.

Nos dados analisados constatou-se uma forte presença da preposição ‘a’, embora a preposição ‘para’ seja bem produtiva nos dados. Predicadores como *doar, abrir, mostrar, falar, servir, vender, passar, colocar, dizer*, ocorreram com a preposição ‘para’; já os predicadores *agradecer, levar, possibilitar, atender, pedir, cumprimentar* ocorreram com a preposição ‘a’. No entanto, vários predicadores ocorreram tanto com ‘a’ quanto com ‘para’, como: *dar*, *oferecer*, *fazer*, etc. A análise dos dados aponta, portanto, para uma variação do uso das preposições com uma forte tendência à conservação de ‘a’. Logo, os dados analisados não corroboram a não produtividade da preposição dativa ‘a’ no PB, como se atesta na literatura. Embora ‘a’ seja substituído, em muitos dos exemplos analisados, por ‘para’, a preposição ‘a’ dativa é atestada

Gomes (2003) constata, em relação ao uso das preposições no PB, que ‘a’ tende a introduzir argumentos [-animados], enquanto ‘para’ introduz argumentos [+animados]. Algumas ocorrências nos dados analisados corroboram essa informação, como se observam nos exemplos com os predicadores ‘dar’ e ‘servir’, abaixo (a preposição ‘a’ introduz argumentos dativos [-animados]):

(28) [entrevistado] eh... não pode colocar realmente... ***dar*** um lado pejorativo ***à agressividade*** (29).

(29). [entrevistado] [...] Que esse eixo... esse corredor vamos dizer assim... de produção não ***sirva a*** apenas ***a exportação*** dos nossos produtos..

4.4. Quanto à caracterização semântica dos predicadores ditransitivos e dos seus argumentos

Nesta seção analisa-se a caracterização semântica dos verbos ditransitivos e dos elementos subcategorizados nos dados recolhidos sobre o português culto falado em Belém. Segue-se a tipologia verbal proposta por Berlinck (1996): verbos

de *transferência material*; *transferência verbal e perceptual*; *movimento físico* e *movimento abstrato*.

(i) Transferência material (*dar, vender*)

O conceito expresso pelo grupo dos verbos de *transferência material*, de modo geral, corresponde à transferência do tipo material representada prototipicamente por *dar.* O processo de transferência pode ter uma construção do tipo reversível quando o SN_1 entra no domínio de posse de SN_2 e ocorre com os predicadores do tipo (*arrebatar*, *arrancar*, *comprar*, *cortar*, *furtar*, *subtrair*, etc.). Nesse caso o complemento dativo é interpretado como Fonte e em PB é introduzido pela preposição *de.*

A seguir apresentam-se algumas sentenças cujos predicadores expressam a noção de transferência material.

(30) [entrevistado] Mas não me consta Guilherme que a governadora tenha baixado nenhum decreto proibindo que os produtores ***vendam*** a sua produção ***para os frigoríficos***... (p. 167)

Em (30), seguindo o esquema [SN_1+V+SN_2+paraSN_3], o predicador 'vender' é o desencadeador de um processo de transferência material. Nesse processo, há um agente humano (SN-Agente 'os produtores') que realiza (intencionalmente) a transferência física de uma entidade material (SN-Tema 'a sua produção') transferida de uma lugar para outro (SP-Meta 'para os frigoríficos').

(31) [entrevistado] São empresas [que dão bolsas ***aos seus alunos***] exatamente por acreditarem na educação à distância. (p. 164)

Em (31), seguindo o esquema [SN_1+V+SN_2+paraSN_3], o predicador 'dar' é o desencadeador de um processo de transferência material. Nesse processo, há um agente humano (SN-Agente 'empresas') que realiza (intencionalmente) a transferência física de uma entidade material (SN-Tema 'bolsas') transferida de uma lugar para outro (SP-Meta 'aos seus alunos').

(32). [entrevistado] eh::... não pode colocar realmente... [**dar** um lado pejorativo ***à agressividade***] (p. 29).

O exemplo (32) é um caso interessante, pois, diferentemente de (30) e (31) o SP à agressividade, introduzido pela preposição 'a', é do tipo [- animado].

No corpus, as sentenças envolvendo transferência material alternam entre as preposições 'a' e 'para'.

(ii) Transferência verbal/perceptual (*dizer, perguntar*)

Os predicados de *transferência verbal* e *perceptual* têm o verbo *dizer* como prototípico. Segundo Berlinck (1996), eles envolvem a noção de transferência de entidades inanimadas, com traço semântico [-animado] para uma entidade animada, ou seja, a entidade participante do processo que possui o traço Meta/Alvo é sempre uma entidade [+animada]. Os exemplos retirados do *corpus* mostram alternância entre as preposições 'a' e 'para', como se pode ver nas sentenças (33) a (35):

(33) [entrevistado] A ministra Ellen Grace ***pediu*** inclusive brevidade ***ao ministro***... (p. 180).

(34) [entrevistado] Olha... o quadro atual eu vejo e já **disse** [$\emptyset_{OD}$] ***pra ambos os candidatos*** que pleiteiam ser o reitor... (p. 142).

(35) [entrevistado] Ela **colocou *pra todos os secretários*** que aqueles que tivessem pretensão de ser candidato deveriam abandonar antes o prazo pra que as pessoa não pudessem criticar. (p. 139).

(iii) Movimento físico (*levar, trazer*)

Os verbos que compõem o grupo de *movimento físico*, segundo Berlinck (1996.), representam uma extensão da idéia de transferência porque complementam tal noção com um movimento físico. O sentido prototípico dessas construções é um movimento físico de transferência em direção a uma meta/alvo – transferência de N_1 para N_2. Quando expresso por uma entidade [-animada], o objeto Meta/Alvo tem um

significado de ‘locativo’; quando expresso por uma entidade [+animada] tem conotação ‘beneficiário’ em vez da leitura locativa.

O verbo que expressa prototipicamente esse movimento é ‘levar’, seguido de: *acrescentar; atirar; conduzir; dirigir; encaminhar; instilar; lançar; pôr*; *trazer*, conforme exemplos abaixo

No exemplo (36) ocorre *movimento físico* com SP do tipo [+animado], introduzido pela preposição ‘a’.

(36) [entrevistado] ...a governadora anunciou recentemente no forum paraense de competitividade e nós eh... ***levamos*** isso ***aos deputados***. (p. 22)

4.5. Quanto às estratégias de uso do complemento dativo no corpus

Como já apontado na Parte I, subseção (2.2.9), as estratégias para expressão do complemento dativo em PB, salvo algumas diferenças, são 4 (ver Berlinck (2000) Gomes (2003) Freire (2005)): (i) clítico, (ii) categoria vazia, (iii) sintagma preposicionado com pronome tônico (iv) sintagma preposicionado com SN pleno.

No português culto falado em Belém, registraram-se todas as quatro estratégias.

Conforme já era esperado, não houve nenhuma ocorrência de construção com objeto duplo (ver 2.2.9, Parte 1), nos termos mencionados por Scher (1996), Gomes (2003b), e Lucchesi & Mello (2009). Por tratar de português falado culto, a alternância dativa não foi atestada.

Abaixo, apresentam-se as sentenças que corroboram as estratégias de uso do complemento dativo:

(i) Uso do clítico

(37) [apresentadora] [...] e vêem aquele espaço como mito... como se não ***lhe*** pertencesse... então acho que precisa mudar isso né... (p. 47)

(ii) categoria vazia

(38) [entrevistado] Conversei com o ministro Luiz Dulce também e coloquei...[**Ø$_{OI}$**] e eles logicamente vão conversar com o presidente... (p. 140)

(iii) sintagma preposicionado com pronome tônico

(39) [entrevistado] Quem apoiava a candidatura da deputada Maria do Carmo era o presidente Berzoini e eu conversei à noite... de sábado... à noite com o presidente do meu partido... coloquei ***pra ele*** a situação no Pará (p. 140)

(40) [entrevistada] ...então nesse show... to querendo assim... fazer uma homenagem a esse Deus... de uma forma assim... de agradecer ***a ele*** por este dom que ele me deu. (p. 49)

(iv) sintagma preposicionado com SN pleno.

(41) [entrevistada] ...essas duas canções estão porque assim... não teria como agradecer ***ao senhor*** né... sem mostrar mesmo ***pra ele e pro público*** **né**... (...) (p. 50)

5. Conclusão

Quanto ao tópico analisado – a expressão do dativo no belenense falado culto – os dados não corroboram a hipótese, categórica, que vem sendo feita sobre o PB, de modo geral: a hipótese de que o 'lhe' dativo não faz mais parte da gramática dos brasileiros. Em Belém, atesta-se, em dados do português culto falado, produtividade do 'lhe' dativo como se viu na subseção (2.2.) – ver exemplos (12) a (15). Atesta-se, no entanto, o uso de 'lhe' acusativo, conforme vem ocorrendo nas demais regiões do Brasil, o que aponta para um processo de recategorização do 'lhe' também nesta parte do país. Também, nos dados, o emprego da preposição 'a' dativa é bem producente, embora haja uma atestada alternância entre 'a' e 'para' dativos. Logo, também não se pode dizer que o 'a' dativo esteja fora da gramática do PB, pois esse fato não se confirma nos dados do belenense falado culto.

No português falado em Belém verificam-se a presença das 4 estratégias de uso do complemento dativo: (i) clítico, (ii) categoria vazia, (iii) sintagma

preposicionado com pronome tônico (iv) sintagma preposicionado com SN pleno. No entanto, não foi atestado o uso de objeto duplo, como apontado em Scher (1996), Gomes (2003b), e Lucchesi & Mello (2009). Este fato, com certeza, se explica por serem os dados de objeto duplo, apontados pelos autores (op. cit.), dados do português falado não culto. Os dados analisados são parte da fala de belenenses cultos.

Voltando ao uso da preposição ‘a’ dativa, atestada nos dados, observa-se a sua utilização preferencial em casos em que há movimento e transferência material e o dativo é marcado pelo traço [+animado], como se vêem nos exemplos (01) a (06) na subseção (2.1.1). Logo, os dados não corroboram integralmente a proposta de Gomes (2003a) quanto ao uso desta preposição. No entanto, o uso de ‘a’ dativo em casos em que há transferência material e o dativo é marcado pelo traço [+animado] não é categórico nos dados, pois a preposição ‘a’ dativa também ocorre em contextos onde não há transferência material e o SP possui traço [-animado].

Quanto à hipótese do ‘apagamento de ‘lhe’ em PB, Figueiredo e Silva (2007) vai contra a essa hipótese e usa a justificativa de que ‘lhe’ exibe o traço [+humano]. De acordo com o ‘mapeamento implicacional de referencialidade’, quanto mais referencial o pronome, maior é a possibilidade de ele se apresentar como pronome pleno. Logo, seguindo este ‘mapeamento’, o ‘lhe’ deveria estar cada vez mais explícito na gramática do PB e o que ocorre é justamente o contrário, segundo a literatura.

No entanto, nos dados analisados em Belém, o ‘lhe’ não está ausente da gramática dos falantes, e a sua presença atesta-se, em sua maioria, em contextos em que este pronome é [+referencial]. Logo, os dados, no tocante à presença do ‘lhe’ na gramática falada dos belenenses cultos, corroboram a hipótese do ‘mapeamento implicacional de referencialidade’.

Portanto, tomando como base as ocorrências do clítico ‘lhe’ dativo na análise dos dados no PB culto falado em Belém, a hipótese de seu desaparecimento (como dativo) não se confirma. Logo, não se pode dizer que esteja ocorrendo uma perda do ‘lhe’ na gramática dos brasileiros, mas sim uma recategorização deste pronome

6. Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. Gramática Metódica da Língua Portuguesa. 44ª ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BACHMANN, Iris. Norm and Variation on Brazilian TV evening news programmes: the case of third-person direct object anaphoric reference. (2009)

_____ Norma e variedade na TV brasileira: perspectivas de pesquisa os clíticos camuflados. Hand out de palestra ministrada na FFLCH/USP/ 2007.

BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa. 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2009.

BERLINCK, R. de A. The Portuguese Dative. In: VAN BELLE, W & VAN LANGENDONCK, W. *The Dative*. Amsterdam: John Benjamins, 1996. (Descriptive Studies, 1). p. 119-151.

BRANDÃO, Cláudio, Sintaxe Clássica Portuguesa. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1963.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. Dicionário de Lingüística e Gramática referente à língua portuguesa. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

CAMPOS, E. A & OLIVEIRA, M. S. D. de. 2008. Português brasileiro e a região norte do país – "Picaretas em punho: vamos cavar!". Manuscrito.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Texto de Apresentação *in* JURBAN, Clélia Cândida A. & KOCH, Ingedore G. V (Orgs.). Gramática do Português culto falado no Brasil – construindo o texto falado I. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. Nova Gramática do Português Contemporâneo. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CYRINO, S., NUNES, J. PAGOTTO, E. (a sair). Complementação. *In Gramática do português culto falado no Brasil – A construção da sentença*, orgs. M. A Kato, M. do Nascimento. Campinas: Editora da UNICAMP. Cap. 2.

FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. A perda do marcador dativo e algumas de suas conseqüências. In CASTILHO, Ataliba T. de et alii (Orgs.). *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*. São Paulo: Fapesp, Campinas: Pontes Editores, 2007. p. 85 a 110.

FREIRE, Gilson Costa. A realização do acusativo e do dativo anafóricos de terceira pessoa na escrita brasileira e lusitana. Tese de doutorado – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005.

GOMES, Christina Abreu Variação e mudança na expressão do dativo no português brasileiro. In PAIVA, M. da C. de & DUARTE, M. E. L. (Orgs.) *Mudança Linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003a, p. 81-96.

_____. Dative alternation in Brazilian Portuguese: typology and constraints. Language Design 5. 2003b, p. 67-78. Disponível em: http://elies.rediris.es/Language_Design/LD5/abreu.pdf. Acessado em 10.01.10.

ILARI, Rodolfo et alii A preposição. In ILARI, Rodolfo & NEVES, Maria Helena Moura (Orgs. 2008). Gramática do Português Culto Falado no Brasil: classes de palavras e processos de construção**,** vol. II. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2008. p. 623 a 804.

ISEKE BISPO, Karla. A sintaxe do dativo no português. 2004. Disponível em: WWW.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno14-02html. Acessado em 20.03.09.

_____ & LIMA SALLES, Heloisa Maria M. Estudo comparativo do dativo no português brasileiro e em línguas românicas e germânicas. Estudos Lingüísticos XXXIV, 2005 p. 1343-1348, 2005. Disponível em: http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2005/ 4publica-estudos-2005-pdfs. Acessado em 21.01.10.

LARSON, Richard K. On the double object construction. Linguist Inquiry, vl. 19, 1988, p. 335-91.

LUCCHESI, Dante & MELLO, Camila. A alternância dativa no português afro-brasileiro: um processo de reestruturação original da gramática. PAPIA 19, 2009. p 153-184.

MARCHUSCHI, Luiz Antônio. Da Fala para a Escrita: atividades de retextualização. 5ª. Ed. ESão Paulo: Cortez, 2004.

MATEUS, Maria Helena Mira et alii. Gramática da Língua Portuguesa. 5a. ed. Lisboa: Editora Caminho, 2003.

MIOTO, Carlos et alli. Novo manual de sintaxe. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2005.

NARO, A., SCHERRE, M. 1993. Sobre as origens do Português Popular do Brasil, *Revista D.E.L.T.A.(9,* nº especial*.* São Paulo.

_____. & SCHERRE, M. Origens do português brasileiro. São Paulo: Parábola, 2007.

NEVES, Maria Helena de Moura, Gramática de Usos do Português. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

NOLL, Volker. O Português Brasileiro – formação e contrastes; traduzido por Viaro, Mário Eduardo. São Paulo: Globo, 2008

NUNES, J. 1993. Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. *In* KATO, M. A & ROBERTS, I. (Orgs.) *O Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP.

OLIVEIRA, Marilza de. A perda da preposição *a* e a recategorização de *lhe*. Gel – 2003. Disponível em endereço eletrônico: http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/maril008.pdf, último acesso: 28.05.2009.

OLIVEIRA, Márcia S. Duarte de. Análise sintática do português falado no Brasil. Vol. 1. (no prelo).

PAGOTTO, E. Crioulo sim, crioulo não uma agenda de problemas. *In*. CASTILHO, A. T. et alii (Orgs). *Descrição, História e Aquisição do português Brasileiro*. São Paulo: Fapesp, Campinas: Pontes Editores, 2007. p. 461 a 482.

RAPOSO, E. (1992). *Teoria da gramática: a faculdade de linguagem*. Lisboa: Caminho.

ROCHA LIMA, C. H. da. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. 46ª ed. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 2007.

ROCHA, Maura A. Freitas & LOPES, Ruth E. Vasconcelos. Cap. IV – Adjunção. *In* KATO, Mary & NASCIMENTO, Milton do. *Gramática do Português culto falado no Brasil*, *vol. III*. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas (no prelo).

SCHER, Ana Paula. 1996.As construções com dois complementos no inglês e no português do Brasil: um estudo sintático comparativo. Dissertação de Mestrado, Universidade de Campinas.

SILVA, Augusto Soares da. A semântica do objecto indirecto em português: um espaço cognitivo multidirecional. Revista Portuguesa de Humanidades, III (1999), p. 63-99.

SILVA NETO, S. 1963. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil.* Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/MEC.

TARALLO, F. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. *In* ROBERTS, I & KATO, M. (Orgs.) *O Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo,.* Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996a, p. 35-68.

_____. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I. & MATO, M. (Orgs). *O Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo.* Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996b p. 69-106.

TEYSSIER, Paul. História da Língua portuguesa. Lisboa: Sá da Costa, 1985.

TORRES MORAIS, M. A. C. & BERLINCK, Rosane de A. A Caracterização do objeto indireto no português: aspectos sincrônicos e diacrônicos. In LOBO, T. *et alii*. (Org.). *Para a história do português brasileiro.* Salvador: EDUFBA, 2006c (Novos dados, Novas Análises, 60, p. 73-105).

_____ BERLICK, Rosane A. "Eu disse pra ele" ou "Disse-lhe a ele": a expressão do dativo nas variedades brasileira e européia do português. *In* CASTILHO, A. T. et alii (Org.) Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro. São Paulo: Fapesp, Campinas: Pontes Editores, 2007. p. 61 a 83.

_____ BERLICK, Rosane A. Em busca do português paulista. (a sair).

TORRES MORAIS, M. A. C. O dativo de posse no português. In Gladis Massini Cagliari (Org.) Trilhas de Mattoso Câmara e outras trilhas: Fonologia, Morfologia, Sintaxe. São Paulo: Cultura acadêmica, 2007 v. 12, p. 211-235.

_____ & LIMA SALLES, Heloisa Maria M. Parametric Change in the grammatical enconding of indirect objects in Brazilian Portuguese.

_____ & RIBEIRO, Ilza. Contraste da sintaxe dos clíticos no português europeu e português brasileiro. Linha D'água. nº 17. São Paulo: Humanitas, 2005. p. 21-48.

Brasil Escola.http://www.brasilescola.com/historiab/as-drogas-sertao.htm

Wikipedia. Ciclo da Borracha. http://pt.wikipedia.org/wiki/Ciclo_da_borracha

ANEXOS

Nesta seção, lista-se as sentenças retiradas do corpus e utilizados na descrição e análise constante na Parte III, desta dissertação. A ordem das sentenças na seção de análise, no entanto, difere da ordem nesta seção de anexos.

(01) [entrevistado] então, ***nós*** queremos dar uma visão mais macro pra **eles** (p. 88)

(02) [entrevistado] eh... houve realmente um atraso justamente por conta dos estudos geotécnicos que foram necessários pra dar segurança justamente **à obra**... [entrevistado] mas pra não atrasarmos demais a obra fizemos uma sobrecarga **no aterro hidráulico.**

(03) [entrevistado] então você faz a contenção com pedras e depois você lança a areia entre a pedra e o continente... então você cria as condições de **se fazerem** as pistas e a área de lazer **para a orla de Belém.**..

(04) - [entrevistado] o trabalho é contínuo certo... obviamente que tem uma eleição... nosso primeiro mandato termina agora caso o prefeito se reeleja essa continuidade **vai ser dada à obra** que ela não para ela tá com os recursos para...

(05) [apresentadora] nós somos os maiores produtores de pescado do país mas todo ano é a mesma novela... falta peixe... ou o preço aumenta... **levaram** o nosso peixe **pro nordeste**... e isso o tempo passa e nada é resolvido secretária... o que que a gente vai fazer agora?

(06) [apresentador] não daria pra suprir a demanda da nossa população e assim mesmo ainda continuar o sistema de exportação... porque o sistema ele **não traz** dividendos **pro estado** ele não é tributado?

(07) [entrevistado] ...então nós precisamos ter além da fiscalização do que **fica** de imposto **pro estado** nós temos que fiscalizar também as condições sanitárias.

(08) [apresentador] então o que é que acontece eles não tem nenhuma estrutura logística... por que que eles **vendem** [**$Ø_{OD}$**] **pra esse frigoríficos de fora**... do nordeste?.[apresentador] o cara pára o caminhão lá na chegada do barco... **compra** o barco todo [**$Ø_{OI}$**] ... paga à vista e vai embora...

(09) [apresentador] secretário nós já temos uma outra pergunta do telespectador... o senhor não acha que o estado já estaria na hora de **providenciar** um porto exclusivo **pra exportação do boi em pé**?

(10) [apresentadora] inúmeros são os fatores que **conduzem** a criança **à prática** desta arte oriental

(11) [entrevistado] o judô ele envolve o movimento [...] permeado por uma norma filosófica das mais belas que eu conheço [...] ... então ela **causa** um grande benefício sim **pro lado educativo** da criança... pro lado da formação desse indivíduo

(12) [entrevistado] eu não posso passar um treinamento... **prescrever** um treinamento de atleta competidor **para um sedentário**...

(13) [debatedor] ...e o judô acaba influenciando... quer dizer o praticante do judô... de uma certa forma na profissão dele ele **leva** isso **pro seu dia a dia**...

(14) [apresentadora] a gente ta falando muito dos benefícios do judô... do senso de oportunidade a superação que ele **pode proporcionar pro praticante do judô**...

(15) [entrevistado] o jiujitsu **pode proporcionar** isso sim **ao seu praticante** é uma modalidade irmã que foi desenvolvida dentro do território brasileiro...

(16) [apresentador] havia um zumzumzum na cidade de que essa maré talvez criasse uma série de problemas ***para a obra do Portal da Amazônia***... (p. 3)

(17) [entrevistado] ...então tudo que vai sendo jogado em cima vai dando mais estabilidade ***ao corpo da contenção*** como um todo (p. 5).

(18) [entrevistado] ...a governadora anunciou recentemente no forum paraense de competitividade e nós eh... levamos isso ***aos deputados***. (p. 22)

(19) [entrevistado] eh... não pode colocar realmente... dar um lado pejorativo ***à agressividade*** (29).

(20) Nós temos que saber prescrever essa atividade ***para esse indivíduo*** (p. 31)

(21) ... então é uma base que a gente vai dando ***pra esse atleta*** já no início da sua fase competitiva (p. 35)

(22) [apresentadora] ...infelizmente né... porque esses espaços são pra todos (....) eu me lembro que eu fazendo um enquete sobre o Teatro da Paz... pessoas aqui da cidade... nunca entrou... e vêem aquele espaço como mito... como se não ***lhe*** pertencesse... então acho que precisa mudar isso né... (p. 47)

(23) [entrevistada] ...então nesse show... to querendo assim... fazer uma homenagem a esse Deus... de uma forma assim... de agradecer ***a ele*** por este dom que ele me deu. (p. 49)

(24) [entrevistada] (...) essas duas canções estão porque assim... não teria como agradecer ***ao senhor*** né... sem mostrar mesmo ***pra ele e pro público*** **né**... (...) (p. 50)

(25) [entrevistada] ...e na hora de você externar isso de você usar a sua profissão... né... pra poder agradecer ***a ele***...(p. 50)

(26) Pra você ter acesso basta entrar em contato com a própria secretaria de cultura que lá eles dão todas as informações... [$\mathbf{Ø_{OI}}$] inclusive existem... eh... nós mandamos imprimir... (p. 54)

(27) ... então naquela noite Moisés falou ***pro povo hebreu*** a mandado de Deus que eles deveriam matar um cordeiro naquela noite... (p. 61).

(28) ...esse é um patrimônio importante um patrimônio público né... que possibilita ***às pessoas*** informação... conhecimento né... (p. 72).

(29) No segundo bloco do programa Jureuda Guerra, coordenadora do centro Maria do Pará fala sobre o tipo de serviço que nesta instituição oferece ***para as mulheres*** (p. 85).

(30) Participe do programa... faça perguntas ***aos nossos convidados*** (p. 85).

(31) Que esse eixo... esse corredor vamos dizer assim... de produção não sirva a apenas a exportação dos nossos produtos... mas que agregue valor eh... que sirva ***pra os pequenos e médios produtores*** (p. 87).

(32) [entrevistado] A decisão do governo que a Constituição Estadual ***lhe*** atribuiu... da forma como discutir o orçamento (...) (p. 89)

(33) E por favor participem aqui do Sem Censura... faça pergunta ***aos nossos convidados*** o povo aí desses lugares... (p. 89)

(34) Eu queria fazer uma pergunta ***para o secretário*** (p. 90)

(35) Então por mais que a família não assista ***a criança e o adolescente***... (p. 102).

(36) A mãe fica tranqüila porque o filho já estuda num bom colégio... porque já tem a saúde dele garantida... e porque tem inclusive um laser... alguma forma de ter um padrão de vida melhor do que ela daria... ***pra ela*** resta pouca coisa... (p. 105)

(37) [apresentadora] ...e tem uma outra de Marituba (...) diz assim... comprei uma moto em 36 parcelas... e vendi ***para um amigo*** (p. 114)

(38) Passe o financiamento ***pro nome da pessoa*** que adquiriu que já devia ter feito isso há mais tempo (p. 114)

(39) ...faz um campo de futebol... e começa a oferecer ***aos jovens*** (...) ele ofereceu o futebol como um atrativo... ele começou o processo de catequizar ele vai catequizando e vai oferecer ***aos jovens*** alternativas... (p. 119)

(40) [apresentador] Então a justiça solicita... o RC (Instituto Renato Chaves) passa ***para a UFPA*** pra realizar o exame? (p. 137)

(41) fizemos as parcerias com a UFPA e com outras faculdades e nós conseguimos eh... na verdade... doar este ano alguns corpos...[$\mathbf{Ø_{OI}}$] então a gente ta organizando isso né... (p. 139)

(42) Ela colocou ***pra todos os secretários*** que aqueles que tivessem pretensão de ser candidato deveriam abandonar antes o prazo pra que as pessoa não pudessem criticar. (p. 139)

(43) Quem apoiava a candidatura da deputada Maria do Carmo era o presidente Berzoini e eu conversei à noite... de sábado... à noite com o presidente do meu partido... coloquei ***pra ele*** a situação no Pará (p. 140)

(44) Conversei com o ministro Luiz Dulce também e coloquei...[$Ø_{OI}$] e eles logicamente vão conversar com o presidente... (p. 140)

(45) Olha... o quadro atual eu vejo e já disse [$Ø_{OD}$] ***pra ambos os candidatos*** que pleiteiam ser o reitor... (p. 142)

(46) Nós abrimos as inscrições semana passada ***para o aluno*** e alguns convidados e essa semana... desde hoje de manhã ***para a população em geral***... (p. 163)

(47) São empresas que dão bolsas ***aos seus alunos*** exatamente por acreditarem na educação à distância. (p. 164)

(48) A Unama é a única e isso eu posso afirmar... universidade do norte do Brasil que é nacional ou seja que atende ***a alunos*** em todo o Brasil (p. 164)

(49) Mas não me consta Guilherme que a Governadora tenha baixado nenhum decreto proibindo que os produtores vendam a sua produção ***para os frigoríficos***... (p. 167)

(50) (...) O importador que ficou aqui desde novembro até mês passado... ele foi à Venezuela... mostrou [$Ø_{OD}$] ***pra delegação brasileira***... mostrou pros técnicos da Venezuela que não poderiam ter essa exportação porque as exigências eram grandes demais. (p. 169)

(51) Inclusive o supremo tribunal federal ano passado fez uma audiência pública onde foram chamados vários especialistas na área para que pudessem dar um suporte maior ***aos ministros***. (p. 178)

(52) A ministra Ellen Grace pediu inclusive brevidade ***ao ministro***... (p. 180)

(53) (...) um ato que o Ministério da Educação acabou proporcionando ***para o governo*** (15/09/08; 22:20)

(54) E os cachorros que o senhor cria? (...) E como era... doavam [$Ø_{OD}$] ***pro senhor***? (15/09/08; 38:20)

(55) Eu quero cumprimentar ***a todos os aliados***... (06/10/08; 02:40)

(56) Isso tudo para exatamente retratar ***pra sociedade*** o diferencial de cada candidatura. (06/1-/08; 11:40)

(57) Eu que te agradeço... agradeço ***ao telespectador***... (06/10/08)

(58) ...e dar uma nova roupagem ***para o Ver-o-pêso***... (15/09/08)

(59) A frase que dá o verdadeiro sentido ***para o círio*** é uma frase popular (...). (02/10/08; 33:00)

(60) ...uma pergunta que pode servir ***pra ti*** e também ***pro Jomar.*** (02/10/08; 35:10)

(61) (...) você chegar até a nossa clínica de plantas onde você será atendido por profissionais que podem ***lhe*** identificar se aquilo é doença... (p. 24)

(62) ...eu creio em pedido de perdão... confessai os vossos pecados ele é fiel para ***lhe*** perdoar e ***lhe*** purificar de todas as injustiças... (p. 63).

(63) [entrevistado] eu vou ***lhe*** falar só dois itens desse programa que são importantes para responder a ***tua*** pergunta... ***teu*** questionamento. (p. 90)

(64) [apresentadora] secretário vamos esperar agora as perguntas dos telespectadores pro ***senhor*** né... eu ***lhe*** agradeço por ter vindo explicar esse plano (91)

(65) [apresentadora] Boa tarde... obrigada por ***cê*** ter vindo... eu já aproveito pra ***te*** perguntar... (p. 92)

(66) de repente o casal pode viver junto na mesma casa... por exemplo... vou ***lhe*** dar uma hipótese... (p. 99).

(67) [apresentadora] Gilberto... obrigada por cê ter vindo... o livro não é a ***tua*** tese de doutorado não... é...(p. 108)

(68) [apresentadora] ...só vou ***te*** pedir ***pra você***... respostas mais curtas... tem muita pergunta pra gente atender todos os telespectadores que fizeram perguntas pra você... (p. 113)

(69) [apresentador] Bruna você é estudante de odontologia... você quer ser odontóloga... dentista... o que ***lhe*** levou a um concurso de miss Pará? (p. 130)

(70) [apresentador] (...) agora professor... por que que a governadora ***lhe*** substituiu antes do prazo? (p. 139)

(71) Deixa eu ***lhe*** falar o que nós temos conversado com o PMDB (...) eu to com dados aqui e posso ***lhe*** mostrar (p. 141)

(72) [apresentador] Professor... a imagem do governo petista atual... da governadora Ana Julia vai ***lhe*** favorecer ou desfavorecer... qual é a imagem que ***o senhor*** faz do momento? (p. 143)

(73) [apresentador] tem um telespectador ***lhe*** perguntando sobre aquelas lixeiras seletivas da administração passada acabaram? (p. 146)

(74) [apresentador] tem um telespectador ***lhe*** perguntando aqui... pelo menos uma primeira é muito interessante... qual é a idade ideal para corrigir problemas de dicção? (p.157)

(75) não sei ***te*** responder... mas eu ***lhe*** faria a seguinte pergunta... se ***você*** sair daqui pra qualquer país do mundo fechar uma rodovia o que ***lhe*** acontece? (p. 173)

(76) isso é uma cultura né... como eu ***lhe*** coloquei ainda há pouco... (p. 182)

(77) ... e isso vai dar um ganho muito grande ***para todo o Estado do Pará***. (p. 168).